



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

DM
HENR/PC1

**ATITUDES, CRENÇAS, CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS DE
PAIS, PROFESSORES E CRIANÇAS DO 1º CICLO – APÓS APLICAÇÃO
DE PROGRAMA DE PREVENÇÃO DOS ABUSOS SEXUAIS DE
CRIANÇAS**

Paula Cristina Abrantes Henriques

Orientador de Dissertação:

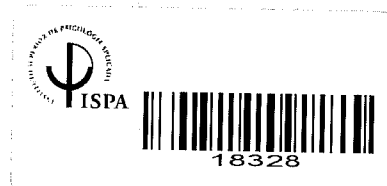
José Ornelas

Coordenador de Seminário de Dissertação:


José Ornelas

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA



2008

 ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de
Documentação e
Registo: 18328
Data: 09/06/09
Tel.: 21 881 17 50 • bibispa@ispa.pt

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor José Ornelas, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Comunitária conforme o despacho da DGES, nº 6037 / 2007 publicado em Diário da República 2ª Série de 23 de Março, 2007.

Não posso deixar de pronunciar algumas palavras de agradecimento a algumas pessoas da minha vida sem as quais não teria sido possível terminar este trabalho.

Agradeço ao Professor José Ornelas pelo apoio, determinação e optimismo sempre presente em todas as orientações de mestrado.

Agradeço à Professora Susana Maria pelo seu profissionalismo, competências, sensatez, e por todos as admiráveis sugestões.

Aos meus Pais pelo infinito investimento e paciência, pelo amor incondicional e pela palavra certa em todos os momentos.

Ao melhor Amigo e Companheiro do Mundo Carlos pela sua infindável ajuda, paciência e optimismo, e por fazer com que o mundo pareça sempre melhor.

Às Amigas e colegas que sempre pacientes foram fazendo deste trilho o mais saboroso de caminhar.

À família e restantes Amigos pelas inúmeras palavras de conforto e amizade.

E a todas as pessoas que ainda que distantes e menos presentes tiveram a sua responsabilidade na construção deste trabalho e com quem ingressei numa longa viagem em prol da construção de um mundo melhor.

RESUMO

Este trabalho tem como objectivo perceber quais as Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais, Professores e Crianças do 1º Ciclo possuem acerca da Prevenção do Abuso Sexual de Crianças em Idade Pré-Escolar após a comparência de um programa de Prevenção.

Trata-se assim de um estudo exploratório de carácter preventivo. Os instrumentos para Pais e Professores que foram utilizados para a realização deste trabalho (Ver Anexo A) procederam do estudo: *Sexual Abuse Prevention for Preschoolers: A Survey of Parents's Behaviors, Attitudes, and Beliefs* (Wuntele, Kvaternick & Franklin, 1992), publicado no *Journal of Child Sexual Abuse*.

Com o intuito de complementar os questionários originais, foram acrescentadas outras questões, provenientes do *Child Abuse Knowledge Questionnaire* (Hibbard, R. A., & Zollinger, T. W., 1990), do *Child Abuse Myth Scale* (Collings, Steven, J., 1997), e também do CAP – *The Child Assault Prevention Project*. Foram instrumentos adaptados pela Associação Portuguesa para o Estudo e Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças (APPEPASC), para tornar mais enriquecedora a análise e realização do presente estudo.

Verificou-se que o Programa de Prevenção ao qual participaram os pais, professores e crianças, foi de extrema utilidade na aquisição de conhecimentos relativamente aos programas de prevenção do abuso sexual de crianças em idade pré-escolar, nomeadamente nas competências importantes a ser ensinadas às crianças, no entanto, evidenciou-se ainda algumas dúvidas em questões mais específicas, especialmente no que se refere a mitos sobre os abusos, evidenciando que é difícil desenraizar opiniões formadas.

Palavras-Chave: Abuso Sexual de Crianças, Programa de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças, Empowerment, Prevenção Primária.

RESUME

The goal of this paper is to understand the Attitudes, Beliefs, Knowledge's and Skills that Parents, Teachers and Children's of Primary School, have about Prevention of Child Sexual Abuse, after they participate in a Prevention Child Sexual Abuse Program.

It is an exploratory study of a preventive aspect. The instruments for Parents and Teachers that were used for this paper (see Anexo A) came from the study: *Sexual Abuse Prevention for Preschoolers: A Survey of Parents's Behaviors, Attitudes, and Beliefs* (Wuntele, Kvaternick & Franklin, 1992), published on the Journal of Child Sexual Abuse.

With the intent to enrich the original questionnaires, other questions were added from the *Child Abuse Knowledge Questionnaire* (Hibbard, R. A., & Zollinger, T. W., 1990), the *Child Abuse Myth Scale* (Collings, Steven, J., 1997), and also from CAP – *The Child Assault Prevention Project*. These instruments were adapted by the Associação Portuguesa para o Estudo e Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças (APPEPASC), to improve the making and analysis of this study.

It was clear that the Prevention Program in which the parents, teachers and children that participated, was of extreme usefulness on the gathering of knowledge about the sexual abuse on children on primary school prevention programs, namely on the important skills to be taught to the children but, there were some doubts on specific questions, specially the myths around the abuses, showing that some formed opinions are hard to change.

Key-Words: Child Sexual Abuse, Child Sexual Abuse Prevention Programme, Empowerment, Primary Prevention.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
2.1. Abuso Sexual de Crianças.....	6
2.1.1. O Abuso Sexual de Crianças como um Problema Global	8
2.1.2. Definição de Abuso Sexual de Crianças	10
2.1.3. Assédio <i>Online</i> – Uma Nova Dimensão dos Abusos Sexuais de Crianças	13
2.1.4. Tipos de Abuso Sexual de Crianças.....	16
2.1.5. Consequências do Abuso Sexual de Crianças	19
2.1.5.1. Efeitos Psicológicos / Emocionais / Comportamentais dos Abusos Sexuais de Crianças	20
2.1.6. Os perpetradores dos Abusos Sexuais de Crianças.....	26
2.1.7. Mitos sobre os Abusos Sexuais de Crianças.....	27
2.1.8. Questões da Memória no Abuso Sexual de Crianças	30
2.2. Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças.....	36
2.2.1. Origem da Prevenção	36
2.2.2. Prevenção do Abuso Sexual de Crianças nas Instituições.....	38
2.2.3. Programas de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças nas Escolas.....	40
2.2.4. Envolvimento Parental na Prevenção do Abuso Sexual de Crianças	44
2.2.5. Serão os Programas de Prevenção eficazes na redução do abuso?	49
2.3. Estudos de Investigação	52
2.3.1. Efeitos de um Programa de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças numa Escola Primária	52
2.3.2. Programas de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças: Diminuem a ocorrência do Abuso Sexual?.....	55
2.3.3. Participação dos Pais num Programa de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças	57
3. OBJECTO DE ESTUDO E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	63

4. MÉTODO	65
4.1. Delineamento	65
4.2. Participantes	65
4.3. Instrumentos	70
4.4. Procedimentos	74
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	77
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	127
7. CONCLUSÕES.....	143
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152
9. ANEXOS	170
ANEXO A: Questionário Pais.....	171
ANEXO B: Questionário Professores	187
ANEXO C: Questionário das Crianças – Tradução do Children’s Knowledge of Abuse Questionnaire Revised – II (CKAQ –RII).....	200
ANEXO D: Análises Estatísticas.....	204

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Mitos e Realidade sobre o Abuso Sexual de Crianças	27
TABELA 2: Outros Mitos sobre os Abusos Sexuais de Crianças.....	29
TABELA 3: Síntese dos Estudos de Investigação	61
TABELA 4: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de como denunciar se forem abusadas sexualmente”	77
TABELA 5: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas que têm o direito de se sentirem seguras, fortes e livres”	78
TABELA 6: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que devem contar apenas aos seus pais se estiverem a ser vítimas de abuso”	78
TABELA 7: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a contar a alguém se forem abusadas sexualmente”	78
TABELA 8: Distribuição das respostas à Questão “As crianças mentem frequentemente acerca de terem sido sexualmente abusadas quando na verdade não o foram”	79
TABELA 9: Distribuição das respostas à Questão “A maioria dos abusos acontece em famílias com problemas”	80
TABELA 10: Distribuição das respostas à Questão “Hoje em dia acontecem mais abusos do que no pas	
TABELA 11: Distribuição das respostas à Questão “Numa família onde os pais se dedicam aos filhos é muito difícil ocorrer abusos sexuais”	81
TABELA 12: Distribuição das respostas à Questão “Se uma criança revela que sofreu os abusos sexuais e em seguida o nega, provavelmente, o abuso não ocorreu”	81
TABELA 13: Distribuição das respostas à Questão “Os efeitos dos abusos sexuais de criança são sempre muito graves”	82
TABELA 14: Distribuição das respostas à Questão “A maioria dos agressores são desconhecidos”	82
TABELA 15: Distribuição das respostas à Questão “As crianças que provocam os adultos são responsáveis pelos abusos”	83
TABELA 16: Distribuição das respostas à Questão “Se um(a) aluno(a)/filho(a) meu/minha for sexualmente abusado(a) eu seguramente me aperceberia”	83
TABELA 17: Distribuição das respostas à Questão “Os familiares denunciam sempre os abusos sexuais”	84

TABELA 18: Distribuição das respostas à Questão “Uma grande percentagem dos abusos sexuais implica violência física, contra a crianças”	84
TABELA 19: Distribuição das respostas à Questão “A maioria das crianças que sofrem abusos conta aos adultos”	85
TABELA 20: Distribuição das respostas à Questão “Os abusos sexuais de crianças são perpetrados tanto por homens como por mulheres”	86
TABELA 21: Distribuição das respostas à Questão “Muitas crianças inventam histórias de abusos para se vingarem dos adultos”	86
TABELA 22: Distribuição das respostas à Questão “A maioria dos agressores só se sente sexualmente atraído por crianças”	87
TABELA 23: Distribuição das respostas à Questão “Quando uma criança quer ou gosta do contacto sexual com um adulto, este não é considerado abuso”	87
TABELA 24: Distribuição das respostas à Questão “Os agressores normalmente padecem de uma doença mental”	88
TABELA 25: Distribuição das respostas à Questão “As crianças do 1º ciclo são demasiado novas para aprenderem acerca de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças”	88
TABELA 26: Distribuição das respostas à Questão “Devido ao facto dos abusos sexuais de crianças ser tão raro, as crianças do 1º ciclo não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças”	89
TABELA 27: Distribuição das respostas à Questão “As crianças que vivem em famílias católicas não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças”	90
TABELA 28: Distribuição das respostas à Questão “As crianças que vivem em famílias classe média/alta não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças”	90
TABELA 29: Distribuição das respostas à Questão “Apenas as raparigas precisam de aprender acerca dos abusos sexuais de crianças e do que fazer para se protegerem”	90
TABELA 30: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que se alguém tentar abusar sexualmente delas, estas podem dizer “Não”	91
TABELA 31: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que quando uma pessoa mais velha tentar tocar nos seus órgãos genitais estas nunca devem guardar segredo”	91
TABELA 32: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que ninguém lhes pode tocar de formas que as façam sentir desconfortáveis”	92

TABELA 33: Distribuição das respostas à Questão “Os programas de prevenção do abuso sexual de crianças devem ensinar às crianças de que se forem abusadas a culpa nunca é delas”	92
TABELA 34: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a tentar fugir se alguém tentar abusar delas”	93
TABELA 35: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a gritar alto quando alguém tenta abusar delas”	93
TABELA 36: “As crianças devem ser ensinadas de que as únicas pessoas que abusam as crianças são estranhas”	93
TABELA 37: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de dizer “Não” a um adulto”	94
TABELA 38: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de quando é e não é normal uma pessoa mais velha tocar ou olhar os seus órgãos genitais”	94
TABELA 39: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de decidir sobre quem deve tocar nos seus órgãos genitais”	95
TABELA 40: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que por vezes crianças mais velhas e adolescentes tentam abusar sexualmente de crianças mais novas”	95
TABELA 41: Distribuição das respostas à Questão - “As crianças devem ser ensinadas sobre os termos correctos para os seus órgãos genitais (p.e Pénis, vagina)”	96
TABELA 42: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a resistir lutando contra o agressor (p.e bater, dar pontapés) quando alguém tenta abusar sexualmente delas”	96
TABELA 43: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que alguém que elas amam e em quem confiam pode tentar abusar sexualmente delas, até mesmo a mãe, o pai, os tios, ou um/a vizinho/a”	97
TABELA 44: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a ouvir os seus próprios sentimentos e de como se sentem perante um determinado “toque”, se consideram normal ou não”	97
TABELA 45: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas acerca do significado dos termos relacionados com o abuso sexual, tais como molestar, violar e incesto”	98
TABELA 46: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que por vezes quando contam a um adulto que foram abusadas este poderá não acreditar nelas”	98

TABELA 47: Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que, quando feito em privado, é normal estas tocarem nos seus próprios órgãos genitais”	99
TABELA 48: Distribuição das respostas à Questão “Deve-se explicar às crianças o que se entende por comportamentos sexuais (p.e relação sexual) para melhor as preparar para situações abusivas”	99
TABELA 49: Distribuição das respostas à Questão “Se um contacto sexual entre um adulto e uma criança não envolver força, nem relação sexual, este não deixará sequelas psicológicas para a criança”	100
TABELA 50: Distribuição das respostas à Questão “Se uma criança não denunciar o contacto sexual, o mais provável é ela querer que este continue”	100
TABELA 51: Distribuição das respostas à Questão “O meu filho não está em risco de ser abusado sexualmente”	101
TABELA 52: Distribuição das respostas à Questão “As crianças que forem vítimas de abusos sexuais, quando crescem podem tornar-se elas próprias abusadoras”	101
TABELA 53: Distribuição das respostas à Questão “Onde/ Como adquiriu essa informação?”	104
TABELA 54: Distribuição das respostas à Questão “Para si que tipo de actos são considerados Abuso Sexual de crianças? Dê exemplos”	104
TABELA 55: Distribuição das respostas afirmativas à Questão “Algumas Questões sobre a Temática dos Abusos Sexuais de Crianças”	104
TABELA 56: Distribuição das respostas que ambos os grupos assinalaram à Questão “Como identificaria uma criança alvo de abusos sexuais?”	106
TABELA 57: Distribuição das respostas à Questão “Tem conhecimento de algum incidente de Abuso Sexual de Crianças que tenha ocorrido perto de si?”	107
TABELA 58: Distribuição das respostas à Questão “Suponha que denunciou uma situação de abuso sexual de crianças. Quais considera que terão sido as razões mais significativas para ter procedido à denúncia?”	107
TABELA 59: Distribuição das respostas à Questão “Suponha que não denunciou uma situação de abuso sexual de crianças. Quais considera que terão sido as razões mais significativas para não ter procedido à denúncia?”	109
TABELA 60: Distribuição das respostas conjunta dos Pais e Professores à Questão “O que o/a levaria a querer participar num programa de formação sobre os abusos sexuais de crianças?”	110

TABELA 61: Apresentação dos Resultados da Média e do Desvio Padrão para o Grupo dos Professores, face às 4 categorias criadas: a) Atitudes Preventivas; B) Agressores; C) Mitos; D) Atitudes Programas de Prevenção	112
TABELA 62: Apresentação dos Resultados da Média e do Desvio Padrão para o Grupo dos Pais, face às 3 categorias criadas: a) Atitudes Preventivas; B) Agressores; C) Mitos	112
TABELA 63: Percentagem de respostas das crianças: Sub-escala I	119
TABELA 64: Percentagens de respostas das Crianças: Sub-escala A	125

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Género dos Participantes Pais e Professores	65
FIGURA 2: Estado Civil Pais e Professores	66
FIGURA 3: Grau de Parentesco Grupo dos Pais.....	66
FIGURA 4: Número de Filhos Grupo dos Pais.....	67
FIGURA 5: Habilitações Literárias Grupo dos Pais	67
FIGURA 6: Idade Pais e Professores	68
FIGURA 7: Ano que Leccionam Grupo dos Professores	68
FIGURA 8: Número de Anos que Exerce a Profissão Grupo dos Professores	69
FIGURA 9: Género Grupo das Crianças.....	69
FIGURA 10: Idade dos Participantes Grupo das Crianças	69
FIGURA 11: Percentagem de adesão às perguntas abertas Pais e Professores.....	102
FIGURA 12: Que nível de informação considera ter sobre os abusos sexuais de crianças ..	102
FIGURA 13: Representação Gráfica das Respostas feitas dos Pais à Questão “Gostaria de ter formação para poder detectar e lidar com o abuso sexual com mais segurança?”	110

1. INTRODUÇÃO

“Cuidado implica o afecto, o ouvir, o alimento, a companhia, a presença, o gesto, o outro corpo, a fala, o sorriso, o acalento. É para além do alimento. É o alimento e o gosto. A fala e o canto. A comida e o calor. O vestir e o cobrir e o calor e a cor, o que nos dá colorido ao sentir, ao estar, ao ser diferente”

Joaquim, T. (p.27, cit. in 1991, p.50)

O Abuso Sexual de Crianças é um problema real, cada vez mais conhecido no mundo inteiro. Segundo Bagley e King (1990) o abuso sexual de crianças constitui-se como o maior problema de saúde mental, acarretando sérios riscos para a saúde mental do indivíduo na fase adulta.

O abuso sexual provoca consequências arrasadoras nas pessoas e a melhor forma de reduzir esses efeitos é pela Prevenção. Ao ensinarmos estratégias de “*empowerment*” às crianças estamos a reduzir a sua vulnerabilidade ao abuso e à exploração e, desta forma, a contribuir para que estas cresçam “seguras, fortes e livres”.

Muitos programas de prevenção foram desenvolvidos nas últimas três décadas, com o objectivo de preparar as crianças para resistir e reportar os avanços sexuais de potenciais abusadores (Carroll, L. A. 1992).

Segundo Fluke, J. (2008), a avaliação de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças, constata que o envolvimento das crianças e das famílias em programas de prevenção, reduz eficazmente a ocorrência de abusos.

Este trabalho de Mestrado pretende estudar as **Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais, Professores e Crianças do 1º Ciclo** detêm sobre a **Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças**, após terem participado num Programa de Prevenção sobre a

temática da Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças - **Programa de Prevenção CAP** (*Child Assault Prevention*).

O estudo envolve uma amostra de **76 pessoas** no total, distribuídos por três grupos diferentes: a) **23 Pais**; b) **29 Professores**; c) **24 crianças** do 1º Ciclo.

Os instrumentos para Pais e Professores que utilizamos para a realização deste trabalho (Ver Anexo A e B pág. 171 e 187) procederam do estudo: *Sexual Abuse Prevention for Preschoolers: A Survey of Parents's Behaviors, Attitudes, and Beliefs* (Wuntele, Kvaternick & Franklin, 1992), publicado no Journal of Child Sexual Abuse.

Com o intuito de complementar os questionários originais, foram acrescentadas outras questões, provenientes do *Child Abuse Knowledge Questionnaire* (Hibbard, R. A., & Zollinger, T. W., 1990), do *Child Abuse Myth Scale* (Collings, Steven, J., 1997), e também do CAP – *The Child Assault Prevention Project*. Foram instrumentos adaptados pela Associação Portuguesa para o Estudo e Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças (APPEPASC), para tornar mais enriquecedora a análise e realização do presente estudo.

Este estudo tem um carácter preventivo pela forma como procura aferir os conhecimentos dos pais, professores e crianças sobre a temática e de como os programas de prevenção se revelam eficazes na sua prática.

Para além de uma parte prática, o presente trabalho é constituído também por uma parte teórica, onde serão enquadrados teoricamente alguns dos conceitos e características relativas ao abuso sexual de crianças. O enquadramento teórico do trabalho irá compreender primeiramente um capítulo sobre o tema do abuso sexual de crianças onde irão ser abordados os temas da origem dos abusos; de seguida irá ser definido o conceito do abuso sexual de crianças, os tipos de abuso sexual, e as consequências do mesmo. A temática sobre quem usualmente comete os abusos, e os mitos que estão envoltos sobre este assunto, irá ser abordado de seguida.

Posteriormente, no final do capítulo, será dada uma atenção especializada à questão da Memória nos Abusos Sexuais de Crianças onde serão debatidas temáticas como: O Síndrome das Falsas Memórias e a existência de Memórias Recuperadas.

Finalmente a revisão bibliográfica terminará com um capítulo sobre a temática central deste trabalho: Os Programas de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças. Neste capítulo serão abordadas questões sobre: a sua gênese; sobre os programas de prevenção dos abusos sexuais nas escolas; a temática do envolvimento dos pais nos mesmos, da sua importância e eficácia na prevenção dos abusos. No seguimento deste capítulo serão caracterizados 3 estudos de investigação, dois dos quais relativos ao sucesso dos programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças nas escolas, sendo o último centrado na participação dos pais nos programas de prevenção do abuso sexual de crianças. Estes estudos de investigação funcionaram como elo de ligação para a parte metodológica do nosso trabalho.

O autor David Finkelhor foi extremamente influente no que se refere ao estudo destas temáticas dos abusos sexuais, segundo ele, as escolas e os programas de comunidade deram um passo em direcção a ensinar e inculcar nas crianças competências para que elas possam evitar o abuso (Finkelhor, 1990 cit in Bolen, 2003).

A prevenção dos abusos sexuais de crianças passa mesmo por este ponto, incluir programas nas escolas de forma a que as crianças, pais e professores sejam envolvidos. Estes programas são essenciais pois promovem o desenvolvimento do *empowerment* nas crianças ensinando-lhes estratégias e competências para que possam evitar e fugir de situações abusivas, da mesma forma que ensinam estas mesmas competências e estratégias aos adultos. Esta formação através dos *workshops* irá permitir que estes detectem precocemente o abuso sexual e intervenham no mesmo.

Os programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças ao envolverem a nível global os pais, as crianças, os professores e toda a comunidade, estão a aumentar globalmente o conhecimento sobre este tema, no sentido em que todas as pessoas envolvidas estão mais alerta, menos vulneráveis, mais atentas e mais preventivas. Se as comunidades estiverem mais alerta,

estão também menos vulneráveis e conseqüentemente os abusos irão diminuir. Esta é a verdadeira e extraordinária importância da **Prevenção**.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“Claro que imensos progressos faltam para ser alcançados. Não estamos ainda nem a metade do caminho de lá chegarmos. No entanto, estamos a caminho! Não há dúvidas de que a nossa dedicação conjunta ajudar-nos-á a alcançar esse objectivo!”

Brisset, C. (2007)

Lisbon, Novembro de 2007

The Convencional on The Rights od The Child

Os Direitos das Crianças – como refere a UNICEF – são fundamentais, e os seus componentes básicos são sumarizados na Lei dos 3 “Ps”:

“P – Proporcionar – Os adultos devem proporcionar Às crianças os elementos básicos que estas precisam para viver, tais como: comida, água potável, serviços de saúde, educação, vestuário, abrigo, etc. Sem estes elementos a criança não pode crescer, nem mesmo sobreviver.

P – Protecção – Protecção contra todas as formas de violência, incluindo conflitos armados, exploração social ou económica, violência dentro da família em que vive. Protecção contra todas as formas de discriminação, por exemplo: entre rapazes e raparigas, ou discriminação contra crianças com deficiência, crianças de minorias étnicas, crianças em conflito com a lei, etc.

P – Participação – As crianças têm o direito de participar na vida da sociedade de onde moram, por exemplo na vida cultural. As crianças têm o direito absoluto de serem consultadas em todas as decisões que lhes digam directamente respeito, tal como tomar decisões relativas à sua vida depois de uma separação dos pais, etc. “ Brisset, C. (2007).

É importante e fundamental que todos nós, em toda a parte do mundo, lutemos para que as crianças serem respeitadas em todos os seus Direitos. É nossa responsabilidade conjunta. Tal como refere Amado, A. (2008), “faço-o pelos meus filhos... faço-o por toda a comunidade”.

2.1. ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS

A violência contra as crianças sempre se constituiu como uma realidade na história da humanidade, esta é uma ideia partilhada por vários autores ao longo dos anos, Mahroos, Abdulla, Kamal e Ansari (2005) são alguns dos autores que partilham desta ideia. Segundo estes a crueldade para com as crianças sempre existiu ao longo das civilizações. Uma dessas formas de violência é a Sexual e é sobre essa que se irá centrar este trabalho.

Apesar de se tratar de um assunto proeminente desde os anos 60, altura em que adquiriu maior importância por parte dos profissionais que lidavam com crianças e da população em geral, só recentemente é que apareceu como sendo de facto um problema de saúde e bem-estar para a criança. Muitos autores escrevem acerca da temática do abuso de crianças, e apesar de nem sempre estarem de acordo nas suas convicções há uma ideia que parece convergir em todos eles: a ideia de que o abuso sexual de crianças é um tema delicado e complexo que se constitui como um inevitável desafio.

Gallagher (2001) vai ao encontro desta ideia, referindo que “quer os autores estejam a discutir as causas do abuso de crianças, a sua extensão, natureza ou prevenção, todos os autores são unânimes em reconhecer a sua complexidade e o desafio que é esclarecer esta temática” (p. 75).

A atenção referente à problemática do abuso sexual de crianças que se tem observado nas últimas duas décadas deveu-se a uma preocupação crescente pelos maus-tratos de crianças em geral, pelo aumento da discussão sobre a violência sexual, e pela publicidade que os meios de comunicação social têm dado aos casos de Abuso Sexual que se têm tornado públicos. Tem igualmente sido reconhecida a vulnerabilidade a acontecimentos negativos a que as crianças que sofrem abusos sexuais estão sujeitas na vida adulta.

As crianças que são abusadas deparam-se também com um aumento do risco de problemas de saúde física na vida adulta, incluindo consequências a nível sexual e reprodutor tais como gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis (como HIV) e violência sexual na vida adulta (Doll, Koenig, & Purcell 2004, p. 3).

É unânime o reconhecimento de que o abuso sexual de crianças foi um assunto oculto durante vários anos, só no início dos anos 80 é que se começou a olhar para o abuso sexual de crianças noutros pais com mais atenção e preocupação, altura em que o problema e o nível de conhecimento sobre o mesmo adquiriu uma maior dimensão, no entanto muito há ainda a fazer de forma a prevenir a ocorrência do abuso sexual de crianças. Em Portugal só recentemente se começou a falar sobre esta problemática, e a envolver as pessoas em Programas de Prevenção.

Para Krugman e Jones, 1987 (citado em Helfen, & Kempe, 1987) o abuso sexual de crianças “constituiu-se durante séculos como um problema escondido. Agora o abuso sexual de crianças está a ser largamente reconhecido” (p. 298). Os autores consideram assim que o abuso sexual de crianças se trata de um dos maiores flagelos a nível mundial.

A constatação de um elevado número de casos de abuso sexual de crianças não se verificou apenas pelas denúncias existentes, esta situação foi comprovada por diversos estudos que aferiram a prevalência do abuso sexual de crianças em diversas populações. O primeiro estudo foi realizado em 1983 por Russell (cit in Bolen, 2003), neste estudo 38% de todas as participantes do sexo feminino revelaram ter tido contactos sexuais abusivos durante a infância. Estes resultados provocaram, como refere Bolen (2003) uma “urgente preocupação em relação aos abusos sexuais de crianças” (p. 174).

Os autores Finkelhor, Hotaling, Lewis e Smith, 1990; Holmes e Slap, 1998; Molnar, Buka e Kessler, 2001; Rind e Tromovitch, 1997 (cit in Doll, Koenig, & Purcell, 2004), também realizaram estudos de prevalência do abuso sexual de crianças, tendo concluído que entre 12% a 53% de raparigas e 3% a 16% de rapazes vivenciaram alguma forma de abuso sexual durante a infância.

Outros estudos revelam que a prevalência do abuso sexual de crianças em raparigas é de três a cinco vezes mais frequente do que nos rapazes, contudo sabe-se que os abusos reportados pelos rapazes podem ser menos frequentes devido ao facto de nestes casos existir uma maior estigmatização aos olhos da sociedade, esta é uma ideia que vai ao encontro do que comprova o estudo realizado por Boney- McCoy e Finkelhor, 1995 (cit in Doll, Koenig, & Purcell, 2004).

Segundo o U.S Department of Health and Human Services 2000 (cit in Renk, Liljequist, Steinberg, Bosco, & Phares, 2002) aproximadamente 12% de crianças são abusadas por ano nos Estados Unidos.

Na Europa as percentagens não diferem, como demonstrou um estudo realizado em Inglaterra por Baker e Duncan (1985), 12% de raparigas e 8% de rapazes referiram ter sido sexualmente abusados antes de atingirem os 16 anos de idade. Segundo Bunting, L. (2007), na ultima década o assunto dos abusos sexuais de crianças têm permanecido no topo das prioridades da agenda politica da Inglaterra, que tem resultado em inúmeras mudanças na legislação e no aumento do desenvolvimento de programas de estratégias nacionais de prevenção dos abusos e aumento da consciencialização do público em geral sobre este problema.

Como referem os autores Speizer, I. S., Goodwinb M., Whittleb, L., Maureen C. & Rogersc J. (2008). O Abuso Sexual de Crianças na América Central é claramente um problema, cuja prevalência se encontra entre os 5% e os 8%. Face às consequências negativas que o abuso sexual de crianças pode ter a longo prazo e o impacto que tem na saúde, os autores são da opinião que são precisos Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças na América Central.

Estes resultados demonstram, tal como chama a atenção Ward, 1984 (cit in Bagley, & King, 1990) que se torna claro que nenhuma cultura está imune e que o abuso sexual de crianças existe um pouco por todo o lado.

2.1.1. O Abuso Sexual de Crianças como um Problema Global

É muito difícil para qualquer pessoa falar sobre o Abuso Sexual de Crianças, especialmente para as próprias crianças, e sabe-se que quando as crianças foram abusadas sexualmente se inibem a falar sobre o que passaram, tornando-se mais difícil não só protegê-las, como proteger outras crianças pela Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças. Dai ser tão importante a implementação de Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças, muito utilizados e descritos por Nibert, Cooper e Ford (1989), como sendo Programas que

passam por ensinar às crianças, pais e outros cuidadores, estratégias a utilizar em situações ameaçadoras. Estas estratégias estão incluídas em Programas que se destinam às crianças, pais, professores e profissionais da escola com quem a criança tem contacto diário.

O Abuso Sexual de Crianças não é um problema que só acontece em alguns países, e como problema global que é, é muito favorável que já se fale em Prevenção a nível global. Segundo Hans, J., Marion, R., Cees, H., Willenswaard, V. & Elsa M. (2008), descrevem que a Holanda teve inúmeras vantagens em providenciar uma estrutura a nível nacional criando programas de prevenção da saúde mental, sendo um dos programas incluindo: formas de prevenir o abuso sexual de crianças na Holanda.

Também a China tem vindo a desenvolver ao longo dos anos Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças, a forte necessidade destes programas tem vindo a fazer sentido pelo aumento exponencial do trabalho infantil, da prostituição infantil e do abuso sexual de crianças. Sabe-se que o elevado crescimento económico que se tem feito sentir na China, tem provocado o aumento destes sérios problemas, pelo que têm surgido vários autores, como Lumpur, K. (1994), com números verdadeiramente assustadores da incidência do abuso da China, e referindo a importância da implementação urgente de Programas de Prevenção.

Os autores Chen, J., Dunne, M. & Han, P. (2007), realizaram um estudo sobre os conhecimentos, as atitudes e as práticas de comunicação em pais de crianças do 1º Ciclo na China, o estudo realizado indica que as pessoas estão muito receptivas e predispostas a participarem em programas de prevenção sobre os abusos sexuais de crianças, e pensa-se que este facto se prende com a evidente falta de conhecimentos que os pais demonstram possuir em relação ao abuso sexual de crianças, mesmo aqueles que falam sobre estas questões com os seus filhos.

Para uma maior compreensão da temática em estudo surge assim a necessidade de definir e esclarecer alguns conceitos e ideias relativas ao Abuso Sexual de Crianças.

2.1.2. Definição de Abuso Sexual de Crianças

Não existe uma definição universal de abuso sexual de crianças, existem várias definições com diferentes variantes entre elas, há no entanto algumas características comuns que parecem convergir em todas estas definições, nomeadamente o facto do Abuso Sexual de Crianças:

- Ser qualquer contacto sexual entre uma criança e um adulto;
- Envolver força, ameaça, e/ou desigualdade de poder entre a criança e o perpetrador;
- Favorecer a estimulação sexual do agressor.

Nos anos 70 e 80 com as informações que iam surgindo sobre os Abusos Sexuais de Crianças, vários autores começaram a tentar definir o conceito de abuso sexual de crianças. As primeiras definições incluíam o envolvimento de qualquer criança ou adolescente dependente e sexualmente imaturo, menor de 16 anos em actividades sexuais que não compreendiam inteiramente, com uma pessoa que exerce poder sobre estes, violando assim todos os tabus sociais e as regras familiares.

Em 1988, surgiu uma definição mais compreensiva sobre a temática defendida pelos autores Finkelhor e Korbin (cit in Smith & Bentovim, 1994), que se referiam ao Abuso Sexual de Crianças como sendo:

Qualquer contacto sexual entre um adulto e uma criança sexualmente imatura (maturidade sexual tanto a nível social como fisiológico), com o objectivo da satisfação sexual do adulto; ou qualquer contacto sexual com uma criança perpetrado pela força, ameaça, ou estratagemas para assegurar a participação da criança; ou contacto sexual quando a criança é incapaz de consentir em virtude da idade ou distinção de poder e da natureza da relação com o adulto.

Com o aparecimento destas definições irrompeu uma forte questão no que se refere à idade do perpetrador pois nenhuma definição havia incluído ainda o abuso perpetrado por adolescentes ou pares, nesta ordem de ideias Finkelhor e Hotaling, 1984 (cit in Smith &

Bentovim, 1994) sugeriram que a definição de abuso sexual de crianças deveria incluir o facto do contacto sexual ocorrer em resultado de força, ameaça, ou estratagem, independentemente da idade do perpetrador.

As definições sobre o que era, ou não, considerado abuso sexual de crianças não pararam por aí. Cohen, (2000) surgiu com a seguinte definição para o abuso sexual de crianças:

Uma exploração sexual que envolve contacto físico entre uma criança e outra pessoa. Esta exploração implica a existência de uma desigualdade de poder entre a criança e o abusador, tendo em conta factores como: a idade, tamanho físico, e /ou natureza das relações afectivas. Por contacto físico entende-se: contacto anal, genital, oral ou envolvendo os seios, p.450).

Esta ideia de Cohen difere por sua vez da definição da APA (American Psychology Association) que defende que para existir abuso não implica necessariamente a existência de contacto físico.

Mais recentemente, o U. S. Department of Health & Human Services, 2007, cit in Wurtele, S. & Kenny, M. (In Press), avançou com o abuso sexual de crianças como um tipo de mau trato a crianças que implica um “envolvimento da criança em actividades sexuais, com o objectivo de propiciar gratificação sexual ou benefícios financeiros ao perpetrador do crime”.

Perante tais definições há algo que ressalta à vista e que se prende com a ambiguidade e divergência que envolveu desde sempre a problemática do abuso sexual de crianças. Haugaard (2000) chama a atenção para três obstáculos que dificultam o esclarecimento do que é o abuso sexual de crianças:

- O primeiro obstáculo prende-se com a própria definição clara do que se entende por abuso e que difere consoante cada profissional de cada área distinta. Haugaard (2000) acredita que o termo de Abuso Sexual de Crianças é usado em diferentes contextos e por profissionais de diferentes áreas que podem ter diferentes ordens e objectivos quando trabalham com crianças sexualmente abusadas e as suas famílias.

- O segundo obstáculo relaciona-se com a diferenciação do que é, e não é abuso e que se constitui como sendo o problema mais evidente na definição do Abuso Sexual de Crianças.

Um exemplo característico desta ambiguidade é o facto de poucas pessoas considerarem abuso sexual quando um pai toma banho com a sua filha de 2 anos, e muitos considerarem abuso sexual quando um pai toma banho com a sua filha de 14 anos. A que idade deve um pai deixar de tomar banho com a sua filha para evitar abusar sexualmente dela? (Haugaard, 2000).

- Finalmente o contexto onde o comportamento ocorre é frequentemente tido em causa para decidir se este foi abusivo ou não.

O facto de um pai massajar os joelhos da sua filha de 10 anos à noite na sua cama pode ter um significado diferente de quando o faz após um jogo de futebol extenuante. O conjunto de características contextuais decide se um determinado comportamento é ou não abusivo (Haugaard, 2000).

Assim acções como: propostas de cariz sexual, exibicionismo, ser beijado de uma forma sexual, contacto genital e não genital e relação sexual propriamente dita, são nos estudos referidos por Haugaard (2000) tidas em consideração na definição do abuso sexual de crianças.

Esta questão levanta no entanto uma outra controvérsia que se prende com a seriedade do abuso em si. Como refere Macmartin (2004) alguns investigadores argumentam que as características do abuso sexual são tidas em consideração e usadas para amenizar legalmente a gravidade do crime de abuso sexual. Este facto vai ao encontro do que estudaram os autores Reener, Alksnis, e Park, 1997 (cit in Macmartin, 2004) entre 1989 e 1993, que ao analisarem casos de julgamentos de abusos sexuais a crianças e adultos na Nova Escócia concluíram que as mesmas características que constituem provas de acusação do abuso sexual, eram igualmente usadas para amenizar a gravidade das agressões. Duas das características que poderiam ser usadas para diminuir a pena dos agressores consistiam: na ausência de injúrias físicas para a vítima; e a existência de relações próximas, muitas vezes familiares entre a vítima e o

perpetrador. Estes dois factores poderiam ser usados para reduzir as penas em tribunal e consequentemente amenizar o crime de abuso sexual.

Macmartin (2004) discorda que a ausência de abuso físico seja usada para amenizar as penas, defende pelo contrário, que talvez esteja a haver uma consciencialização gradual nos tribunais no que se refere ao significado do abuso sexual de crianças. Este autor verificou através do seu estudo de análise de sentenças judiciais na cidade de Ontário que o facto do abuso sexual ser perpetrado por familiares ou conhecidos da criança leva à quebra da confiança que a criança deposita no adulto, e esta “traição” juntamente com a frequência da ocorrência do abuso, são factores responsáveis pelas denúncias dos crimes de abuso sexual e pelo julgamento dos abusadores. Macmartin verificou que em vários casos a ausência de danos físicos na criança foi usada não para amenizar a pena mas para aumentar o trauma psicológico que se debateu sobre a criança.

Esta questão remete para o facto de o abuso sexual de crianças ser mais do que um abuso físico, é um abuso de poder, e uma violação da confiança que a criança deposita no adulto, esses factores provocam consequências arrasadoras na criança não só na sua capacidade de socializar com os outros como no estabelecimento de relações de confiança com os adultos. Esta é uma ideia defendida por vários autores, entre os quais se destacam Butler, 1985 (cit in Bagley, & King, 1990) que defende que “a consequência mais devastadora da imposição da sexualidade de um adulto sobre uma criança, é a irreparável perda da inviolabilidade da criança e a confiança que esta deposita nos adultos na sua vida”, e Armstrong, 1978 (cit in Bagley, & King, 1990) que defende que “a violação perpetrada por um estranho é rápida e brutal. Permite uma reacção face ao estranho do tipo – raiva e ódio. Mas a sedução ou coerção de uma criança por parte de um adulto de quem esta está dependente e em quem confia, é de longe mais complexa”.

2.1.3. Assédio Online – Uma Nova Dimensão dos Abusos Sexuais de Crianças

Patrick conheceu uma rapariga de 13 anos: Georgie. Após vários meses de contactos via Internet e telefone, resolveram encontrar-se. Georgie pensou que se ia encontrar com um rapaz de 15 anos. A mãe da Georgie deu-lhe boleia e ficou a

observa-los à distância. Teve sorte intervindo no encontro mal se apercebeu que o rapaz de 15 anos era afinal um homem de meia-idade.

Graven, S., Brown, S. & Gilchrist, E. (2007).

Os relatórios da comunicação social e as mensagens de internet segura acerca dos predadores sexuais, sugerem que os encontros *online* entre adultos e jovens e que acabam por resultar em crimes sexuais constituem uma nova dimensão dos abusos sexuais de crianças (e.g., Bahney, A. 2006; Filosa, G. 2007; Manolatos, T. 2007 cit in Wolak, J., et al (2008).

As histórias que ouvimos recorrentemente por parte da comunicação social sobre os “predadores sexuais” que utilizam a Internet para chegarem facilmente às crianças e adolescentes, está a causar grande preocupação um pouco por todo o mundo, entre pais, professores, educadores e profissionais que lidam directamente com a área dos abusos de crianças. São vários os autores que referem que chegamos à altura em que os pedófilos estão a encontrar novas formas e novas oportunidades para, através da rede, contactar crianças e adolescentes, com o objectivo de as assediar, abusar sexualmente e até mesmo criar redes de exploração sexual.

Esta ideia é defendida por Malesky, A. (2007) referindo que os predadores sexuais têm utilizado a Internet para identificar e contactar com crianças para exploração sexual. Wolak, J., Finkelhor, D., Mitchell, K. J. & Ybarra, M. L. (2008), são da mesma opinião, considerando que nos encontramos perante um problema muito sério, para o qual é urgente prevenir, passando mensagens, envolvendo os pais para um maior controlo no acesso à internet dos seus filhos, e inculcar nas crianças e adolescentes a prudência que é necessária quando falam com pessoas online, especialmente quando pensam em divulgar informações de carácter pessoal.

A divulgação da Internet como um espaço privilegiado de educação e aumento de cultura devia ser sempre acompanhada com avisos de alerta, constituindo-se a necessidade urgente de Acções de Prevenção sobre os contactos que as crianças e os adolescentes estabelecem com desconhecidos, e um uso indevido na Internet. Como referem Mitchell K. J., et al (2008), a Prevenção sobre os *Bloggings* e o uso indevido da Internet exige a inclusão dos riscos de

interagir com pessoas que se conhecem online, nomeadamente ao nível da consciencialização sobre o assédio sexual.

Paralelamente à urgência de Prevenção nesta área, é necessário aumentar as pesquisas e os estudos sobre este assunto, Mitchell K. J., et al (2008), referem que esta urgência em estudarmos mais sobre o Assédio Online, se prende com o facto do mundo Online estar em constante mudança (p.125).

Com o objectivo de aumentar os conhecimentos das pessoas que lidam directamente com os Abusos perpetrados contra crianças, e de os tornar mais competentes e atentos para lidar com o problema do assédio sexual através da Internet e conseqüente risco do abuso, Mitchell K. J., et al (2008), realizaram um estudo que pretendeu aferir os riscos das crianças ou adolescentes aderirem e participarem nos jornais online ou “*blogs*”.

Conclui-se que é importante as famílias, e crianças, estarem alerta sobre o perigo do uso indevido da Internet, mas reflectiu-se sobre o facto de os *blogs* não terem de ser necessariamente perigosos. O estudo realizado mostrou que os *blogs* podem inclusivamente ser promotores de uma maior partilha entre pais e famílias, no sentido em que se provou existir, através do *blog* uma maior partilha de sentires entre pais e filhos. Os adolescentes partilhavam, através dos *blogs*, e da escrita, o que sentiam e pensavam sobre inúmeros assuntos. Contudo, estas informações a serem partilhadas com pessoas que se conhece através da Internet, pode ser promotora da ocorrência de abusos, pelo que é necessário alertar as crianças, os jovens e os pais para os perigos do uso pouco cauteloso da internet.

Mitchell K. J., et al (2008) são da opinião que há uma dificuldade acrescida no processo global de consciencialização do uso da Web, dificuldade promovida em parte pela comunicação social, que diariamente deixa mensagens sobre a importância para a formação e educação do uso da utilização da Internet, sem dar no entanto associada a esta mensagem, um feedback sobre os seus perigos.

Da mesma forma que há mitos relacionados com os Abusos Sexuais de Crianças, parecem existir também falsas crenças no que se refere ao assédio online. Segundo Wolak, J., et

al (2008), os estudos relacionados com os crimes sexuais que iniciam por contactos via internet, indicam que é imprecisa e inconclusiva a ideia de que os “predadores” usam truques e violência para vitimizar a criança, constituindo-se por essa razão um estereótipo. A maioria dos crimes sexuais contra crianças que se iniciam por contactos via *Web* envolvem homens adultos que usam a internet (mensagens instantâneas, e-mail, salas de *chat*) para conhecer e seduzir para encontros sexuais jovens adolescentes. A maioria dos jovens e adolescentes sabem que estão a conversar com adultos. A maioria desses abusadores são responsáveis por crimes de “*statutory rape*”, que envolve actividades sexuais não violentas com vítimas que, como traduz a expressão “*statutory rape*”, são demasiado jovens para consentir legalmente as relações de cariz sexual com o adulto.

Wolak, J., et al (2008) são da opinião de que alguns jovens podem estar particularmente em risco, este grupo inclui: rapazes que são homossexuais e passam pelo processo de questionar a sua orientação sexual; crianças e jovens que detêm na sua história de vida episódios de abuso físico e sexual; e os jovens que frequentam os *chatrooms* e que têm conversas sobre sexo na internet, com pessoas que não conhecem. Estes são factores que tornam as crianças vulneráveis à ocorrência dos abusos.

2.1.4. Tipos de Abuso Sexual de Crianças

No seguimento do que referimos anteriormente faz-nos sentido a criação deste subcapítulo respeitante aos tipos de abuso sexual perpetrados contra as crianças.

Já vimos que o abuso sexual de crianças é e envolve, na sua essência, uma violência física e psicológica para a criança, trata-se de um acto que vai contra todos os direitos da criança, uma forma de poder que a vai impedir de crescer saudável e feliz. É uma violação dos seus direitos básicos e como tal uma questão essencial a ser estudada.

Smith e Bentovim (1994) sugeriram que o exibicionismo e carícias ou toques inapropriados são as formas mais comuns de abuso, usualmente seguidas de masturbação e actos de penetração.

Já para Forward e Buck (1989) o abuso sexual de crianças cobre muitos comportamentos e relacionamentos. Estes incluem contacto físico com a boca da criança, seios, genitais, ânus, ou qualquer outra parte do corpo, que é feita com o objectivo de satisfação sexual do agressor.

Há ainda muitos outros comportamentos abusivos que apesar de não envolverem contacto físico com as crianças são extremamente penosos e trazem consequências devastadoras para as vítimas, estes incluem o agressor despir-se ou masturbar-se em frente à criança, força-la a ver pornografia ou submetê-la a expor-se em poses que podem sugerir algo de cariz sexual.

Esta ideia vai ao encontro da definição de Forward e Buck (1989) que referem que as vítimas podem até não ter sido tocadas, mas sentirem a sua privacidade violada em situações específicas quando por exemplo, estão a ser observadas a despir-se ou a tomar banho.

Kunzman (1990) chama a atenção para o facto de o Abuso Sexual de crianças ocorrer sob diferentes formas, para este autor é considerado abuso sempre que o adulto:

- Invade a privacidade da criança quando está a tomar banho ou vestir-se;
- Manifesta comportamentos obsessivos no que se refere aos órgãos geniais e funcionamento corporal da criança;
- Acaricia a criança;
- Demonstra excessiva preocupação em relação ao desenvolvimento corporal da criança;
- Mostra pornografia infantil à criança;
- Beija a criança de forma abusiva;
- Dá demasiados clisteres e é excessivo na higiene genital da criança;
- Pratica sexo oral com a criança;
- Pratica sodomia com a criança;
- Pratica relações sexuais com a criança.

Para este autor independentemente de qual destas formas estiver implicada no abuso, a dor envolvida por este é sempre muito forte e de longa duração.

Muitas definições do abuso sexual de crianças não especificam a natureza do contacto sexual abusivo, por esta razão esta temática está ainda envolta em algumas controvérsias. Se há quem considere que para existir abuso sexual só é necessário o envolvimento numa relação sexual propriamente dita, outros há ainda que defendem que o conceito de abuso sexual compreende uma noção mais vasta incluindo não só actos de penetração, como também exibicionismo e carícias suaves.

No que diz respeito a este assunto Mrazek, 1980 (cit in Smith, & Bentovim, 1994), sugeriu a separação de actos sexuais em: exposição dos órgãos sexuais, molestar, relação sexual e violação. Por outro lado Peters, Wyatt, e Finkelhor, 1986 (cit in Smith, & Bentovim, 1994) distinguiu os actos sexualmente abusivos envolvendo o contacto (todos os comportamentos que envolvem relação sexual, oral ou anal e carícias aos seios ou genitais) e aqueles que não envolvem contacto (exibicionismo, exposição à pornografia e solicitação no envolvimento em actividades sexuais). Outros investigadores tais como a Research Team, 1990; e Monck E., Bentovim A., Goodall G., Hyde C., Lewin R. e Sharland E., 1993 (cit in Smith, & Bentovim, 1994) por seu lado distinguiram actos sexuais: penetrativos e não penetrativos; distinguiram relação oral, anal e vaginal; e finalmente procederam à distinção entre a penetração com objectos ou dedos e a masturbação, carícias ou exibicionismo.

Os autores Smith, & Bentovim (1994), baseados em diversos estudos realizados consideram que quanto mais próxima é a relação da criança com o abusador; quanto maior é a diferença de idade entre o abusador e a criança; e quanto mais forte for o nível de violência, e crueldade envolvida no abuso, maior é o sofrimento resultante do abuso sexual.

Kunzman (1990) defende no entanto que não deve ser só tido em consideração o facto de o abuso ser físico, não físico, verbal ou visual. Para este autor o abuso sexual interrompe o desenvolvimento saudável da criança e o seu crescimento a vários níveis, contribui para o desenvolvimento de uma baixa auto-estima. A criança abusada terá tendência a possuir crenças distorcidas respeitantes à sua imagem corporal, ao desenvolvimento da sua sexualidade, e terá uma falta de confiança nos principais cuidadores e no mundo em geral.

Defendendo igualmente esta ideia encontra-se Ondersma (2001) que refere que invariavelmente o abuso sexual “causa mal; trata-se de um mal penetrante nas populações de pessoas com história de abuso sexual; e tende a ser intenso”. Encontramo-nos assim perante uma série de consequências que o abuso sexual de crianças, pela sua intensidade e natureza, provoca nas crianças.

2.1.5. Consequências do Abuso Sexual de Crianças

Na resposta à questão: “Porque é que o Abuso Sexual de Crianças é um factor de risco no desenvolvimento de problemas ao nível da saúde mental?”, vários autores têm e tiveram ao longo dos anos algo a dizer.

Fergusson et al. (2008) cit in Noll, J. (2008), e após a realização de um estudo na Nova Zelândia com uma população de 1265 participantes, concluiu que o abuso sexual de crianças têm únicas e diferentes associações, relações e implicações a longo prazo na saúde mental das pessoas. Estes autores constataram que os efeitos e consequências dos abusos sexuais de crianças são muito mais fortes e mais consistentes do que qualquer outro tipo de violência. A prova desta ocorrência evidenciou-se pela elevada percentagem de participantes com distúrbios mentais, que tinham passado por experiências de abuso sexual em criança. Os participantes do estudo sujeitos a outros tipos de violência não evidenciavam com tanta frequência perturbações mentais.

Noll, J. (2008), escreveu recentemente sobre uma questão importante inerente às “consequências do Abuso Sexual de Crianças”, esta autora coloca em reflexão o que considera estar a constituir uma controvérsia, se é apenas o abuso sexual de crianças que se constituiu como o mais sério dos problemas relacionados com o desenvolvimento infantil? Ou se estes problemas vêm inerentes não só ao abuso, como as actuais desvantagens socioeconómicas, situações de disfunções familiares, e outros factores ambientais e contextuais que poderão servir como potenciais agentes de dificuldades de desenvolvimento das crianças, e que são problemáticas comuns.

Para autores como Cohen (2000) a resposta a essa pergunta é simples e prende-se com o facto de serem muitas as sequelas deixadas pelo abuso sexual, estas passam por consequências a

nível comportamental, emocional e social. Alguns estudos revelam que as crianças abusadas sexualmente manifestam maiores dificuldades a nível comportamental e emocional do que as crianças que não passaram por essa experiência. Desses comportamentos que resultam directamente de sequelas do abuso, observam-se: depressão, stress pós traumático e sintomas de ansiedade, esta ideia é abordada por Cohen (2000) segundo o qual algumas sequelas clínicas aparecem como sendo comuns na maioria das crianças abusadas sexualmente.

Paralelamente, os estudos indicam-nos que parece existir efeitos também ao nível do desenvolvimento do cérebro. Como refere Glaser, D. (2007), a importância das experiências na infância e em jovens idades são claras mas envolvem mecanismos complexos. É importante considerarmos ambos os efeitos, por um lado a falta de experiências (negligencia) e os efeitos de experiências negligentes, stressantes e traumáticas, e as implicações que estas têm no processo de desenvolvimento do cérebro.

2.1.5.1. Efeitos Psicológicos / Emocionais / Comportamentais dos Abusos Sexuais de Crianças

Os autores defendem que a criança abusada tende a sentir-se diferente das outras crianças. A responsabilização e culpabilidade pelo abuso são também bastante visíveis nestas crianças, demonstrando-se zangadas, receosas e tristes, muitas adquirem comportamentos e regras inadequados a nível sexual, e perdem a confiança nos outros.

“I need you to restrain me... that´s the only way I know you care”

M. 18 Anos

Como refere Prior, S. (1996), cit in Chop, S. M. (2003), por vezes quando as crianças que foram abusadas já são maiores exteriorizam este tipo de frases, a únicas formas de terem uma relação é através de violência, sexualidade ou uma combinação das duas.

Para Cohen (2000) as crianças abusadas sexualmente passam por sentimentos de vergonha intensa, baixa auto-estima, isolamento em relação aos outros, dificuldade em confiar, acharem que não têm direito à sua privacidade nem a puderem querer ou não determinadas

coisas. Estas são algumas das sequelas deixadas pelo abuso, nestas incluem-se igualmente uma certa confusão entre o sexo e o afecto, por vezes na vida adulta sentem-se confusas em relação à/ao namorada/o quando são inundadas/os com “flashbacks” da imagem do perpetrador. Muitos testemunhos de sobreviventes revelam no seu discurso uma personalidade dividida e fora do corpo, como se deixassem por momentos de ser quem são – esta característica designa-se Dissociação Cognitiva.

Alguns autores, tais como Brewin et al. (1996), Ehlers & Clark, (2000), Horowitz, (1976) & Kolk & Fisler, (1995), cit in Halligan, S., Michael, T., Clark, D. & Ehlers, A. (2003), preocuparam-se em estudar a forma como são desenvolvidas as memórias traumáticas, concluindo que a intensidade do trauma que as situações de abuso acarretam, resultam em rupturas dos processos cognitivos. A dissociação cognitiva é um desses efeitos e pode traduzir-se em diferentes sintomas: desrealização, despersonalização e redução da capacidade de vigília.

Comportamentos de negligência e abandono, estigmatização, depressão, imagens corporais distorcidas, sentirem-se diferentes dos pares, a atribuição pessoal pelos acontecimentos negativos, sentimentos de traição, perda de poder através da perda da credibilidade, são apenas alguns dos comportamentos que as crianças abusadas sexualmente demonstram ter em relação às que não o foram.

Uma rapariga de 15 anos que um dia enquanto pratica exercício físico encontra um exibicionista no parque, irá ficar com poucas sequelas psicológicas (apesar de provavelmente ela mudar a trajectória da próxima vez que for correr). Pelo contrário, uma rapariga de 15 anos que em conversa com os pares na escola descobre que não é rotina para todas as raparigas terem relações sexuais com os seus pais há 10 anos, irá trazer sequelas e problemas bem mais sérios (Krugman, & Jones, 1987).

Para Smith e Bentovim, (1994) as sequelas possíveis para o abuso sexual podem ser consideradas em termos de :

- Efeitos na sexualidade – as crianças abusadas tendem a praticar uma elevada actividade sexual durante a adolescência e em vida adulta, esta ideia está em concordância com diversos autores. Yates, (1982) e De Young, (1984) (cit in Smith, & Bentovim, 1994) reportaram uma hipersexualização e comportamentos sexualmente provocatórios como consequência de terem sido erotizadas pelo abuso. James e Nasjheti, (1983), Bentovim e Boston, (1988) e Kohan M. J., Pothier P. e Norbeck J. S. (1987) (cit in Smith, & Bentovim, 1994) descreveram uma série de crianças que apresentavam comportamentos sexuais, dando início a contacto sexual com adultos ou com outras crianças mais jovens, estarem envolvidas em jogos sexuais com outros e comportando-se de maneira sedutora perante os profissionais.

- Como efeitos emocionais contam-se a culpa, a responsabilização pelo sucedido, impotência – as crianças sentem uma total falta de poder e impotência em parar o abuso e sentem-se sobremaneira responsáveis por não serem capazes de o fazer.

Frequentemente o perpetrador ameaça as crianças dizendo-lhes que se a mãe souber vai ficar contra elas e que estas irão para casas de adopção, desta forma as crianças não conseguem deixar de sentir um enorme sentimento de perda. Em consequência deste último sentimento está associado o isolamento.

- Sentimentos de depressão – estes sentimentos estão frequentemente associados à fúria, ansiedade e efeitos comportamentais são outros factores inerentes à existência do abuso.

Browne, A. & Finkelhor, D. (1986), são da mesma opinião que os autores supramencionados, também para estes autores as crianças abusadas experienciam efeitos na sexualidade, reacções emocionais e de auto-percepção, diferentes das crianças que não passam por esta experiência, estes efeitos podem traduzir-se em distúrbios alimentares, de sono, medos e fobias, depressão, sentimentos de culpa, vergonha e raiva. Paralelamente, ocorrem aquilo que os autores chamam de “sequelas exteriorizadas” tais como problemas na escola, problemas de comportamento e fugas de casa. Para estes autores “o *link* entre abuso sexual de crianças e a depressão foi confirmado” (p.69).

Muito tem sido estudado sobre as principais consequências do abuso sexual de crianças, estas são nefastas e impedem que a criança se desenvolva e cresça de forma saudável. A ideia de

que sexo entre um adulto e uma criança provoca inevitavelmente em todas as crianças independentemente do género um mal “intenso” e “penetrante”, é defendida por muitos autores.

O abuso sexual de crianças foi reconhecido como sendo o mais severo, se não mesmo o mais sério dos problemas relacionados com o desenvolvimento infantil. Para Barnett (s.d) não existe outro factor de risco social com uma forte associação com o desenvolvimento psicopatológico, como o mau trato de crianças.

No entanto nem todos os autores possuem a mesma ideia sobre os efeitos nefastos e prejudiciais de que o abuso sexual de crianças tem para as mesmas, Rind, Tromovitch, e Bauserman, 1998 (cit in Dallam, 2001) são alguns desses autores que são da opinião que estas ideias das consequências dos abusos não estão suficientemente suportadas cientificamente, um destes autores defende claramente que as assunções básicas sobre o abuso sexual de crianças não está comprovado, e o mal associado com as relações sexuais entre adultos e crianças, nomeadamente aquelas que envolvem rapazes, tem sido exagerada.

Sobre este assunto muito há a dizer, várias investigações estão documentadas sobre sequelas a longo prazo na população de adolescentes, e estas revelam resultados bastante consistentes no que se refere aos efeitos do abuso sexual de crianças na vida dos jovens, problemas de ansiedade, depressão, adição, comportamento e isolamento são alguns dos sintomas encontrados.

Em suma, o abuso sexual é uma realidade presente na vida de muitas crianças, a falta de amor-próprio, dificuldade em estabelecer relações de confiança, culpa, tristeza, abuso de substâncias e suicídio, são consequências tão reais como o próprio abuso.

Como referem Finkelhor, Ormrod, and Turner (2007) Cit in Leventhal, J. M. (2007), o Abuso Sexual de Crianças apresenta consequências gravíssimas para a saúde mental das crianças enquanto adultos, essas consequências focalizam-se em três domínios: Ansiedade, sintomas Depressivos e Raiva/Agressão.

Para além das consequências emocionais, há também sequelas a nível cerebral que a exposição a situações traumáticas originam. Está provado que as experiências que as crianças têm nos primeiros anos de vida são de extrema importância para o desenvolvimento do cérebro.

À luz da compreensão que detemos sobre o desenvolvimento do cérebro, há três diferentes formas sobre as quais os maus-tratos podem exercer efeitos prejudiciais:
a) Privação extrema; b) Experiências distorcidas; c) Stress intenso. (Glaser, 2007).

Quando uma criança nasce sem nenhum problema, o seu cérebro apresenta 100 biliões de neurónios (células nervosas), cada neurónio encarrega-se de processar sinais para cada célula nervosa do corpo. Esse sinal é transmitido de neurónio a neurónio através das fendas sinápticas pelos neurotransmissores. Como refere Glaser, D. (2007), a maior parte do crescimento do cérebro após a criança nascer, ocorre nos primeiros 4 anos de vida. É representado por uma massiva superprodução de novas ligações sinápticas no cérebro da criança. Estima-se que durante os primeiros anos de vida o número de sinapses nervosas atinja o dobro da actividade, do que acontece na vida adulta. Para que estes processos ocorram com eficiência e qualidade implica que o cérebro tenha estrutura e suporte para promover este processo.

Após esta sintética explicação científica de como os processos cerebrais se processam, a autora Glaser, D. (2007) salienta o facto de ser extremamente importante os factores ambientais onde a criança está inserida, nomeadamente se recebe mais ou menos estimulação, se as suas interacções com a família e o mundo que a rodeia são de qualidade. Para algumas crianças, a insuficiência ou mesmo abstenção de interacções, será crucial para existir uma falha no desenvolvimento das funções descrita anteriormente.

Glaser, D. (2007), descreve que experiências de mal-estar e sofrimento na vida das crianças podem promover longos efeitos negativos no desenvolvimento do cérebro. Estudos realizados comprovam isto mesmo, que crianças que experienciaram vivências negativas e de sofrimento, demonstram não só significativas mudanças nos seus comportamentos e estados emocionais, como alterações neurobiológicas – sabe-se que uma elevada exposição a experiências de *stress* levam a que o corpo responda com respostas de *coping* necessárias para sobreviver e envolvem no processo várias sistemas orgânicos – o hipótalamo, o sistema nervoso,

o sistema neurotransmissor e o sistema imunológico – comparativamente com crianças que não passaram por estas experiências.

O que a autora quer transmitir é que uma pessoa que apanhe um susto vai activar pontualmente estes sistemas, mas mal a situação de ansiedade passe, o organismo humano vai voltando ao seu estado de normalidade, o *stress* vai diminuindo, bem como a ansiedade. Uma criança que viva constantemente sob situações de medo, angústia e *stress*, vai revelar uma activação excessiva e continua da resposta de *stress*, repercutindo-se em desregulações do sistema cortisol e consequentemente a alterações neurobiológicas graves.

Browne, A. & Finkelhor, D. (1986), vão ao encontro desta ideia, referindo as consequências físicas e queixas somáticas, perante a ansiedade excessiva e o *stress* pelo qual passaram, que caracteriza estas crianças.

É importante, contudo, referir que apesar de todas as consequências que o abuso sexual implica na vida de quem o sofre, há a capacidade das vítimas se tornarem sobreviventes dos abusos. Segundo Rutter, M. (2007) o termo resiliência traduz o facto de algumas pessoas após passarem por experiências traumáticas, conseguirem encontrar estratégias para ficarem bem, e não terem necessariamente de ficarem “presas” ao conceito de “vítima” irreversivelmente traumatizada, esta característica segundo o autor implica uma resistência que algumas pessoas têm a experiências de risco.

Davis, T. B. (2005), após realizar um estudo com mulheres sobreviventes de violência, concluiu que algumas mulheres utilizam estratégias muito positivas de *recovery* assentes em: espiritualidade, suporte comunitário, terapia, humor e estratégias de segurança. Algumas mulheres utilizam as suas experiências traumáticas e negativas como formas de ajudarem outras mulheres em experiências similares.

Não obstante à capacidade de *Recovery* das pessoas que passam por experiências traumáticas dos abusos, e como referimos anteriormente, sabe-se que as consequências do abuso são muitas quando o perpetrador é conhecido da criança, e se trata de alguém que detém um

papel importante na sua vida, em quem ela confia e de quem gosta. Segundo Mahroos et al. (2005), a maioria do abuso sexual de crianças é executado no seio do ambiente doméstico por familiares ou conhecidos das vítimas, estas vitimações continuadas no tempo provocam inúmeras sequelas e consequências a nível psicológico.

2.1.6. Os Perpetradores dos Abusos Sexuais de Crianças

“Nos meus sonhos mais terríficos nunca suspeitei que o meu irmão... o tio preferido dos nossos filhos... sempre a sugerir ficar com eles quando quiséssemos sair... Sempre fui uma mãe super-protectora, garantindo sempre que alguém ia buscar os meus filhos à escola a horas, sempre cautelosa com os estranhos, sempre inquirindo sobre os seus amigos, as suas casas e as suas famílias. O que mais poderia ter feito?!”

Mãe de uma Criança Abusada pelo Tio

Curran, D. (2003)

A maioria dos abusos são perpetrados por homens, no entanto e ao contrário do que comumente se pensa as mulheres também cometem abusos, ainda que em menor escala, estatísticas de Mrazek P., Lynch M. A. e Bentovim A., 1983; Faller, 1990; Research Team, 1990; Kelly L., Regan L. e Burton S., 1991 (cit in Smith, & Bentovim, 1994) demonstraram que de 5 a 15% dos abusos são perpetrados por mulheres, estas abusam mais de rapazes do que de raparigas. Finkelhor e Russell, 1984 (cit in Smith, & Bentovim, 1994) revelam que as mulheres como perpetradoras são responsáveis por mais de 20% do abuso de rapazes.

A maioria dos casos de abuso sexual de crianças que chegam à atenção dos profissionais é perpetrado dentro do seio familiar ou dentro da casa onde a criança habita. As estatísticas revelam que 46% destes abusos é perpetrado pelos pais, 27% pelos padrastos, 85% das crianças conheciam o abusador, apenas 5% das crianças foram abusadas por um estranho. Desta forma a violência intrafamiliar é levada a cabo dentro da própria casa onde a criança habita e mais comumente pelos pais. Os padrastos foram identificados como sendo um factor de risco, esta ideia vem ao encontro do que refere Russell, 1984 (cit in Smith, & Bentovim, 1994) que demonstra que uma rapariga a viver numa casa de um padraсто está seis vezes mais em risco de

ser abusada do que uma rapariga que viva com o seu pai biológico. As estatísticas revelam que crianças que vivam em casa do padrasto estão em maior risco de ser abusadas por outros homens.

De acordo com esta ideia está igualmente Mahroos et al. (2005) que chama a atenção para o facto de a maioria dos abusos sexuais de crianças serem perpetrados pelos pais e outras pessoas conhecidas das mesmas. Este é um dos estudos que confirma a ideia de que a maioria do abuso sexual de crianças é executado no seio do ambiente doméstico por familiares ou conhecidos das vítimas, estas vitimações continuadas no tempo provocam inúmeras sequelas e consequências a nível psicológico. O abuso sexual por parte de conhecidos da criança revela uma exploração da inocência, ingenuidade, confiança e obediência da criança.

Muitos dos casos de abusos sexuais de crianças são perpetrados por pessoas que são exemplares aos olhos de toda a comunidade envolvente, esta situação não só torna mais difícil a denúncia de abuso como também a credibilidade da própria criança, o mito de o abusador “ser tão boa pessoa” é apenas um dos muitos que envolve esta problemática.

2.1.7. Mitos Sobre os Abusos Sexuais de Crianças

Há vários mitos relacionados com o abuso sexual de crianças, o facto de a ocorrência do abuso sexual de crianças ser raro, de ocorrer apenas em meios socioeconómicos baixos, inerente a uma psicopatologia do agressor, que as crianças mentem no que se refere ao abuso sexual, ou que são estranhos que abusam das crianças, são apenas alguns desses mitos.

Estes mitos são descritos no livro de Forward e Buck (1989) que reproduzimos na seguinte tabela:

TABELA 1: Mitos e Realidade sobre o Abuso Sexual de Crianças

MITO	REALIDADE
A ocorrência do abuso sexual é rara	1 em cada 10 crianças é molestada por um membro de confiança da família antes de atingir os 18 anos

O abuso sexual ocorre apenas em famílias pobres e sem educação e em bairros isolados e pouco desenvolvidos	O abuso sexual atravessa todos os níveis socioeconómicos
O agressor é socialmente e sexualmente desviante	O agressor pode ser qualquer pessoa, não há um perfil de agressor
O abuso sexual é uma reacção à privação sexual	A maioria dos agressores tem uma vida sexual activa. O abuso sexual de crianças não é uma questão de sexo é uma questão de poder
As crianças especialmente adolescentes são sedutoras e até certo ponto responsáveis pelo abuso	As crianças e adolescentes estão a descobrir a sexualidade, isto não dá direito aos pais de se aproveitarem dessa inocente exploração do mundo para as abusar
A maioria das histórias de abuso sexual não são verdadeiras, elas estão na verdade a fantasiar devido aos seus próprios desejos sexuais	Esta ideia foi criada por Sigmund Freud que explicou a prevalência de muitos casos de abuso sexual como sendo acontecimentos que ocorrem apenas na imaginação dos pacientes. Ainda hoje e devido a esta ideia muitas vítimas de abuso sexual não são acreditadas
As crianças são abusadas mais frequentemente por estranhos do que por pessoas conhecidas	A maioria dos abusos sexuais de crianças são perpetrados por pessoas próximas da família de quem esta gosta e em quem confia, membros da família

Daqui retiramos que o abuso sexual de crianças não é um fenómeno pouco frequente e não é, na maioria dos casos, perpetrado por alguém que a criança não conhece, pelo contrário estudos revelam que 1 em cada 10 crianças é abusada por um membro da família antes de

atingir a maioridade. O abuso sexual atravessa todas as classes socioeconómicas. O agressor pode ter qualquer idade, raça, religião, partido político, ou orientação sexual, não há um perfil de agressor. E a maioria das histórias de abuso sexual são verdadeiras, apenas uma pequena percentagem de crianças mente em relação ao facto de ter sido abusada sexualmente.

TABELA 2: *Outros Mitos sobre os Abusos Sexuais de Crianças*

MITO	REALIDADE
Apenas as raparigas são abusadas sexualmente	O abuso sexual de crianças pode ocorrer tanto em rapazes como em raparigas
As crianças que foram abusadas, vão tornar-se elas próprias abusadoras	A maioria das crianças sexualmente abusadas, não vai tornar-se abusadoras
Só os homens cometem abusos sexuais contra crianças	Também há mulheres a abusarem sexualmente de Crianças

Tanto os rapazes como raparigas estão em risco de serem sexualmente abusadas, sendo que o abuso pode ocorrer tanto a rapazes como a raparigas, pensar o contrário é ser detentor de um Mito sobre os Abusos Sexuais de Crianças. Como referem Lillywhite, R. & Skidmore, P. (2006), pensar que “os rapazes não são sexualmente abusados” é infelizmente muito comum entre os profissionais que trabalham diariamente com rapazes vulneráveis.

É importante desmistificarmos estes mitos para reduzirmos a vulnerabilidade das nossas crianças, se considerarmos que apenas as raparigas são abusadas, vamos deixar os rapazes livres de qualquer preocupação, e então aí estaremos a contribuir para que estes fiquem mais vulneráveis à ocorrência dos abusos.

Um outro mito que está nesta tabela e que é muito importante de desmistificar é o “Mito de que as Crianças que foram abusadas, vão tornar-se elas próprias abusadoras”. Como refere Stewart A., Livingston M. & Dennison S. (2008), a maioria das crianças sexualmente abusadas, não vão tornar-se abusadores. Para estes autores, compreender as diferenças da Natureza dos Abusos é imprescindível para traçar estratégias preventivas contra o abuso sexual de crianças.

Os abusos sexuais perpetrados por mulheres são mais comuns do que se pensa, e trazem mais implicações emocionais e psicológicas às crianças do que primeiramente se espera. Como refere a autora Bunting, L. (2007), apesar das atenções da comunicação social e o interesse académico, o assunto sobre os abusos cometidos por mulheres permanece ainda sob um grande silêncio. Tanto os profissionais como o público em geral, ainda pensa que o abuso sexual de crianças é um problema “masculino”. O facto de apenas 5% dos casos de abusos serem perpetrados por mulheres, faz com que o problema seja tão raro que parece que simplesmente não existe.

Hetherington, J. (1999) cit in Bunting, L. (2007), avança com o facto de se pensar que as mulheres não abusam pode ser influenciado por negações culturais, e levam a crer que muitas vítimas de abusos, especialmente do sexo masculino, não denunciam o abuso por terem medo de não acreditarem neles. Vários estudos indicam que os sobreviventes de violência sexual perpetrada por mulheres vivenciam o estigma, a vergonha e um grande isolamento.

2.1.8. Questão da Memória no Abuso Sexual de Crianças

Ainda no seguimento das falsas crenças referentes ao abuso sexual de crianças encontra-se o mito de que “as crianças mentem sobre terem sido abusadas sexualmente quando na verdade não o foram”, é neste sentido que se encontra a criação deste subcapítulo sobre a questão da memória no abuso sexual de crianças.

O assunto da memória no que se refere ao abuso sexual de crianças tem sido alvo de grande controvérsia. A temática tem vindo a público através dos meios de comunicação e dos julgamentos em tribunal, locais onde se torna privilegiada a ideia de que os casos de memórias recuperadas e de falsas memórias são de facto frequentes.

Esta polémica tem assombrado a sociedade em geral e tem dividido os profissionais de psicologia, há autores que temem que esta problemática possa ter efeitos negativos nas crianças abusadas sexualmente. Esta é uma ideia defendida por Jenkins (1997)

que se refere a este assunto como um fenómeno problemático com sérias repercussões para a prática terapêutica e para a sua posição na sociedade em geral.

É unânime entre os autores a importância do reconhecimento de existir o máximo de entendimento possível sobre o que é o abuso sexual, bem como a sua prevalência, e mais do que isso saber o predomínio de casos reportados de memórias recuperadas e falsas memórias. Para uma correcta prática da psicologia, Palm e Gibson (1998) consideram de extrema importância conhecer-se o grau de prevalência das memórias recuperadas, das falsas memórias e do abuso sexual de crianças de modo a que seja providenciada uma terapêutica apropriada.

No seguimento desta ideia faz sentido definirmos o que se entende por “Falsas Memórias”. Este conceito é definido como uma recordação de uma vivência do passado que não aconteceu, daí ser considerada falsa. O que acontece no processo é que a pessoa que a possui acredita veementemente que tenha acontecido.

Em 1994, o autor Terr (cit in Jenkins, 1997) define Falsa Memória como sendo uma história fortemente imaginada, uma mentira ou uma impressão mal interpretada. Ideia partilhada pelo autor Johns Hopkins (cit in Jenkins, 1997) membro da Fundação do Síndrome de falsas memórias de *Philadelphia*, que acrescenta ao significado de falsa memória uma condição na qual a memória de uma experiência traumática é objectivamente falsa apesar da pessoa acreditar fortemente que é verdadeira.

Perante estas definições que Jenkins (1997) transcreve nos seus escritos, surge a questão do nível de exactidão da definição do conceito de falsas memórias, segundo este autor a questão das memórias estão assim presas por serem "objectivamente falsas" mas de acordo com qual critério?

Com o objectivo de responder a esta questão e desta forma contribuir para a discussão da temática sobre as falsas memórias, o autor levanta 4 pontos essenciais segundo o qual têm de ser tidos em consideração quando se fala numa definição compreensiva do que se entende por falsas memórias. Estes são: 1. Que as memórias do abuso na infância são descontinuas. 2. Que estas são passíveis de serem recuperadas num *setting* terapêutico. 3. Que existe a ausência de uma

evidência confirmativa. 4. É um facto de que a recuperação da memória do abuso sexual na infância dado na terapia é seguida de uma denúncia e confrontação com o perpetrador que nega o abuso.

Existem assim duas situações distintas inerentes à temática das falsas memórias que envolvem: a) Na eventualidade de uma pessoa ter sido vítima de abuso sexual em criança poder só revelar o abuso na idade adulta; b) A possibilidade da pessoa recuperar a memória do abuso na terapia.

Inerente ao ponto b) encontra-se outra controvérsia designada “Sugestão” – nesta controvérsia cria-se um cenário em que os terapeutas se vêem envolvidos pela forma como podem ou não sugerir que determinados acontecimentos tenham falsamente ocorrido.

Alguns autores defendem que as crianças podem ser sugestionáveis a reproduzirem sérias e falsas acusações sobre alegadamente terem sido vítimas de abuso sexual. No entanto e apesar desta questão polémica ter sido já amplamente estudada, a frequência com que as crianças podem alegar abuso é algo que permanece ainda por clarificar.

Em certos casos “bem publicados” é agora alegado que algumas memórias são às vezes falsas, nomeadamente imaginadas ou fantasiadas pela vítima ou, pior, implantadas na mente da vítima pelo seu terapeuta. A implicação que isso tem é que é à pessoa sobre o qual recaíram as alegações que merece suporte e reconhecimento: é o terapeuta que está em falta. Terapeutas são alegadamente considerados irresponsáveis, fora de controlo, destruidores de lares, e dão voz às alegações não fundamentadas (Jenkins, 1997).

Para este autor como possível resultado desta discussão podemos estar perante uma filha adulta que recupera a memória de ter sido de facto abusada aquando em criança, e denúncia o perpetrador. O que acontece é que a alegação não pode ser confirmada e o perpetrador continua a negar a ocorrência do abuso.

Com o objectivo de tentar responder a esta problemática e clarificar as discussões que sobre ela recaem, em 1996, um grupo de trabalho de investigação sobre as memórias do abuso sexual na infância da American Psychology Association, constituído por uma equipa especializada em assuntos de memória e trauma sumarizaram determinados pontos em que estavam em acordo e desacordo respectivamente sobre a temática.

Apesar de não ter sido efectuada uma publicação dos pontos em desacordo, os pontos em acordo deste grupo descritos por Palm e Gibson, (1998) foram os seguintes:

- As controvérsias sobre as recordações dos adultos não deveriam ser admitidas para se tornarem pouco claras, o facto do abuso sexual de crianças ser um problema complexo e penetrante que permaneceu historicamente ignorado;
- A maioria das pessoas que foram sexualmente abusadas em crianças relembram-se de todos os pormenores do que lhes aconteceu;
- É possível as memórias de abuso que estiveram esquecidas durante um longo período de tempo serem recordadas;
- É igualmente possível a construção convincente de pseudo-memórias de acontecimentos que nunca tiveram lugar;
- Existem falhas no nosso conhecimento acerca dos processos que levam à precisão e imprecisão de recordações do abuso sexual na infância.

Apesar dos pontos discutidos e acordados pelos membros de investigação sobre as memórias da American Psychology Association, parece ser difícil traçar a flexibilidade e troca de ideias entre os autores, adaptada a cada caso e realidade.

Desta forma surgem inúmeros autores segundo os quais a criança é, tal como os adultos, capaz de se ajustar à sugestibilidade, integrando na sua vivência acontecimentos que de facto não aconteceram. Esta ideia vai ao encontro do que referem recentes investigações

efectuadas por Lamb, Sternberg, Orbach, Hershkowitz, e Esplin, 1999; Poole e Lindsay, 1998; Saywitz e Goodman, 1996 (cit in Hershkowitz, 2001), que revelam que a criança pode reportar falsos testemunhos em relação a ter sido alvo de toques corporais por parte de alguém.

Também os autores Belli e Loftus, in press; Lindsay e Read, 1994; e Loftus, 1993 (cit in Williams, 1994) estão de acordo com estas ideias, referindo nos seus estudos que o Laboratório Académico de Estudos sobre a Memória tem sido utilizado para sugerir que os adultos são susceptíveis de adquirir memórias de abusos sexuais na infância que não ocorreram.

Estes autores acreditam que na memória se podem plantar experiências que não existiram através da sugestão. Sugestionados por alguma situação as pessoas começam a acreditar que de facto aquele acontecimento teve lugar.

A sugestão é, segundo os mesmos, mais provável de acontecer quando existe uma atmosfera de acusação, quando o alegado perpetrador já possui um historial incriminatório, ou quando é facilitada por uma figura de autoridade. A repetição insistente é, para Ceci, S. J., Loftus, E. F., Leichtman, M. D., e Bruck, M., 1994 (cit in Hershkowitz, 2001) um factor preponderante que pode levar a que eventos, não experienciados, conduzam à resistência, à sugestão e consequentemente evoquem falsas memórias.

A ideia da sugestionabilidade é no entanto contestada por muitos outros autores levando a uma continuidade da discussão que tem sido debatida nos últimos anos sobre a existência ou não de falsas memórias no que se refere ao abuso sexual de crianças.

Diversos estudos foram feitos para avaliar a prevalência do abuso sexual de crianças, mas quando se tenta, tendo em conta esses dados, aferir algumas conclusões no que se refere às falsas memórias, alguns autores consideram esses estudos retrospectivos pouco precisos devido ao facto de existir um grande número de crianças que não denunciam o abuso. Esta é a ideia a que chega Finkelhor, (1990) que demonstra que muitos dos casos de abuso sexual de crianças não são reportados às autoridades.

A vergonha, o medo de denunciar, e o esquecimento desses acontecimentos traumáticos são possíveis razões levantadas para justificar o facto de as crianças não denunciarem o abuso sexual.

Aqui surge a temática das memórias recuperadas, isto é a possibilidade da criança mais tarde através de terapia recordar a situação do abuso.

Tal como as falsas memórias, também as memórias recuperadas dos abusos sexuais na infância são alvo de persistentes controvérsias sendo que vários autores consideram-nas da mesma forma, falsas.

O que se sabe pela experiência é que geralmente quando essas acusações de abuso sexual são levantadas e levadas ao público passados alguns anos a sua credibilidade é posta em causa. As razões para tal acontecer prendem-se com variadíssimos factores, alguns dos quais relacionados com o facto de por vezes a pessoa indicada como sendo potencialmente abusadora se tratar de alguém com grande influência na sociedade que leva de imediato a uma postura de incredulidade generalizada. Como referem Wakefield e Underwager, 1992 (cit in Williams, 1994):

Frequentemente os indivíduos acusados que vêm para a atenção do público são ou membros influentes da comunidade ou têm prestígio e autoridade considerável. É frequentemente difícil para os amigos, membros da família e o público em geral aceitar a possibilidade de que esses indivíduos abusaram sexualmente de crianças, especialmente quando os acusadores são eles próprios altamente bem sucedidos e com um alto cargo.

Vários estudos foram realizados de forma a ser comprovada a ideia de que uma larga percentagem de pessoas que foram abusadas sexualmente durante a infância poderem não se recordar do abuso.

Um desses estudos é de Briere e Conte, 1993 (cit in Williams, 1994), estes autores constataram que 59% de 450 mulheres e homens em tratamento por denúncia de abuso sexual de crianças em certa altura nas suas vidas antes dos 18 anos, tinham de facto esquecido o abuso

sexual de que tinham sido alvo na infância. Em conformidade com este estudo, está outro estudo de Herman e Schatzow, 1987 (cit in Williams, 1994) no qual se depararam com “sérios défices de memória” do abuso, isto é, cerca de 28% de uma amostra de mulheres em terapia de grupo por abuso sexual na infância, e aproximadamente 64% da sua amostra reportaram algum grau de amnésia.

Estes dois estudos de Briere e Conte, 1993, e Herman e Schatzow, 1987 foram dois importantes estudos de memórias de adultos de abuso sexual ocorrido na infância.

Loftus, Polonsky e Fullilove, 1984 (cit in Williams, 1994) parecem discordar com estes estudos, demonstrando que apenas 31% de mulheres sexualmente abusadas revelam ter repressões parciais ou memória incompleta devido ao abuso e 19% demonstram passar por períodos provisórios de esquecimento da ocorrência do abuso, demonstrando que apesar de se tratar de uma minoria é possível o esquecimento parcial ou total do abuso.

Em suma, e no que se refere às memórias recuperadas o facto de não se possuir memórias sobre a ocorrência do abuso é uma situação comum. Esta ideia vai ao encontro do que refere Williams (1994) que revela no seu estudo que 39% de 129 mulheres não reportaram o abuso sexual pelo qual passaram na infância, a maioria por não se recordar, e as restantes por terem simplesmente decidido não o fazer.

Estas ocorrências revelam que não se ter memória do abuso sexual ocorrido na infância é uma situação comum não apenas entre sobreviventes adultos em terapia pelo abuso mas também por amostras de mulheres na comunidade que reportaram terem sido sexualmente abusadas (Williams, 1994).

2.2. PREVENÇÃO DOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS

2.2.1. Origens da Prevenção

Com o aumento das denúncias de casos de abuso sexual de crianças e com uma crescente preocupação dos profissionais (psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, médicos,

enfermeiros, etc.) e da população em geral em relação a esta problemática, surgiram nos EUA nos finais dos anos 70 e princípio dos anos 80 os primeiros Programas de Prevenção dos Abusos sexuais de crianças nas escolas. Estes pretendiam promover o interesse e conhecimento pelo tema e tinham como objectivo fomentar a prevenção e o tratamento do abuso sexual de crianças.

Esta é uma ideia confirmada por Renk et al, (2002), que refere que em resposta a um aumento de conhecimento e interesse pelo problema do abuso sexual de crianças, os programas foram desenvolvidos para promover o conhecimento, prevenção e tratamento do abuso sexual.

Este conhecimento generalizado pelo tema deveu-se em grande parte a algumas escritoras feministas que sugeriram que a prevenção dos abusos sexuais de crianças teria de passar por uma mudança na sociedade. Estas acreditavam que se tratava do resultado do domínio e poder dos homens sobre as mulheres e crianças existente numa sociedade patriarcal. Como consequência do aparecimento destas ideias desencadeou-se um crescimento do interesse público pelo tema. Esta ideia é descrita por Bolen, (2003) segundo o qual as feministas Florence Rush e Judith Herman sugeriram que a dinâmica da sociedade como um todo é a principal causa da prevalência do abuso, e que este é indicador de uma sociedade patriarcal na qual os homens detêm o poder sobre as mulheres e crianças.

No final dos anos 70 e princípios dos anos 80 o assunto da violação originou uma série de movimentos de mulheres um pouco por todo o mundo, consequentemente e inerente a esta problemática os assuntos relacionados com a violência sexual e a sexualidade adquiriram um peso importante tornando-se o foco central na teoria feminista, e as mulheres em todo o mundo organizaram-se com o objectivo de alertar e responder, organizando campanhas contra a vitimização sexual de mulheres e raparigas.

O movimento feminista ocupou-se dos assuntos da violação por três razões essenciais: a primeira devido ao facto da violência sexual ser uma das mais indecorosas e brutais expressões de violência masculina contra as mulheres, segundo porque a violação e o “debate” histórico à volta dela revela uma grande problemática em torno das relações sociais de reprodução. E por último a violação

revela uma grande problemática acerca da forma como o corpo das mulheres é visto e representado na comunidade (Kelly, & Radford, 1998).

É neste sentido que Smith e Bentovim (1994) referem que o movimento feminista foi um importante factor para o aumento de denúncias de abuso sexual de crianças, no qual o interesse e abertura geral por assuntos relacionados com a sexualidade tiveram um papel desencadeante.

2.2.2. Prevenção do Abuso Sexual de Crianças nas Instituições

Os autores Colton, M., Vanstone, M. & Christine W. (2002), debruçaram as suas atenções teóricas sobre o abuso sexual de crianças perpetrado em instituições residenciais. Para estes, a abordagem do abuso sexual de crianças em instituições, é um assunto indispensável, sobre o qual todos os profissionais deveriam reflectir quando falam em **Prevenção**. Os autores enaltecem a importância de se realizarem programas de prevenção dentro das instituições, onde deveriam ser abordados temas como: as estratégias que os abusadores utilizam para as crianças manterem segredo e como actuam para silenciar todos os profissionais da instituição, os autores referem que estes programas devem servir essencialmente para desmontar o poder que os abusadores têm dentro das instituições.

O abuso sexual de crianças dentro das instituições constitui uma quebra horrível e impensável da confiança humana. Os efeitos podem ser devastadores para as crianças e funcionários das instituições. (Bloom, 2002)

O Abuso Sexual de Crianças dentro das Instituições onde as crianças se encontram durante 24 horas é muito comum. Segundo o autor Bloom, R. (1992) o abuso pode ocorrer o dobro das vezes que ocorreria normalmente dentro da família.

Durkin, R. (1982) cit in Bloom, R. (1992), refere que quando ocorre a denúncia de uma situação de abuso sexual dentro de uma instituição, procede uma série de situações dentro da própria instituição que dificultam a própria queixa. A denúncia é vista como um ataque a toda a instituição. A resistência a esta denúncia tende a ser forte, sendo que as instituições não gostam

de ter percentagens elevadas de abusos, daí estas situações de violência nem sempre serem reportados ao exterior. As reacções das instituições por vezes são idênticas às reacções das famílias nucleares das crianças: negam, encobrem a denúncia ou assumem comportamentos defensivos. A acusação vai mexer com a dinâmica da instituição, vão surgir medos de punições e/ou repreensões, as pessoas vão querer proteger ao máximo as suas reputações e carreiras, todos estes factores dificultam a protecção das crianças abusadas neste contexto.

A Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças em Contexto Institucional é, por todos estes factores, muito importante. Bloom, R. (1992), avança com alguns tópicos a serem abordados nesses programas de prevenção,. Muitos abusadores conseguem manipular os outros que trabalham com ele, no sentido de evitar a denúncia, é importante sensibilizar os membros da instituição para este facto. É importante que todas as pessoas que trabalham na instituição levem sempre, e em qualquer circunstância, a acusação da criança a sério.

A prevenção começa com uma clara política de que é missão da instituição proteger e cuidar de todas as crianças nela residentes, e que qualquer abuso sexual de crianças perpetrado por qualquer funcionário da instituição é crime e deverá ser de imediato denunciada.

É fundamental dar Informação, consciencializando os funcionários da Instituição sobre o que é o abuso sexual de crianças, desmistificando todos os mitos e mentalizar que é possível acontecer ali. Informar que a denúncia é um dever que compete a todos, e como tal devem fazê-lo para todas as situações abusivas.

Vítimas escondidas levam a dores escondidas, é o que nos diz Nelson S. (1998), alertando para o facto de o silêncio ser a arma mais potente dos abusadores. Quebrar o silêncio foi visto como o primeiro e crucial grande passo para a mudança dos abusos nas instituições, e para as crianças permanecerem em ambientes seguros nas mesmas.

Quebrar o silêncio dos abusos dentro das instituições é um passo complicado até para os profissionais que lá trabalham, segundo Nelson S. (1998), normalmente estes são alvo de pressão e tácticas intimidatórias. O abuso nas instituições pode paralisar e intimidar todo um sistema. É importante, para o bem-estar e a segurança das crianças, que os profissionais denunciem, que

terminem com a sua vulnerabilidade, o silêncio levanta em si muitas preocupações sobre os direitos e a liberdade das crianças.

2.2.3. Programas de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças nas Escolas

Perante as sequelas que o abuso sexual acarreta para as crianças e de todos os factores inerentes aos mesmos a melhor forma de reduzirmos a sua ocorrência é pela Prevenção. Esta encontra-se à frente de todas as tentativas de reduzir os efeitos nefastos do abuso sexual de crianças, e é segundo Renk et al. (2002) a forma mais eficaz de limitar as consequências negativas do abuso.

A Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças insere-se no Conceito de **Prevenção Primária**, um dos seus objectivos principais é dotar as crianças, pais, professores e comunidade de conhecimentos, informação e competências para lidarem com os abusos sexuais de crianças, esta ideia é defendida por Anderson, J. F., Mangels, N. J., & Langsam, A. (2004), cit in Wurtele, S. & Kenny, M. (In Press), que refere que o objectivo da **prevenção primária** é prevenir o abuso antes deste ocorrer, e uma forma eficaz de prevenir que o abuso ocorra é **educar** os pais, as crianças, as escolas e as comunidades sobre os abusos sexuais de crianças.

Segundo Daro, 1994 (cit in Rank et al. 2002), a maioria dos programas de prevenção são efectuados nas escolas e tem como objectivo ensinar as crianças de como se podem proteger. Da mesma opinião é o autor Finkelhor, 1990 (cit in Bolen, 2003) que refere que as escolas e os programas de comunidade deram um passo em direcção a ensinar e inculcar nas crianças competências para que estas possam evitar o abuso.

Os programas de prevenção dos abusos sexuais nas escolas revelaram-se assim de extrema importância na prevenção dos abusos sexuais de crianças e imprescindíveis na redução da incidência do abuso.

Como referem os autores Whatley. M. H. et al (1988), em conjunto com um Programa de Prevenção dos Abusos Sexuais dirigido às crianças, e aos pais, também faz sentido abordar estas temáticas preventivas junto dos professores, educadores, auxiliares de educação e

profissionais em geral que lidem com crianças. A necessidade de criarmos “parcerias” entre a escola e a comunidade, e de vermos os adultos como parceiros é crucial para reduzir a incidência dos abusos.

Existem inúmeros Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças, e apesar de poderem diferir uns dos outros no número de sessões implementadas, na duração dos programas, na profissão do formador, e nos materiais audiovisuais utilizados, todos estes Programas são comuns nos pontos essenciais dos seus objectivos: permitir que as crianças sejam capazes de distinguir os diferentes tipos de toques por parte dos adultos, reconhecer quando estes são invasivos e impróprios, e serem capazes de contar a alguém a ocorrência do abuso.

Os objectivos dos programas de prevenção passam igualmente por aperfeiçoar as capacidades das crianças em reconhecer toques inadequados por parte de adultos, passam por criar contextos para a promoção do desenvolvimento do “*empowerment*” nas crianças, de forma a que as crianças sintam que têm poder, não só para se protegerem de situações abusivas, como denuncia-las (Rank et al. 2002).

Rappaport, 1987 (cit in Macleod, & Nelson, 2000), define *empowerment* como um processo, um mecanismo através do qual cada pessoa, organização e comunidade ganham domínio conhecimento profundo / aprendizagem sobre algo relacionado com a sua vida.

É assim urgente que existam dois elementos fundamentais para que o desenvolvimento do *Empowerment* seja possível: o sujeito participar activamente em todos as decisões do programa e que seja realçado a construção das forças do sujeito e não as suas fraquezas.

Segundo alguns autores uma das principais causas do abuso sexual de crianças parte em grande medida pela falta de educação sexual nas escolas, como refere Minard (1993) um desenvolvimento sexual saudável é um pré-requisito para que os jovens evitem ou lidem com situações abusivas. Desta forma é mais provável que as crianças que sabem o que é normal e saudável compreendam quando alguém lhes toca de uma forma abusiva.

Apesar dos programas de prevenção existentes actualmente virem em diferentes formatos – os programas podem utilizar filmes, apresentações em *role-play*, discussões e leituras, materiais escritos e treinos comportamentais que melhor ajudem a proceder aquando uma situação de abuso – a informação passada nesses programas é similar e transversal a vários programas. Segundo a autora Carroll, L. A. (1992), estes programas incluem o tema de “quem é dono do próprio corpo”, “tipos de toque”, a palavra segura “não”, e competências para as crianças saberem como agir se passarem por situações abusivas. Em todos os programas se passa a ideia de que a criança tem que contar a alguém se alguma dessas situações tiver acontecido.

Para Vernon e Hay, 1988 (cit in Minard, 1993) existem 4 elementos básicos que necessitam de ser incluídos num programa de educação sobre o abuso sexual de crianças, são estes: conhecimento sobre as partes do corpo – sobre o que é o “bom” e o “mau” toque, as crianças devem ser ensinadas de que existem toques que as fazem sentir-se mal ou as deixam confusas, este é o chamado “mau” toque; outro elemento é o desenvolvimento em relação às competências de tomadas de decisão – muitas vezes as crianças são ensinadas a respeitar a autoridade do adulto, é necessário que estas percebam que por vezes tomar decisões contrárias às vontades do adulto só as vai proteger de serem exploradas, aqui torna-se importante abordar o conceito de segredo, como refere Minard (1993) o conceito de segredo pode ser explicado às crianças pequenas de uma forma muito compreensível por exemplo, um segredo é algo que nunca as faz sentir mal como uma festa surpresa; treino assertivo – o facto da criança poder dizer “não” a um adulto de forma assertiva, segundo Vernon & Hay 1988 cit in Minard (1993), muitos abusadores param a investida se a criança disser “não” ou protestar gritando ou lutando.

Em todas as situações a criança deve ser ensinada de que a culpa nunca é dela. A criança deve ainda ser ensinada de como e onde pode obter ajuda. Segundo Kraizer, 1985 (cit in Minard, 1993) as crianças devem ser encorajadas a procurar um adulto em quem possam confiar, e se o primeiro adulto a quem procuraram ajuda não acreditou nesta, devem ser encorajadas a procurar outro adulto de confiança.

Estes programas permitem também que a criança saiba que o abuso pode ser perpetrado por membros da família, amigos ou “*babysitters*”.

Os programas de prevenção detêm assim na sua especificidade vários alvos de acção e objectivos, estes passam por ensinar à criança conhecimentos sobre o abuso sexual de crianças, aumentando as suas competências através de aprendizagens sobre defesa e protecção pessoal num contexto educacional, e procuram também alertar os pais e professores sobre o que é o abuso sexual de crianças e a melhor forma de o prevenir, fornecendo-lhes informação sobre o abuso de forma a que estes discutam o assunto com as crianças.

Este envolvimento pode afectar indirectamente o sucesso dos programas de prevenção do abuso sexual de crianças nas escolas não apenas em relação aos pais, como também aos professores, permitindo que detenham não só maior conhecimento sobre o tema como mais confiança para o abordar com as crianças.

Esta ideia é defendida por Burgess e Wurtele, 1998; Wurtele, Kwaterernick, e Franklin, 1992 (cit in So-kum Tang, & Chi-wai Yan, 2004) que referem que pais que participaram nestes programas de prevenção do abuso sexual de crianças discutem o abuso sexual de crianças com os seus filhos.

Também os profissionais como psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, e psiquiatras se demonstram mais capazes de lidar com a temática após a participação nos programas.

No processo de *recovery* do abuso sexual de crianças a criança tem de passar por várias etapas até ser capaz de denunciar o abuso, em primeiro lugar esta tem de ser capaz de reconhecer que passou por uma situação abusiva, de seguida tem de acreditar no facto de poder denunciar, e por último a criança tem de possuir competências de auto-protecção, e é aqui que os programas de prevenção dão o primeiro passo. Este passa primeiramente por ensinar à criança o que é o abuso sexual, e neste ponto as opiniões divergem devido à complexidade do que é definir o abuso sexual. Se as definições são vagas, muitas crianças sobretudo as mais novas podem sentir-se confusas e sem ideia do que é esperado delas, por outro lado muitas situações que não são abusivas podem ser reportadas, causando confusão às crianças.

Segundo MacIntyre e Carr (2000) de uma revisão de trinta estudos concluíram que os programas de prevenção do abuso sexual de crianças pode levar a ganhos, conhecimentos e competências significativas nas crianças, pais e professores.

Neste sentido Sánchez (2001), pretendeu estudar os conhecimentos e atitudes dos pais, crianças e professores em relação ao abuso sexual de crianças, foram encontrados resultados bastante surpreendentes e reveladores, não só, de uma grande falta de informação acerca dos abusos sexuais como da profunda convicção em crenças que se revelaram absolutamente erróneas em relação à temática. Questões como o facto de os abusadores preferirem as meninas como principal alvo de assédio, que só acontece em baixos estratos sociais, do abusador como sendo alguém estranho à criança, que a criança acaba sempre por contar aos pais a situação traumática pela qual passou, de que as crianças mentem aos pais sobre terem sido abusados para se vingarem dos adultos, e de que o abuso sexual envolve sempre violência física, são algumas das crenças que os pais e profissionais possuem acerca dos abusos sexuais de crianças.

O que este estudo veio revelar é que de facto é urgente trabalhar-se sobre a melhor maneira de prevenir o Abuso Sexual de Crianças, este passa não só pelas crianças mas também pelos pais, professores e profissionais, começando por desmistificar os falsos mitos que estes possuem acerca da problemática do abuso sexual.

2.2.4. Envolvimento Parental na Prevenção do Abuso Sexual de Crianças

“Sem uma família feliz não somos adultos felizes, e sem adultos felizes, não temos adultos com qualidade.”

Leandro, A. (2008).

A família assume-se como detentora de um papel determinante neste processo de assegurar os Direitos das Crianças, tendo como suporte os diferentes suportes da Comunidade.

A rede de suporte é fundamental para promover o desenvolvimento da criança e o seu bem-estar. Na comunidade este papel também pode ser assegurado, cabe ao estado com as suas

políticas e estratégias. É importante reflectirmos sobre as famílias quando se reflecte sobre a criança.

Os programas de educação parental desempenham na prevenção do abuso sexual de crianças um papel essencial. Estes vão permitir que os pais se sintam cada vez mais competentes para lidar com esta problemática e conseqüentemente mais capazes de lidar com o abuso.

O envolvimento dos pais nestes programas foi desde sempre muito valorizado, como referem Burguesa e Wurtele (1998) que defendem potenciais vantagens na educação dos pais sobre o abuso sexual de crianças.

A Educação Parental e os programas de treino foram concebidos para aumentar os conhecimentos dos pais acerca do desenvolvimento da criança, promovendo atitudes no que se refere ao relacionamento pai-filho e desenvolvendo competências no comportamento parental (Wilfrid, 2001).

No que se refere à temática do Abuso Sexual de Crianças, a participação dos pais nos programas de prevenção tem-se revelado uma mais valia, estes não só se sentem mais informados sobre o abuso sexual de crianças para discuti-lo com os seus filhos, dissipando assim quaisquer dúvidas que possam surgir e reduzindo a vulnerabilidade dos mesmos para o abuso, como se sentem mais sensíveis para possíveis denúncias após terem recebido os conteúdos dos programas. Tal como referem Renk et al. (2002) as crianças podem sentir-se mais seguras e confidentes em relação à sua decisão de revelar o abuso aos membros da família.

O facto dos programas de prevenção do abuso sexual de crianças incluírem os pais permite que estes se sintam mais aptos para lidarem com o problema. Esta conclusão foi a que chegaram Wurtele, Kast e Melzer 1992 (cit in Renk et al. 2002) quando compararam pais e professores como formadores de um programa de prevenção para crianças em idade pré-escolar. Os resultados revelaram que as crianças que receberam o treino por parte dos pais melhoraram significativamente os seus conhecimentos sobre o abuso sexual de crianças, deram mais respostas satisfatórias demonstrando elevadas competências de segurança, comparadas

com as crianças que foram ensinadas pelos professores. Estes resultados revelaram também que os pais podem ser educadores eficazes no que se refere às temáticas de abuso sexual e prevenção.

Da mesma opinião é o autor Finkelhor, D. (1986) cit in Whatley. M. H. & Trudell, B. (1988), que identifica três vantagens para os pais assistirem a programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças: 1) se os pais aprenderem a educarem os seus filhos e a falarem-lhes sobre as questões dos abusos, quando as crianças assistem aos programas de prevenção nas salas de aula já têm algum *background* sobre estas questões e será mais eficaz para estas interiorizarem; 2) os pais aprendem a reconhecer os sinais e será mais fácil para estas identificarem os abusos; 3) os pais aprendem a agir quando deparados com estas situações e como tal ser-lhes-á mais útil a denunciar o abuso (p.97).

No que se refere à discussão sobre a temática do abuso sexual de crianças entre pais e filhos alguns estudos demonstraram que relativamente poucos pais discutiam este assunto com as crianças. A comprovar esta ideia encontra-se Finkelhor, 1984 (cit in Renk et al.) que demonstrou que os pais falam pouco com os filhos sobre a problemática do abuso sexual de crianças, sendo que apenas 29% dos pais inquiridos discutiram, em alguma altura na sua vida, este assunto com os seus filhos. Este estudo demonstrou também que dos 29% dos pais que falaram sobre o abuso sexual de crianças, apenas 53% referiram o facto de o abusador poder ser conhecido da criança e apenas 22% que poderia tratar-se de um membro da família. Desta amostra de pais a maioria acredita que o abuso sexual ocorre quando a criança tem 9 anos de idade, apesar de muitos destes pais terem sido vítimas de abuso sexual em idades menores.

Para Tutty, 1993 (cit in Renk et al.) os pais podem subestimar a prevalência e gravidade do abuso sexual e por outro lado sobrestimar os conhecimentos dos seus filhos sobre o abuso sexual de crianças.

A falta de conhecimento sobre a problemática e de como abordar o assunto foram algumas das razões encontradas pelos pais para justificar ausência de diálogo sobre os abusos sexuais com os seus filhos, como referem Wurtele, Kvaternick e Franklin (1992) “ as principais razões que os pais apontaram para justificar o facto de não terem discutido o tema com os seus

filhos teve a ver com a falta de conhecimento, vocabulário e materiais para o fazer” .Collins 1996; Repucci et al. 1994 e Tutty, 1992 (cit in Burguessa, & Wurtele, 1998) chamam igualmente a atenção para o facto dos pais não discutirem o assunto do abuso com os filhos por considerarem que o seu filho não está em risco de ser abusado sexualmente.

Este envolvimento dos pais irá desta forma não só fazer com que discutam o temática dos abusos com os filhos em casa antes mesmo de estes terem acesso aos programas nas escolas, como a que se tornem mais competentes em detectar potenciais crianças que foram abusadas e reagir eficaz e apropriadamente perante o sucedido.

O impacto dos programas preventivos ensinados nas escolas vai depender do suporte dos pais em casa, tanto para clarificar conceitos como para ajudar as crianças a aplicar o seu conhecimento na vida quotidiana Conte e Fogarty, 1989 (cit in Burguessa, & Wurtele, 1998).

A literatura sugere-nos que as crianças têm muito pouca informação sobre os abusos sexuais, e das estratégias de auto-protecção que podem utilizar, e há muitas sociedades em que os toques sexuais são aceitáveis. Por esta razão, Kenny, M. & Capri, V. (2008), referem ser importantíssimo a implementação de Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças, e consideram que os programas de prevenção do abusos sexuais de crianças são tanto mais eficazes, quanto maior o envolvimento dos pais e dos professores nos mesmos.

Modelo Ecológico

Aqui surge a ideia do Modelo Ecológico da Psicologia Comunitária, este modelo enfatiza a importância de se analisar o desenvolvimento da criança tendo em consideração todo o contexto em que esta e a sua família se inserem. Como refere Cox (1997) é importante a prevenção ser baseada numa compreensão do processo que leva a que ocorram experiências abusivas.

Assim faz sentido falar-se de programas para crianças, pais e professores/profissionais da escola.

O Modelo Ecológico do funcionamento familiar de Bronfenbrenner's, 1986 (cit in Macleod, & Nelson, 2000), contribui em grande medida para a compreensão e prevenção dos maus-tratos de crianças. Este engloba diversos níveis de análise, entre os quais se incluem: o nível individual, familiar, o sistema de suporte familiar e a comunidade.

Muitos autores como Sidebotham (cit in Gallagher, 2001) consideram o Modelo Ecológico como o “maior avanço na compreensão científica do que é o abuso de crianças”.

No entanto, há quem tenha opiniões divergentes no que se refere ao Modelo Ecológico como explicativo do abuso de crianças, alguns autores consideram que Sidebotham investe demasiado e coloca demasiada fé no mesmo, para o refutar referem que este dá uma visão demasiado estática do mundo e que é mais aplicável a certo tipo de abusos.

Pode ser disparatado pensar que o Modelo Ecológico se trata da palavra final no abuso de crianças (...) não existe uma solução única para combater o abuso Parton, 1996 (cit in Gallagher, 2001).

Na perspectiva ecológica Bronfenbrenner, 1977 (cit in Rank et al. 2002) vê o ambiente em que a criança se insere como um lugar privilegiado em que os seus constituintes se relacionam, e onde a criança é o centro da acção. Existem à luz do modelo ecológico três grandes sistemas: Microsistema – relações da criança com o ambiente que pode ser constituído pelos pares, membros da família e membros da escola. Mesosistema – constituído pelas relações entre os constituintes do microsistema. Finalmente existe o Exosistema que é constituído pelo espaço social que pode afectar indirectamente a criança – recursos da comunidade e serviços de suporte da criança.

Esta ideia vai ao encontro do que defende Wilfrid (2001), para este autor o Modelo Ecológico tem vários níveis de análise, nos quais se incluem: a criança, a família e os pais, a comunidade e a sociedade.

Tendo em conta o Modelo Ecológico de Prevenção faz sentido falar sobre aquilo que McMahon, 2000 (cit in Renk et al. 2002) chamou prevenção a vários níveis: Prevenção Primária, Prevenção Secundária, Prevenção Terciária.

A Prevenção Primária é, tal como o nome indica, a Prevenção que se realiza antes do abuso ocorrer e passa por uma consciencialização à comunidade em geral sobre o que é o abuso sexual com o objectivo de reduzir a sua incidência. Esta é uma ideia defendida por Browne (1986) que refere que as técnicas de Prevenção Primária se direccionam em direcção a mudanças fundamentais em toda a sociedade. Estas técnicas passam por campanhas de consciencialização pública que permitem dismantelar falsas concepções que as pessoas possam possuir em relação aos abusos sexuais de crianças. Este nível de Prevenção aposta primeiramente na educação das crianças sobre o que é o abuso sexual de forma a prevenir que este aconteça. Passa por uma “tolerância zero” ao abuso sexual de crianças.

A maioria dos esforços preventivos na área do abuso sexual de crianças focaliza-se na educação das crianças sobre como se protegerem contra tais abusos. Estes esforços podem ser considerados como Prevenção Primária ou como ocorrendo no Microsistema.

A Prevenção Secundária centra o seu alvo de acção nos indivíduos que estão em risco quer seja prevenindo que o abuso ocorra, ou intervir cedo o suficiente de modo a minimizar as consequências e efeitos nocivos do abuso.

A Prevenção Terciária vai por sua vez intervir nos sobreviventes dos abusos por forma a minimizar as consequências e efeitos do mesmo a longo prazo. Esta prevenção inclui uma prevenção aos abusadores de forma a que estes deixem de abusar.

2.2.5. São os Programas de Prevenção Eficazes na Redução do Abuso?

“Projects have become part of the problem and not part of the solution”

(S. Gerrie, New Life – Community Projects)

Esta é a questão que foi levantada e discutida ao longo dos anos e para a qual existem várias respostas.

Os programas de prevenção incluem três fases distintas: workshops com crianças, professores e pais. Neste âmbito faz sentido falar-se na existência de um modelo ecológico. Segundo Cox (1998) os programas de prevenção do abuso sexual de crianças são mais bem sucedidos se o seu foco de trabalho incluir a área do *bullying* e se os pais participarem activamente nos programas.

Os programas permitem que as crianças aprendam conceitos como abuso sexual, a diferença entre o bom e o mau toque, demonstram que todas as crianças têm o direito a dizer “não”, e a decidir sobre quem deve tocar no seu corpo, em suma, promovem o desenvolvimento do “*empowerment*”, permitindo que as crianças se sintam “seguras, forte e livres”.

Mas será isso o suficiente para reduzir o abuso?

Os programas de prevenção foram colocados em causa devido ao efeito que poderiam ter para a criança bem como a forma como actuam os perpetradores, alguns autores colocam estes programas em causa por considerarem que os mesmos podem afectar as crianças no sentido de lhes inculcar medo e ansiedade.

Questões como se as crianças adquirem e retêm informação bem como as competências que lhes são ensinadas, se conseguem de facto aplicar estas competências em situações de *roleplay* e se as aplicam em situações abusivas são algumas das questões colocadas por Finkelhor e Strapko, 1992; Kohl, 1993 (cit in Bolen, 2003).

Autores como Bolen (2003) defendem que o abuso é algo de tal forma subtil, e a multiplicidade de ofensores, localizações e as abordagens por parte destes tão variadas que não é possível fornecer à criança competências adequadas para se protegerem.

No seguimento de autores que contestam a eficácia dos Programas de Prevenção dos Abusos, surge-nos a autora Dorothy, S. (1994), que considera que em situações em que a

criança é convidada a participar em actividades sexuais, esta pode não ter um nível de compreensão suficiente para recusar a actividade, o que pode levar a que a coloque em mais perigo face à situação em que se encontra, esta autora refere que é necessário utilizar a palavra “não” com extrema cautela.

Por outro lado os autores Conte, Rosen, Saperstein e Shermack, 1985 (cit in Renk et al, 2002) na avaliação que realizaram de um programa de prevenção de abuso sexual de crianças, revelaram que as crianças que receberam o programa de prevenção demonstraram ter aumentado significativamente o seu grau de conhecimento e competências relativamente a esta temática.

Esta opinião é partilhada igualmente por Rispens, Aleman e Goudena (1997), segundo os quais, a maioria das crianças beneficiam com estes programas, não só aprendem os conceitos como solidificam as suas competências.

As avaliações realizadas aos Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças, concluem que as crianças aprendem efectivamente os conceitos que lhes são transmitidos, como referem Finkelhor, D. & Strapko, N. (In Press) cit in Alan, H (1997).

De forma a respondermos de modo mais completo e sustentável a esta questão, iremos referir de seguida dois estudos de investigação sobre a eficácia dos programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças nas escolas, e para finalizar um estudo de investigação relativo à participação dos pais num programa de prevenção do abuso sexual de crianças estabelecendo desta forma, com o último estudo de investigação apresentado, a ponte com a parte prática do nosso trabalho.

2.3. ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

2.3.1. Efeitos de um Programa de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças numa Escola Primária (Hébert, M., Lavoie, F., Piche C., & Poitras M. 2001).

Objectivo – Perceber os efeitos do programa ESPACE de prevenção do abuso sexual de crianças. O programa ESPACE é uma adaptação do *American Child Assault Prevention Program* (CAP).

Método – A amostra é constituída por 133 crianças dos quais 67 raparigas e 66 rapazes de duas escolas na área da cidade *Quebec City*. As duas escolas servem comunidades idênticas e são equivalentes em termos de tamanho e recursos. Um total de 64 participantes frequentavam o 1º ano (sendo a média de idades sete anos e dois meses), 69 frequentavam o 3º ano (sendo a média de idades nove anos e dois meses). As crianças completaram um questionário de conhecimentos e um vídeo com o objectivo de se aferir as competências preventivas que estas detinham em relação a situações potencialmente abusivas.

Instrumento – De forma a avaliar os possíveis efeitos do programa ESPACE foram utilizadas pelas crianças duas medidas: conhecimento e competências. As crianças foram convidadas a completar um curto questionário de satisfação.

Passadas duas semanas da apresentação do programa os pais foram convidados a completar o questionário com o objectivo de avaliarem os possíveis efeitos secundários do programa.

O questionário foi administrado colectivamente na sala de aula, as crianças responderam sim, não ou não sei em cada item. A consistência interna revelou-se satisfatória, bem como a estabilidade do resultado total, estimado em duas semanas de intervalo numa amostra de 33 crianças.

Ensaio sobre medidas de competência: foi elaborado este ensaio com o objectivo de aceder as habilidades preventivas das crianças perante situações abusivas. Cinco desses ensaios detectaram quatro situações abusivas e uma situação não abusiva foi filmada em vídeo. O vídeo é

utilizado para aumentar o realismo das situações. Estes ensaios incluíram um cenário de *bullying* por um grupo de pares; uma situação potencialmente abusiva envolvendo um estranho; uma situação potencialmente abusiva envolvendo um adulto conhecido; uma denúncia, de um abuso sexual perpetrado por um agressor conhecido, efectuada por um par; e uma cena não abusiva envolvendo um adulto próximo.

Após a apresentação de cada cena foi pedido às crianças, numa entrevista cara a cara, para descreverem a forma como estas reagiriam em tal situação. Uma lista de questões *standard* foi usada para determinar o grau pelo qual as crianças reconheciam a situação inadequada e indicar para cada situação os comportamentos preventivos (ex: dizer “não”, gritar, contar a alguém, etc).

As crianças assistiram ao vídeo com um grupo de 4 ou 5 crianças mas respondiam às questões individualmente. Tendo em conta as respostas eram caracterizadas 4 categorias, entre as quais: Assertividade, denúncia, pedido de suporte a pares, e competências de auto-defesa. Por cada categoria recebia-se no máximo dois pontos.

Satisfação: Um questionário de 5 itens era entregue após a participação no *workshop* com o objectivo de avaliar o grau de satisfação da criança em relação ao *workshop*.

Questionário aos pais: Neste questionário os pais tinham de comentar de forma positiva e negativa mudanças de comportamento, nomeadamente se revelam confiança no programa ou se pelo contrário consideram que este é prejudicial às crianças provocando-lhes medo de estranhos. E na situação de se identificarem aspectos negativos, os pais referiam se os consideravam um problema ou não.

No questionário era igualmente abordado se os pais discutiam o assunto do abuso sexual com as suas crianças antes de assistirem ao programa ESPACE. 94 Pais completaram o questionário, dos quais 84% mães e 14% pais.

A adaptabilidade do programa também foi analisada, nomeadamente no que se refere ao número de crianças presentes, a participação das crianças, o nível de envolvimento por parte dos professores, entre outros.

Descrição do Programa –O Programa SPACE é uma adaptação do programa CAP (Cooper, 1991, cit in Hébert, Piché, Fecteau, & Poitras, 1996), que está a ser amplamente implementado nas escolas primárias nos EUA. É um programa dado por trabalhadores especializados da comunidade e consiste em Workshops e *role-playing*, com a duração de 90 minutos. O objectivo deste programa é favorecer às crianças conhecimentos dos seus direitos pessoais e ensina-las conceitos básicos e competências preventivas. Às crianças são ensinadas competências auto assertivas, grito de defesa pessoal e são encorajadas a pedir ajuda a amigos e a contarem a um adulto de confiança se um incidente de abuso ocorrer.

Contrariamente a outros programas de prevenção, este workshop não se focaliza unicamente no abuso sexual permitindo também a discussão sobre o abuso físico e dos comportamentos de *bullying*.

Estes programas envolvem igualmente reuniões com os pais, estes têm como objectivo reduzir as frequentes más percepções acerca do abuso sexual, alertá-los para os possíveis indicadores de abuso e como reportar e reagir perante o abuso. O workshop de crianças é apresentado aos pais.

Resultados – Os resultados deste estudo foram apresentados em 3 sessões:

- Análise da adaptabilidade dos workshops apresentados e da satisfação dos participantes – resultados homogéneos, as estudantes gostaram do programa. Estas sentiram que lhes permitiu aprender conceitos (72%), consideraram que o programa incitava a discussão do tema entre pais e crianças, 76% das participantes referiu ter discutido o tema com os seus pais em casa, e 66% sentiu que compreendeu as noções de prevenção.

Os pais foram unânimes em reconhecer os benefícios dos programas de prevenção e revelaram que após o programa se encontravam mais conscientes para o problema do abuso sexual de crianças. Os pais acreditavam também que as crianças ganham muito em frequentar os *workshops*, desenvolvendo competências preventivas.

- Efeitos dos programas de prevenção do abuso sexual nas crianças, nomeadamente o seu nível de conhecimento e competências preventivas, comparando com os efeitos positivos e negativos do programa – mais de metade dos pais assume por 5 ou mais ocasiões ter discutido com os seus filhos o abuso verbal (55%), abuso sexual (60%) e abuso físico (64 %) antes do programa. Apenas uma minoria de pais admitem nunca ter discutido a problemática do abuso com a criança.

- Efeitos dos aspectos positivos e negativos, referidos pelos pais, após a participação nos programas de prevenção do abuso sexual de crianças – É demonstrado que as crianças não demonstram apresentar nenhum efeito negativo após 2 semanas do programa, no entanto algumas crianças demonstram possuir medo de estranhos, assumem comportamentos de dependência, contudo, para os pais, estas reacções não parecem constituir um problema. Apenas uma minoria de pais considera que os seus filhos demonstraram mais agressividade para com os pares, irmãos e dificuldade em obedecer aos pais.

Como efeitos positivos contam-se que as crianças aparentam falar mais da forma como gostam e não gostam que lhes toquem, demonstram deter mais auto-confiança, aparentam igualmente lidar melhor com situações conflituosas, são mais assertivas e autónomas.

2.3.2. Programas de Prevenção do Abuso Sexual de crianças: Diminuem a ocorrência do abuso sexual? (Gibson, L., & Leitenberg, H. 2000).

Objectivo – Aferir se a prevalência do abuso sexual de crianças difere entre estudantes do sexo feminino que estiveram presentes em programas de prevenção durante a infância e que não estiveram presentes. Perceber igualmente se as mulheres que estiveram e não estiveram presentes nesses programas de prevenção durante a infância possuem uma vida sexual activa ou se pelo contrário evitam relações sexuais.

Método – 971 mulheres estudantes de psicologia foram convidadas a preencher um questionário anónimo baseado nas suas “experiências sexuais”.

Instrumento – O instrumento media as seguintes dimensões:

- Participação num programa de prevenção do abuso sexual de crianças – As participantes responderam, assinalaram a idade que tinham na altura e se tiveram esse programa de prevenção na escola primária ou noutra local. Todas as participantes que afirmaram ter frequentado um programa de prevenção durante a infância, referiam terem-no recebido na escola.

- Abuso sexual na infância – As participantes foram questionadas sobre se até atingirem os 16 anos de idade tinham sido forçadas a ter relações sexuais com alguém. Se respondessem sim, referiam igualmente se tinham reportado o abuso.

- Satisfação Sexual;

- Evitar a prática de relações sexuais – As participantes responderam se já tinham tido relações sexuais e com que idade;

Resultados – 62% das participantes já tinham participado num programa de prevenção do abuso sexual, estes foram realizados na escola primária e na escola secundária. Os resultados revelam que as participantes que fizeram parte da amostra de um programa de prevenção do abuso sexual de crianças, é menos susceptível de ser abusada sexualmente do que as que não participaram. Não houve diferenças significativas entre as participantes que assistiram ao programa de prevenção em relação às que não assistiram no que se refere a reportar o abuso, contudo há uma tendência das participantes que assistiram a programas de prevenção reportarem o abuso mais cedo do que as que não assistiram a nenhum programa de prevenção.

Conclusão – Este foi o primeiro estudo que revelou que os programas de prevenção do abuso sexual de crianças implementados nas escolas influenciam a redução do abuso sexual de crianças.

2.3.3. Participação dos Pais num Programa de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças (Hébert, Piché, Fecteau, & Poitras 1996).

Objectivo – Aferir a participação dos pais num programa de prevenção do abuso sexual de crianças.

Método – Foram convidados a participar neste estudo pais de cinco Escolas Primárias na região de Chaudière-Appalaches (na periferia da cidade de Quebec City).

145 pais consentiram em completar o questionário depois de terem participado à apresentação do programa, dos 145, 29,2% dos pais devolveram o questionário.

Descrição do Programa – O Programa ESPACE é uma adaptação do programa CAP (Cooper, 1991, cit in Hébert, Piché, Fecteau, & Poitras, 1996), que está a ser grandemente implementado nas escolas primárias nos EUA. E está descrito no primeiro estudo científico abordado neste trabalho.

Instrumento – O questionário é dividido em cinco partes:

- 1) Informação demográfica;
- 2) Envolvimento na prevenção do abuso sexual de crianças;
- 3) Conhecimento das características do abuso de crianças;
- 4) Atitudes perante as noções de prevenção ensinadas nos programas de prevenção;
- 5) Crenças relativamente aos riscos e vantagens em relação aos programas de prevenção do abuso sexual de crianças, e sobre quem deve participar nestes programas.

Na secção do envolvimento na prevenção foi questionado aos pais se discutiam o abuso sexual com os seus filhos antes do programa ESPACE, até que ponto estavam confortáveis a discutir o tópico, e sobre o tipo de informação que eles consideravam ser benéfico para uma aprendizagem sobre o abuso sexual.

Foi inquirido aos pais sobre a idade ideal para se começar a implementar nas escolas uma educação preventiva acerca do abuso sexual de crianças e sobre quem deveria dar esses

programas. No caso de estes não terem participado à reunião completaram uma parte do questionário onde referiram as razões da sua ausência e foi-lhes pedido que fizessem sugestões em prol do aumento da participação dos pais nestes programas de prevenção.

Uma outra secção do questionário era constituída por uma pequena escala de conhecimentos que foi elaborada baseada nas medidas existentes e análises do programa ESPACE. Esta escala contém 13 itens de resposta VERDADEIRO – FALSO, ou questões de avaliação do conhecimento dos pais, no que diz respeito à natureza do abuso sexual de crianças é de escolha múltipla.

Na secção seguinte do questionário os pais foram questionados sobre se acreditavam se os programas de prevenção ensinavam as crianças acerca do abuso sexual de crianças. Para cada dos 21 itens, os pais respondiam numa escala de 1 a 5 conforme concordassem totalmente ou discordassem totalmente (p.e as crianças devem ser ensinadas de que têm o direito a dizer “NÃO” se alguém tentar abusar sexualmente delas).

Finalmente, a última parte do questionário continha uma escala com 8 itens que questionava os pais acerca das suas opiniões relativamente aos riscos e benefícios dos programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças (p.e Depois de terem estado presente num programa de prevenção do abuso sexual de crianças, estas ficam com mais medo de estranhos), e 5 itens sobre quem precisa de programas de prevenção do abuso sexual de crianças (p.e. apenas as raparigas precisam de aprender sobre o abuso sexual e do que fazer para se protegerem). Os pais completaram a escala dentro do mesmo âmbito de resposta numa escala de Likert de 1 a 5.

Resultados – A participação dos pais nas reuniões, variou de 14% a 35%, sendo a média de participação de 19%. 95% dos participantes foram sozinhos, os restantes 5% foram acompanhados por um membro da família. A maioria dos participantes (98%) estavam a participar no programa ESPACE pela primeira vez, o domínio de participantes eram mães (84%) enquanto uma percentagem pequena (8%) eram pais.

Dos 145 pais que completaram o questionário 47 estiveram presentes na reunião dos pais, os restantes 98 não, ambos tinham informações demográficas semelhantes a nível do género,

estrutura familiar, grupo étnico e religião. A média de idades era similar em ambos os grupos de aproximadamente 37 anos.

Relativamente ao envolvimento na prevenção do abuso sexual, foi perguntado aos pais a frequência com que eles falam sobre o abuso sexual de crianças com os seus filhos. Ambos os grupos de pais – aqueles que tinham falado com o seu filho sobre a temática do abuso sexual de crianças, e os que não falaram, demonstraram sentir-se moderadamente confortáveis em discutir o abuso sexual com o seu filho, da mesma forma que ambos os grupos de pais se consideravam eles próprios bem informados acerca do abuso sexual. 75,4% dos pais referiram ter lido livros ou panfletos enquanto que 83,1% referiram ter tido informação pela rádio ou programas de televisão. Foi encontrada uma diferença significativa entre os pais que conversam com os filhos e os que não conversam em relação à idade em que as crianças deviam aprender sobre o abuso sexual, sendo que os primeiros acreditavam que deviam ser ensinados em idades mais novas, ao contrário dos segundos que defendiam que deveriam ser ensinados em idades posteriores.

Poucos pais (8,3%) acreditavam na ideia de que estes programas deveriam ser dados por peritos no assunto e não pelos pais e a maioria dos pais (90%) acreditavam que todas as escolas deveriam ter programas de prevenção do abuso sexual de crianças.

A percentagem de respostas correctas na escala de conhecimentos para ambos os grupos, revela que não há diferenças significativas entre os pais que falaram com as crianças sobre o abuso sexual de crianças e os que não o fizeram. Em relação às crenças sobre os programas de prevenção do abuso sexual de crianças a comparação revelou que não havia diferenças significativas entre os pais que falaram com as crianças sobre o abuso sexual de crianças e os que não falaram. Ambos os pais sentiram que os programas de prevenção ajudariam a prevenir o abuso sexual de crianças e discordaram com as frases de que as crianças inventam histórias, desenvolvem estranhas ideias acerca da sexualidade ou estão mais predispostas a envolverem-se em jogos sexuais ou tornarem-se violentas se participarem num programa de prevenção. Da mesma forma que a maioria dos pais discordaram com os itens que referiam que os programas podem provocar nas crianças medo de receber abraços, que estas começavam a desobedecer aos seus pais ou tornavam-se medrosos no que refere a confiarem em alguém. Os resultados

revelaram que os pais foram mais neutros no que se refere ao facto dos programas de prevenção fazerem com que as crianças ficassem com medo dos estranhos.

Relativamente às crenças sobre quem deveria participar nos programas de prevenção do abuso sexual de crianças não houve diferenças significativas entre os pais que falam do abuso sexual às crianças e os que não falam. Os pais discordaram com as seguintes frases: que a sua criança não estava em risco de ser abusada sexualmente, que as crianças pertencentes a famílias religiosas não estavam em risco e de que só as raparigas precisavam de participar nos programas de prevenção. Os pais estavam também em desacordo com o facto que as crianças em idade pré-escolar eram demasiado novas para aprenderem acerca de noções preventivas.

Ambos os grupos de pais estavam fortemente de acordo no que se refere ao facto das crianças em idade pré-escolar deverem ser ensinadas a dizer não a alguém que tentar abusar sexualmente delas, que não devem guardar segredo se alguém tentar abusar sexualmente delas, e que devem contar a alguém caso isso aconteça; de que têm o direito a não ser tocadas de maneira que as façam sentir desconfortáveis, e de que têm o direito a dizer “não” a adulto.

Os conceitos menos frequentes para ambos os grupos de pais incluem: que as crianças devem contar apenas aos seus pais de que foram abusadas, e de que devem ser ensinadas a lutar se alguém de quem elas conhecem tentar abusar sexualmente delas.

Foi realizada uma análise do qui-quadrado para aceder às diferenças entre os dois grupos de pais. As diferenças entre os pais que falaram sobre o abuso sexual com os seus filhos e os que não falaram foram evidentes em três conceitos: os pais que falaram estavam mais favoráveis às crianças serem ensinadas de terem o direito a decidir sobre quem deve tocar nos seus próprios órgãos genitais; a ouvir os seus próprios sentimentos sobre se um determinado toque é normal ou não, e de que às vezes crianças mais velhas e adolescentes podem tentar abusar sexualmente de crianças mais novas.

As razões levantadas, pelos pais que não assistiram às reuniões, para justificar este facto prenderam-se com incompatibilidade horária, ou falta de tempo e não por acreditarem que o seu filho não estava em risco de ser abusado sexualmente. Estes pais sugeriram que se deveria providenciar várias sessões em vários horários para que os pais pudessem escolher o melhor

horário para estarem presentes. Outra razão foi que existisse um sumário escrito sobre os tópicos a serem abordados na reunião, estes acreditam que serviria de incentivo a estarem presentes na reunião.

TABELA 3: Síntese dos Estudos de Investigação

	Efeitos de um Programa de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças numa Escola Primária Hébert, M., Lavoie, F., Piche C., & Poitras M. (2001)	Programas de Prevenção do Abuso Sexual de crianças: Diminuem a ocorrência do abuso sexual? Gibson, L., & Leitenberg, H. (2000).	Participação dos Pais num Programa de Prevenção do Abuso Sexual de Crianças Hébert, Piché, Fecteau, & Poitras (1996).
Objectivo	Aferir os efeitos de um programa de prevenção do abuso sexual numa escola primária – Programa ESPACE	Aferir se a prevalência do abuso sexual de crianças difere entre estudantes do sexo feminino que estiveram e não presentes em programas de prevenção durante a infância.	Aferir a participação dos pais num programa de prevenção do abuso sexual de crianças.
Método	133 crianças participaram no estudo. Completaram um questionário de	971 mulheres estudantes de psicologia preencheram um questionário onde	Participaram neste estudo 145 pais de cinco Escolas Primárias em Quebec City.

	<p>conhecimentos e observaram um vídeo com o objectivo de se avaliar as suas competências de prevenção face a situações abusivas. Após dois meses foi verificado se os conhecimentos e as competências se mantiveram.</p>	<p>foi avaliado o seguinte: 1. A sua participação num programa de prevenção do abuso sexual de criança; 2. Abuso sexual na infância; 3. Satisfação Sexual; 4. Prática frequente de relações sexuais.</p>	<p>Completaram o questionário depois de terem participado à apresentação do programa. Dos 145, 29,2% dos pais devolveram o questionário.</p>
Resultados	<p>As crianças que participaram no programa revelaram grandes conhecimentos preventivos e competências em comparação com as crianças que não participaram no programa. E verificou-se que esses conhecimentos e competências se mantiveram após dois meses da participação no programa.</p>	<p>Este foi o primeiro estudo que revelou que os programas de prevenção do abuso sexual de crianças implementados nas escolas influenciam a redução do abuso sexual de crianças.</p>	<p>Os pais sentiram-se moderadamente confortáveis em discutir o abuso sexual com o seu filho e consideravam-se informados acerca do abuso sexual. Os pais sentiram que os programas de prevenção ajudariam a prevenir o abuso sexual de crianças.</p>

3. OBJECTO DE ESTUDO E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Este trabalho de Mestrado pretende estudar as **Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais, Professores e Crianças do 1º Ciclo** detêm sobre a **Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças**, após terem participado num Programa de Prevenção sobre a temática da Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças - **Programa de Prevenção CAP (*Child Assault Prevention*)**.

Ao Grupo dos **Pais** foi aplicado um Questionário constituído por quatro partes distintas: a) Informações Gerais; b) Atitudes Face aos Abusos Sexuais de Crianças; c) Crenças Sobre Quem Precisa de Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças; d) Temática dos Abusos Sexuais de Crianças – numa perspectiva pessoal à luz da sua Experiência e da Formação que recebeu sobre os Abusos Sexuais de Crianças.

Ao Grupo dos **Professores** foi aplicado um Questionário, constituído por cinco partes distintas: a) Informações Gerais; b) Atitudes Face aos Abusos Sexuais de Crianças; c) Crenças Sobre Quem Precisa de Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças; d) Temática dos Abusos Sexuais de Crianças – numa perspectiva pessoal à luz da sua Experiência e da Formação que recebeu sobre Os Abusos Sexuais de Crianças; e) Os Abusos Sexuais de Crianças no Futuro.

Ao Grupo das **Crianças** foi aplicado um Questionário, constituído por 33 perguntas de Verdadeiro/Falso que pretendeu medir os Conhecimentos e Competências das Crianças após a participação no Programa de Prevenção CAP (*Child Assault prevention*).

Perante o exposto:

Objecto de Estudo: Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais, Professores e Crianças do 1º Ciclo **detêm sobre a** Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças

Tendo em conta a estrutura dos questionários apresentados e o objecto do estudo procedeu-se à elaboração das seguintes questões de investigação do trabalho:

1ª Quais as Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais possuem face à prevenção do abuso sexual de crianças?

2ª Quais as Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Professores possuem face à prevenção do abuso sexual de crianças?

3ª Quais as Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que as Crianças possuem face à prevenção do abuso sexual de crianças?

4. MÉTODO

4.1. DELINEAMENTO

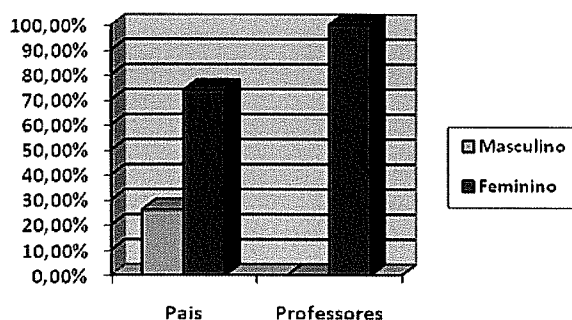
Trata-se de um estudo exploratório onde foram avaliadas, tendo em conta uma análise descritiva e comparativa, **as Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais, Professores e Crianças do 1º Ciclo** detêm sobre a **Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças** após terem participado num Programa de Prevenção sobre a temática da Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças - Programa de Prevenção CAP (*Child Assault Prevention*).

4.2. PARTICIPANTES

O estudo envolve uma amostra de **76 pessoas** no total, distribuídos por três grupos diferentes: a) **23 Pais**; b) **29 Professores**; c) **24 crianças** do 1º Ciclo. A amostra foi recolhida em dois Externatos Particulares na Zona de Oeiras e Amadora.

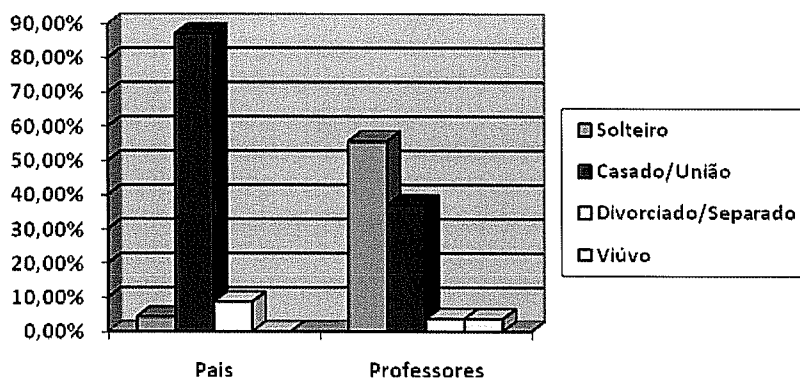
PAIS E PROFESSORES

Figura 1: Género dos Participantes Pais e Professores



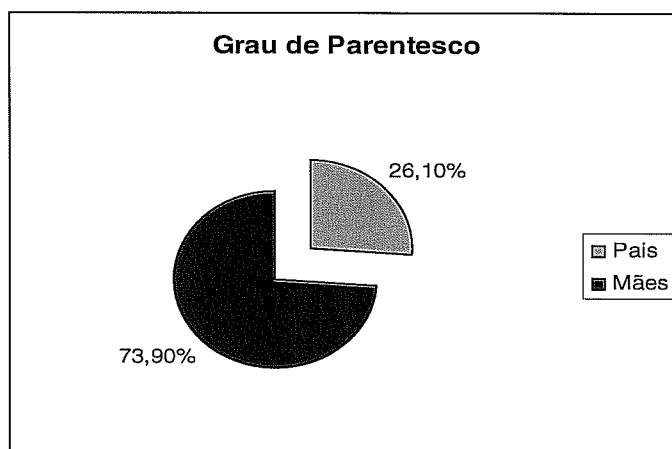
A Figura 1 demonstra o **Género da Amostra** em estudo e a percentagem da sua frequência. Os **Professores** são todos (100%) do sexo feminino, e 73,90% da população dos **Pais**, são do sexo feminino.

Figura 2: Estado Civil Pais e Professores



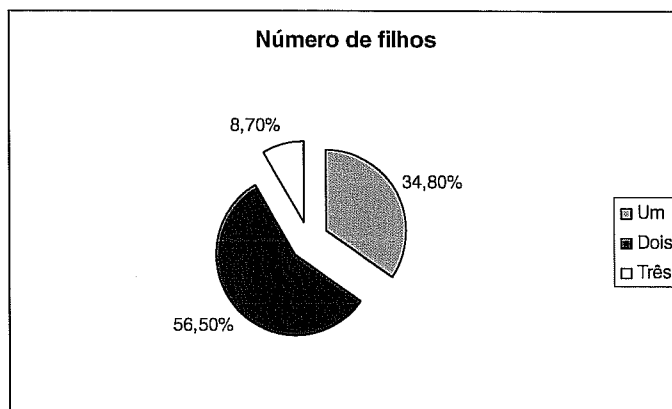
A Figura 2 representa o **Estado Civil** dos participantes do estudo. Na observação da figura verifica-se que existe um domínio de pais que são casados ou que vivem em união representando 87% dos participantes, 8,7% dos participantes são divorciados ou separados, os restantes 4,3% dos participantes são solteiros. No **Grupo dos Professores** acrescenta-se mais um estado civil: Viúvo (3,7% da população). Paralelamente, foram identificados 55,6% de Solteiros, 37% de Casados/União e 3,7% Divorciados/Separados.

Figura 3: Grau de Parentesco – Grupo dos Pais



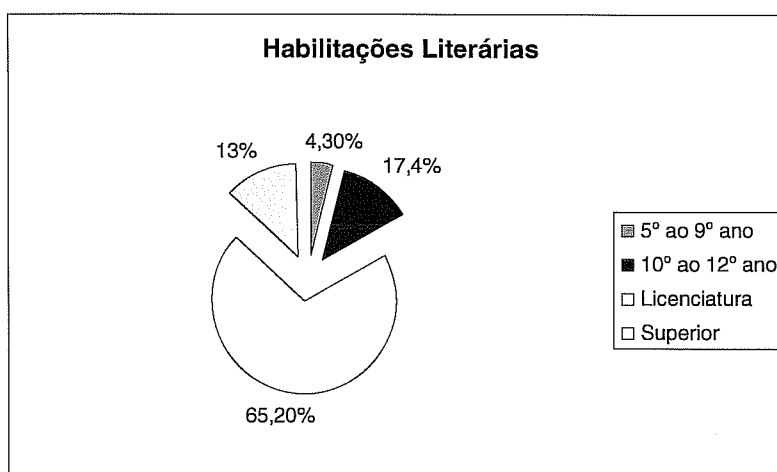
A Figura 3, acima apresentada revela o **Grau de Parentesco** da população dos Pais. Pela observação do gráfico constatamos que há um domínio de participantes que são Mães (73,9%), sendo que 26,1% são Pais.

Figura 4: Número de Filhos – Grupo dos Pais



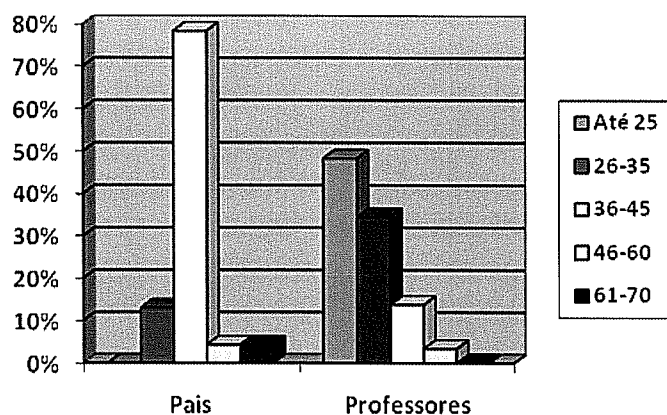
Como demonstra a Figura 4, existe uma maioria de progenitores com dois filhos, 56,5% expresso pela cor rosa, 34,8% dos participantes têm um filho, expresso pela cor azul e apenas 8,7% têm três filhos.

Figura 5: Habilitações Literárias – Grupo dos Pais



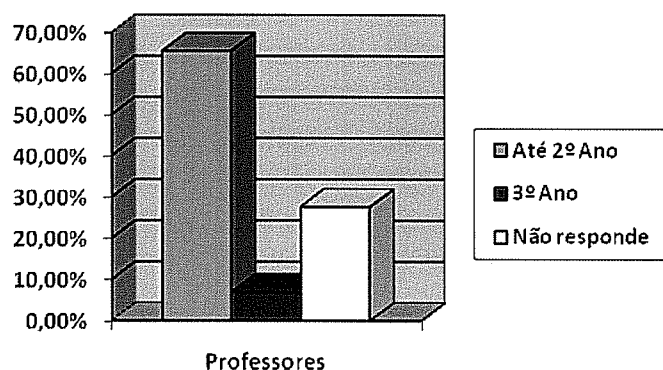
A Figura 5 (em cima) é representativa das Habilitações Literárias dos pais. Podemos verificar que existe uma concentração de participantes com habilitações literárias a nível da Licenciatura, com 65,20%. Em seguida em 13%, estão caracterizados os participantes que têm habilitações a nível superior e 17,4% entre o 10º e o 12º ano. Os restantes 4,3% dos participantes apresentam escolaridade do 5º e o 9º ano.

Figura 6: Idade Pais e Professores



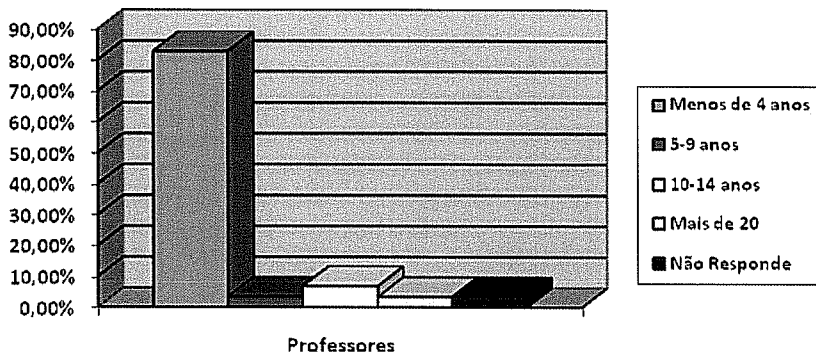
Na Figura 6, podemos observar qual a idade dos participantes do estudo, e verificamos que 48,3% dos **Professores** tem até aos 25 anos de idade, 34,5% tem entre os 26 e os 35 anos, 13,8% tem dos 36 aos 45 anos, e 3,4% tem dos 46-60. Verificamos que existe uma maior concentração de idades no Grupo dos **Pais**, na faixa etária dos 36 aos 45 anos com 78,3%, sendo que com 13% têm idades compreendidas entre os 26 e os 35 anos, e os restantes 8,7% são distribuídos entre os 46 e os 60 anos de idade.

Figura 7: Ano que Lecciona – Grupo dos Professores



Na Figura 7, podemos observar que a maioria dos **professores** (65,5%) lecciona até ao 2º ano do 1º Ciclo, 6,9% lecciona no 3º ano e 27,6% dos professores opta por não responder a esta questão.

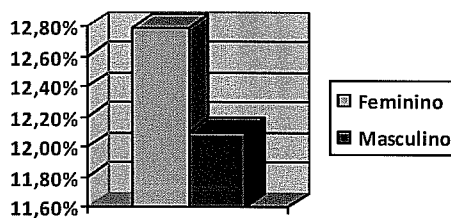
Figura 8: Número de Anos que Exerce a Profissão – Grupo dos Professores



A Figura 8 revela que 82,8% dos Professores Lecciona à menos de 4 anos, 3,4% entre os 5 e os 9 anos, 6,9% entre os 10 e os 14 anos, 3,4% à mais de 20 anos e 3,4% dos professores opta por não responder a esta questão.

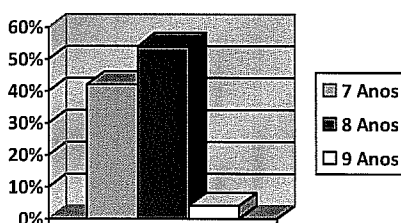
CRIANÇAS

Figura 9: Género dos Participantes Crianças



Na Figura 9 podemos verificar que a maioria das crianças são do sexo masculino, e correspondem a 58% do total da amostra. As crianças do sexo feminino correspondem a 42% do total da amostra.

Figura 10: Idade dos Participantes Crianças



Na Figura 10, observamos que a maioria das crianças (54%) tem 8 anos de idade, 42% das crianças tem 7 anos, e uma minoria de sujeitos (4%) tem 9 anos de idade.

4.3. INSTRUMENTOS

Os instrumentos para Pais e Professores que utilizamos para a realização deste trabalho (Ver Anexo A e B pág. 171 e 187) procederam do estudo: *Sexual Abuse Prevention for Preschoolers: A Survey of Parents's Behaviors, Attitudes, and Beliefs* (Wuntele, Kvaternick & Franklin, 1992), publicado no Journal of Child Sexual Abuse.

Com o intuito de complementar os questionários originais, foram acrescentadas outras questões, provenientes do *Child Abuse Knowledge Questionnaire* (Hibbard, R. A., & Zollinger, T. W., 1990), do *Child Abuse Myth Scale* (Collings, Steven, J., 1997), e também do CAP – *The Child Assault Prevention Project*. Foram instrumentos adaptados pela Associação Portuguesa para o Estudo e Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças (APPEPASC), para tornar mais enriquecedora a análise e realização do presente estudo.

O questionário para **Pais** pretendeu medir as Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais detêm sobre a Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças, sendo constituído por **quatro** partes distintas:

- a) **Informações Gerais:** Género, Estado Civil, Grau de Parentesco à Criança, Número de Filhos, Habilitações Literárias e Idade.
- b) **Atitudes** Face aos Abusos Sexuais de Crianças (42 Afirmações – p.e “As crianças devem ser ensinadas a contar a alguém se forem abusadas sexualmente” – O modo de resposta ao questionário varia entre 5 possibilidades numa escala de *Likert*: em que 1 é Discordo Totalmente, 2 Discordo, 3 Não Concordo / Nem Discordo, 4 concordo e 5 Concordo Totalmente)
- c) **Crenças** Sobre Quem Precisa de Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças (7 Afirmações – p.e “O meu filho não está em risco de ser abusado sexualmente” – O modo de resposta ao questionário varia entre 5 possibilidades

numa escala de *Likert*: em que 1 é Discordo Totalmente, 2 Discordo, 3 Não Concordo / Nem Discordo, 4 concordo e 5 Concordo Totalmente)

- d) **Temática** dos Abusos Sexuais de Crianças – numa perspectiva pessoal à luz da sua Experiência e da Formação que recebeu sobre os Abusos Sexuais de Crianças (10 Questões de Resposta Sim/Não e 5 Questões de Resposta Aberta – p.e “Como Identificaria uma Criança Alvo de Abusos Sexuais? – onde os pais referem qual a sua opinião de uma forma mais específica, sem limitações. Estas respostas irão ser tratadas e analisadas através do método de análise de conteúdo).

O questionário para **Professores** pretendeu medir as Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais detêm sobre a Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças, sendo constituído por **cinco** partes distintas:

- a) **Informações Gerais:** Género, Estado Civil, Grau de Parentesco à Criança, Número de Filhos, Habilitações Literárias e Idade.
- b) **Atitudes** Face aos Abusos Sexuais de Crianças (42 Questões – p.e “As crianças devem ser ensinadas a contar a alguém se forem abusadas sexualmente” – utilizando a Escala de *Likert* idêntica ao Grupo dos Pais)
- c) **Crenças** Sobre Quem Precisa de Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças (7 Questões - (p.e “O meu aluno não está em risco de ser abusado sexualmente” – utilizando a Escala de *Likert* idêntica ao Grupo dos Pais)
- d) **Temática dos Abusos Sexuais de Crianças** – numa perspectiva pessoal à luz da sua Experiência e da Formação que recebeu sobre os Abusos Sexuais de Crianças (11 Questões de Resposta Sim/Não e 2 Questões Abertas – p.e “Como Identificaria uma Criança Alvo de Abusos Sexuais?)
- e) **Os Abusos Sexuais de Crianças no Futuro** (2 Questões Abertas – P.e “De que forma considera que a sua escola poderá contribuir para o aumento da prevenção dos abusos sexuais de crianças? Dê Sugestões e ideias.)

Em suma, e no que se refere aos questionários utilizados para o **Grupo de Pais e Professores** estão estruturados em questões sobre as atitudes, as crenças e a temática dos abusos

sexuais de crianças, seguindo-se de questões relacionadas com as atitudes que os pais e professores possuem face à prevenção dos abusos sexuais de crianças (nomeadamente no que se refere aos conteúdos programáticos que as crianças devem ou não receber durante estes programas), e sobre quem precisa de programas de prevenção do abuso sexual de crianças. Considerámos as questões abrangidas por este questionário essenciais na temática da prevenção e por essa razão plenamente adequadas ao tema do nosso trabalho. Esta foi uma das razões pela qual escolhemos este instrumento, juntamente com o facto de ser um questionário que se propõe responder com exactidão e simplicidade às questões de investigação que colocamos, de ir exactamente ao encontro do nosso objectivo, de ser claro, completo e cuja temática foi essencial e adequada ao objecto do nosso estudo.

Durante o processo de elaboração do trabalho tivemos oportunidade de rever vários outros estudos cujos temas se assemelhavam a este e onde eram utilizados outros instrumentos, durante esta análise, e por todas as razões referidas anteriormente, constatamos serem estes os instrumentos essenciais à realização do nosso trabalho.

Para o **Grupo das Crianças** foi utilizado o “*Children’s Knowledge of Abuse Questionnaire Revised – III*” (CKAQ – RIII) de Tutty (1996) (ver Anexo C, p. 200). Este questionário é constituído por 33 perguntas de Verdadeiro/Falso, e pretende aferir o conhecimento e competências que as crianças possuem face à temática dos Abusos Sexuais de Crianças (A.S.C.) após a participação num programa de prevenção dos A.S.C.

O instrumento divide-se em duas Subescalas:

(I) Toques Inapropriados (24 itens);

(A) Toques Apropriados (9 itens);

Foi desenvolvido para crianças em idade escolar (do 1º ao 6º ano) e utiliza respostas do tipo “verdadeiro - falso”. O questionário foi desenhado para avaliar os conhecimentos que as crianças possuem sobre os conceitos-chave presentes na maioria dos programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças. Existem 10 temas principais incluídos nos vários programas que estão presentes neste questionário:

- “Body ownership”: a ideia de que as crianças são donas do seu corpo e têm o direito de dizer “não” perante toques não desejados;
- “Bom toque” versus “mau toque” e “toque confuso”: diferenciação entre toques apropriados e toques inapropriados;
- “Partes privadas”: a área tapada pelo fato-de-banho;
- “Sem segredo”: a diferença entre uma surpresa e um segredo é explicitada, é dada permissão para que a criança conte segredos que prometeu não contar;
- “Identificação de estranhos”: um estranho é uma pessoa que a criança não conhece, não é necessariamente alguém “mau” ou “feio”;
- “Estratagemas” ou “truques”: utilizados pelos estranhos para induzir as crianças a acompanhá-los;
- “Permissão para denunciar”: encorajar as crianças a denunciar o abuso a alguém de confiança;
- “Toques de familiares”: as pessoas da família da criança podem tocá-la de forma inapropriada;
- “Responsabilidade e culpa”: a culpa nunca é da criança, os abusos nunca são da responsabilidade da criança, mas sempre do adulto;
- “O risco de abusos contra rapazes”: os rapazes também podem ser alvos de abusos.

O questionário para o **Grupo de Crianças** procura responder a questões que foram abordadas num *Workshop* sobre Prevenção dos Abusos Sexuais, e que por este motivo se espera que sejam assuntos para as quais as crianças tenham conhecimento e saibam responder. Estas questões estão relacionadas os seguintes temas:

- Assertividade e Coerção entre pares (p.e., Item 11 - “Se um amigo teu disser que nunca mais é teu amigo se não lhe deres o último pedaço de doce, então deves dar-lhe?”).
- Toques não-sexuais (p.e., Item 6 - “Está certo dizer que “não” e prosseguires se alguém te tocar de uma forma que não gostas?”)
- Atitudes face aos estranhos (p.e., Item 14 - “Os estranhos parecem-se com as outras pessoas?”).

- A possibilidade de pessoas conhecidas tocarem nas crianças de forma confusa ou desconfortável (p.e., Item 30 – “Alguém que tu conheces, ou mesmo alguém da tua família pode querer tocar-te nas partes privadas de uma forma que te deixa confuso?”).

- Toques positivos/apropriados (p.e., Item 2 – “Está certo que as pessoas de quem gostas te abracem?”), de modo a perceber se as crianças distinguem adequadamente os toques positivos ou apropriados dos toques confusos, maus ou inapropriados.

Comparado com outros instrumentos que pretendem aferir os conhecimentos das crianças acerca dos conceitos de prevenção dos abusos sexuais de crianças, o instrumento utilizado neste trabalho apresenta características psicométricas com uma confiabilidade significativa. O presente questionário foi o questionário mais adequado face ao objecto de estudo deste trabalho e as questões de investigação apresentadas.

4.4. PROCEDIMENTOS

A oportunidade da realização deste estudo surgiu através da actuação da Associação Portuguesa para o Estudo e Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças (APPEPASC) nas escolas onde foi recolhida a amostra deste estudo.

Os objectivos da APPEPASC prendem-se em combater o abuso de crianças, nas diversas vertentes que este fenómeno pode assumir, passa pela apropriação de estratégias e pelo *empowerment* das crianças, jovens, pais, educadores e comunidade em geral actuando numa lógica de prevenção primária, esta actuação assenta fundamentalmente na aplicação do Programa CAP – referido e explicado anteriormente.

Assim, em Novembro de 2007 foi levada a cabo uma primeira abordagem às Escolas onde a APPEPASC pretendia implementar o Programa CAP e consequentemente proceder-se à recolha da amostra para o estudo. Esta primeira abordagem consistiu numa entrevista informal com as directoras dos referidos colégios onde foram explicados os objectivos do Programa CAP e a finalidade do estudo. O pedido de realização do programa foi aceite, dando-se início à realização dos *Workshops*, e posterior recolha de dados em Dezembro de 2007. Os *workshops* consistiram em apresentações e exposições orais sobre o tema, discussões em grupo, *role-play*, orientações gerais sobre abuso sexual e espaço para dúvidas e comentários.

Foi elaborada uma pequena carta que foi anexa a cada questionário e que pretendia em breves palavras explicar os objectivos do nosso estudo, nesta referimos a instituição a que pertencíamos e alertamos os pais e professores para o facto de as respostas serem confidenciais.

Os questionários dos pais e professores foram de auto-preenchimento após a realização dos *Workshops*.

Os questionários das crianças foram aplicados individualmente após a realização do *workshop* para este grupo. Foram formalizados sob a forma de Entrevistas, nas quais as facilitadoras do Programa inquiriam as crianças sobre as questões específicas no questionário – explicando-as sempre que havia necessidade – e às quais respondia: “sim ou não”.

Uma vez recolhidos o questionários e perante o acesso aos dados dos mesmos, procedeu-se à construção de uma base de dados.

A base de dados é composta pelos sujeitos da amostra e respectivas informações acerca de: Género, Estado Civil, Habilitações Literárias e a Idade dos participantes. São também inseridas nesta base de dados as respostas obtidas aos questionários entregues.

Através do programa estatístico SPSS realizou-se a análise estatística dos dados encontrados na tentativa de obter resposta para as questões de investigação.

Em relação aos questionários dos pais e dos professores procedeu-se à análise estatística descritiva dos resultados e uma análise de comparação através do teste Qui-Quadrado, este teste foi utilizado por ser o mais adequado tendo em conta as características das variáveis. É importante referir que serão apresentados todos os resultados relevantes, atitudes, crenças, conhecimentos e competências sobre a Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças, e não apenas aos resultados relativos às diferenças estatisticamente significativas entre ambos.

Em relação ao questionário das crianças, primeiramente aferiram-se as respostas dos participantes a todos os itens das duas Subescalas, analisando posteriormente as duas Subescalas

separadamente. Finalmente foram analisadas, através do teste T-Student na Escala Total e na Sub-escala I e do Teste Mann-Whitney as diferenças nas respostas relativamente ao género – aos sujeitos de sexo masculino e feminino respectivamente.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentar-se-á os resultados da seguinte forma:

- a) Apresentação dos resultados obtidos a partir da recolha dos questionários dos **pais e professores**.
- b) Apresentação dos resultados obtidos a partir da recolha dos questionários das **crianças**.

ATITUDES FACE AOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS GRUPO PAIS E PROFESSORES

Finda a exposição dos dados relativos à apresentação geral dos participantes – Pais e Professores – apresentar-se-á de seguida as respostas dos Pais e Professores, relativas às questões comuns a ambos. Irá colocar-se no final de cada pergunta p.e.: “Pais12-Prof.1” relativa ao número da questão do questionário para pais e professores respectivamente, para facilitar a análise ao leitor.

Tabela 4 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de como denunciar se forem abusadas sexualmente” (Pais12-Prof.1)

	Professores	Pais
Não concordo / Nem concordo	0%	4,3%
Concordo	21,4%	17,4%
Concordo Totalmente	78,6%	78,3%

Como apresentado na Tabela 4, os pais e professores demonstram um nível de concordância com a afirmação – **de que as crianças devem ser ensinadas de como denunciar se forem abusadas sexualmente** – bastante homogéneo. 78,6% dos professores e 78,3% dos pais responderam “concordo totalmente”, 21,4% dos professores e 17,4% dos pais responderam “concordo”, e apenas 4,3% dos pais responderam “não concordo/nem concordo”.

Tabela 5 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas que têm o direito de se sentirem seguras, fortes e livres (Pais7-Prof.2)”

	Professores	Pais
Concordo	10,7%	4,3%
Concordo Totalmente	89,3%	95,7%

Na questão apresentada e cujos resultados se apresentam na Tabela 5, os pais e professores demonstram um nível de concordância homogéneo face ao questionado – **As crianças devem ser ensinadas que têm o direito de se sentirem seguras, fortes e livres** – bastante homogéneo. Todos os pais e professores concordam com a afirmação, apesar de se verificarem diferenças no grau de concordância: 89,3% dos professores e 95,7% dos pais responderam “concordo totalmente”, 10,7% dos professores e 4,3% dos pais responderam “concordo”.

Tabela 6 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que devem contar apenas aos seus pais se estiverem a ser vítimas de abuso (Pais19-Prof.3)”

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	7,1%	4,5%
Concordo	0%	4,5%
Não Concordo / Nem discordo	14,3%	9,1%
Discordo	46,4%	59,1%
Discordo Totalmente	32,1%	22,7%

Através da Tabela 6, constatamos existir uma certa dispersão de repostas no grupo de Pais e Professores, visto que todas as respostas possíveis foram assinaladas pelos mesmos. Apesar deste facto, é na opção “Discordo” que assentam a maioria dos participantes – 46,4% os professores e 59,1% os pais. 32,1% dos professores e 22,7% dos pais “discordam totalmente”, 14,3% dos professores e 9,1% dos pais não demonstra possuir uma opinião formada, respondendo “não concordo / nem discordo”. Já a opção de resposta “concordo totalmente” leva 7,1% dos professores e 4,5% dos pais a responder, apenas 4,5% dos pais assinalam a opção “concordam”.

Tabela 7 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a contar a alguém se forem abusadas sexualmente” (Pais1-Prof.4)

	Professores	Pais
Não Concordo / Nem discordo	0%	4,3%
Concordo	21,4%	17,4%
Concordo Totalmente	78,6%	78,3%

Na questão acima, podemos verificar que, em ambos os grupos, pais e professores, a grande maioria concorda totalmente com a questão de que as crianças têm de ser ensinadas a contar a alguém se forem abusadas sexualmente – 78,6% os professores e 78,3% os pais. 21,4% dos professores e 17,4% dos pais assinalaram a opção “concordo” e apenas 4,3% dos pais não apresenta opinião formada sobre a questão, assinalando a sua opção em “não concordo / nem discordo”.

Tabela 8 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças mentem frequentemente acerca de terem sido sexualmente abusadas quando na verdade não o foram” (Pais24-5)

	Professores	Pais
Não Concordo / Nem discordo	0%	4,3%
Concordo	21,4%	17,4%
Concordo Totalmente	78,6%	78,3%

Como traduz a Tabela 8, podemos verificar que, em ambos os grupos, pais e professores, a grande maioria concorda totalmente com a questão de que as crianças mentem frequentemente acerca de terem sido sexualmente abusadas quando na verdade não o foram – 78,6% os professores e 78,3% os pais. 21,4% dos professores e 17,4% dos pais assinalaram a opção “concordo” e apenas 4,3% dos pais não apresenta opinião formada sobre a questão, assinalando a sua opção em “não concordo / nem discordo”.

Tabela 9 – Distribuição das respostas à Questão “A maioria dos abusos acontece em famílias com problemas” (Pais28-Prof.6)

	Professores	Pais
Concordo	0%	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	25%	21,7%
Discordo	42,9%	30,4%
Discordo Totalmente	32,1%	43,5%

Nesta afirmação verificamos existir um claro predomínio com a opção da discordância com a pergunta. 32,1% dos professores e 43,5% dos pais “discordam totalmente”, 42,9% dos professores e 30,4% dos pais “discordam”. Apenas 4,3% dos pais concordam com o facto de “a maioria dos abusos acontecer em famílias com problemas”, paralelamente 25% dos professores e 21,7% dos pais “não concorda / nem discorda”.

Tabela 10 – Distribuição das respostas à Questão “Hoje em dia acontecem mais abusos do que no passado” (Pais29-Prof.7)

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	3,4%	9,1%
Concordo	24,1%	4,5%
Não Concordo / Nem Discordo	41,4%	31,8%
Discordo	27,6%	36,4%
Discordo Totalmente	3,4%	18,2%

No que se refere à afirmação acima, podemos averiguar que existe uma grande dispersão nas respostas, visto que todas as possibilidades de resposta foram assinaladas pelos professores e pais. 3,4% dos professores e 18,2% dos pais afirmam discordar totalmente que hoje em dia acontecem mais abusos do que no passado, 27,6% dos professores e 36,4% dos pais também discorda com essa declaração. Contrariamente, 3,4% dos professores e 9,1% dos pais concorda

totalmente com a afirmação, 24,1% dos professores e 4,5% dos pais concorda. E por outro lado, 41,4% dos professores e 31,8% dos pais “não concorda/nem discorda”.

Tabela 11 – Distribuição das respostas à Questão “Numa família onde os pais se dedicam aos filhos é muito difícil ocorrer abusos sexuais” (Pais30-Prof.8).

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	0%	4,3%
Concordo	10,3%	26,1%
Não Concordo / Nem Discordo	20,7%	8,7%
Discordo	51,7%	34,8%
Discordo Totalmente	17,2%	26,1%

Como expressa a tabela 11, e face à afirmação de que numa família onde os pais se dedicam aos filhos é muito difícil ocorrer abusos sexuais, podemos verificar que os sujeitos deram respostas muito diversas. 10,3% dos professores e 26,1% dos pais “concorda”, 4,3% dos pais “concorda totalmente”. 20,7% dos professores e 8,7% dos pais “não concorda/nem discorda” com a afirmação. 51,7% dos professores e 34,8% dos pais discordam, 17,2% dos professores e 26,1% dos pais discordam totalmente.

Tabela 12 – Distribuição das respostas à Questão “Se uma criança revela que sofreu os abusos sexuais e em seguida o nega, provavelmente, o abuso não ocorreu” (Pais31-Prof.9).

	Professores	Pais
Não Concordo / Nem Discordo	6,9%	23,8%
Discordo	79,3%	52,4%
Discordo Totalmente	13,8%	23,8%

Na análise das respostas dadas pelos professores e pais, podemos averiguar que existe uma conformidade, a maioria (79,3%) dos professores revela que discordam com a afirmação “se um

criança revela que sofreu os abusos sexuais e em seguida o nega, provavelmente, o abuso não ocorreu”. 52,4% dos pais discordam e 23,8% discorda totalmente. 13,8% dos professores discorda totalmente. Paralelamente, 23,8% dos pais e 6,9% dos professores revelam que não discordam, nem concordam com a afirmação.

Tabela 13 – Distribuição das respostas à Questão “Os efeitos dos abusos sexuais de criança são sempre muito graves” (Pais32-Prof.10).

	Professores	Pais
Discordo Totalmente	3,4%	0%
Não Concordo / Nem Discordo	3,4%	4,3%
Concordo	13,8%	34,8%
Concordo Totalmente	79,3%	60,9%

Na Tabela 13, podemos analisar que existe uma concordância entre os professores e os pais nas respostas assinaladas. 79,3% dos professores e 60,9% dos pais “concordam totalmente” com a afirmação. 13,8% dos professores e 34,8% dos pais assinalaram a opção “concordo”. Contrariamente, apenas 3,4% dos professores assinalaram a opção “discordo totalmente”. 3,4% dos professores e 4,3% dos pais admite “não concordar/nem discordar” com o facto de “abusos sexuais de criança serem sempre muito graves”.

Tabela 14 – Distribuição das respostas à Questão “A maioria dos agressores são desconhecidos” (Pais33-Prof.11)

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	6,9%	9,1%
Concordo	3,4%	0%
Não Concordo / Nem Discordo	10,3%	13,6%
Discordo	55,2%	50%

Discordo Totalmente	24,1%	27,3%
----------------------------	--------------	--------------

Na Tabela 14, apesar de parecer existir uma percentagem elevada de respostas na opção “discordo” com a afirmação de que “a maioria dos agressores serem desconhecidos”, as respostas distribuem-se por todas as opções possíveis. 55,2% dos professores e 50% dos pais discorda, 24,1% dos professores e 27,3% dos pais “discorda totalmente”. 10,3% dos professores e 13,6% dos pais “não concorda/nem discorda”. 3,4% dos professores concorda com a afirmação. E 6,9% dos professores e 9,1% dos pais “concordam totalmente”.

Tabela 15 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças que provocam os adultos são responsáveis pelos abusos” (Pais34-Prof.12)

	Professores	Pais
Não Concordo / Nem Discordo	6,9%	4,5%
Discordo	17,2%	40,9%
Discordo Totalmente	75,9%	54,5%

Na Tabela 15 observamos uma homogeneidade de respostas: 75,9% dos professores e 54,5% “discorda totalmente” com a afirmação de que “as crianças que provocam os adultos são responsáveis pelos abusos”, 17,2% dos professores e 40,9% dos pais “discordam”. Contrariamente, 6,9% dos professores e 4,5% dos pais “não concorda/nem discorda”.

Tabela 16 – Distribuição das respostas à Questão “Se um(a) aluno(a)/filho(a) meu/minha for sexualmente abusado(a) eu seguramente me aperceberia” (Pais35-Prof.13)

	Professores	Pais
Concordo	17,2%	21,7%
Não Concordo / Nem Discordo	44,8%	47,8%
Discordo	31%	30,4%
Discordo Totalmente	6,9%	0%

Nesta afirmação expressa através da Tabela 16, constatamos que 44,8% dos Professores e 47,8% dos pais não possuem nenhuma opinião formada sobre aperceberem-se ou não na situação de um aluno/ou filho ser abusado, optando pela resposta “não concordam/ nem discordam”, significando que tanto professores como pais, não têm a certeza se seguramente se aperceberiam que um/a aluno/a ou filho/a fosse abusado sexualmente. 30,4% dos pais e 31% dos professores discordam com a afirmação e 6,9% dos professores discordam totalmente. Apenas 17,2% dos professores e 21,7% dos pais concordam.

Tabela 17 – Distribuição das respostas à Questão “Os familiares denunciam sempre os abusos sexuais” (Pais36-Prof.14)

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	0%	4,3%
Concordo	0%	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	13,8%	17,4%
Discordo	75,9%	69,6%
Discordo Totalmente	10,3%	4,3%

Nesta afirmação, existe uma grande diversidade de respostas, mas é notório que existe uma maioria de professores e pais que discordam com a afirmação. 69,6% dos pais e 75,9% dos professores discordam e 4,3% dos pais e 10,3% dos professores discorda totalmente que os familiares das crianças denunciam sempre os abusos sexuais. 4,3% dos pais “concorda totalmente” e 4,3% “concorda”. 13,8% dos professores e 17,4% dos pais “não concorda/nem discorda”.

Tabela 18 – Distribuição das respostas à Questão “Uma grande percentagem dos abusos sexuais implica violência física, contra a criança” (Pais37-Prof.15).

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	13,8%	13,6%

Concordo	62,1%	13,6%
Não Concordo / Nem Discordo	6,9%	27,3%
Discordo	10,3%	40,9%
Discordo Totalmente	6,9%	4,5%

Na tabela 18 e perante a afirmação “uma grande percentagem dos abusos sexuais implica violência física, contra a criança”, a estatística refere que existem diferenças estatisticamente significativas nas respostas entre pais e professores, traduzindo uma disparidade de respostas entre ambos os grupos. 62,1% dos Professores para apenas 13,6% dos Pais “concordam” com a afirmação. Apenas 13,8% dos Professores e 13,6% dos pais “concordam totalmente”. 6,9% dos Professores, para 27,3% dos Pais “Não concorda / Nem discorda”. 10,3% dos Professores Discorda e 40,9% dos Pais Discorda. 6,9% dos Professores e 4,5% dos Pais “Discordo Totalmente”. São valores bastante diferentes para ambos os Grupos.

Tabela 19 – Distribuição das respostas à Questão “A maioria das crianças que sofrem abusos conta aos adultos” (Pais38-Prof.16)

	Professores	Pais
Concordo	3,4%	0%
Não Concordo / Nem Discordo	24,1%	30,4%
Discordo	58,6%	60,9%
Discordo Totalmente	13,8%	8,7%

Apesar de – pelo que é possível de observar através da Tabela 19 – 58,6% dos Professores e 60,9% dos Pais discordarem da afirmação de que a maioria das crianças que sofrem abusos conta aos adultos; 13,8% de Professores e 8,7% dos Pais “Discordarem Totalmente”, e de apenas 3,4% de Professores revelar concordar com a referida afirmação, 24,1% dos Professores e 30,4% dos Pais não revelam possuir opinião formada sobre a temática, optando por responder “não concordo/nem discordo”.

Tabela 20 – Distribuição das respostas à Questão “Os abusos sexuais de crianças são perpetrados tanto por homens como por mulheres” (Pais39-Prof.17).

	Professores	Pais
Discordo	20,7%	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	34,5%	26,1%
Concordo	37,9%	56,5%
Concordo Totalmente	6,9%	13%

A afirmação que traduz: “Os abusos sexuais de crianças são perpetrados tanto por homens como por mulheres”, expressa na Tabela 20, também revela opiniões díspares. 56,5% dos Pais e 37,9% dos Professores “Concorda”, 13% dos Pais e 6,9% dos Professores, “Concorda totalmente”. Enquanto que 20,7% dos Professores e 4,3% dos Pais “Discorda”. Sem concordância nem discordância com a afirmação encontram-se 34,5% dos Professores e 26,1% dos Pais.

Tabela 21 – Distribuição das respostas à Questão “Muitas crianças inventam histórias de abusos para se vingarem dos adultos” (Pais40-Prof.18).

	Professores	Pais
Concordo	6,9%	0%
Não Concordo / Nem Discordo	24,1%	30,4%
Discordo	44,8%	65,2%
Discordo Totalmente	24,1%	4,3%

Na tabela 21 vemos expresso uma maioria de respostas “discordo” – 65,2% Pais e 44,8% professores. 24,1% dos Professores e 4,3% dos Pais “discordam totalmente” com a afirmação: “Muitas crianças inventam histórias de abusos para se vingarem dos adultos”. Contrariamente 6,9% dos Professores concorda e 24,1% dos Professores e 30,4% de Pais “Não concorda / Nem discorda” com a referida afirmação.

Tabela 22 – Distribuição das respostas à Questão “A maioria dos agressores só se sente sexualmente atraído por crianças” (Pais41-Prof.19)

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	0%	4,5%
Concordo	3,4%	9,1%
Não Concordo / Nem Discordo	34,5%	36,4%
Discordo	48,3%	50%
Discordo Totalmente	13,8%	0%

Nesta afirmação, apesar do índice de incidência de respostas se distribuir por todas as opções de respostas, há uma predominância – quer por parte dos professores, quer por parte dos pais – na opção “Discordo”. 50% dos Pais e 48,3% dos Professores “discordam” de que a maioria dos agressores só se sente sexualmente atraído por crianças, “13,8%” dos Professores “Discorda Totalmente”. 36,4% dos Pais e 34,5% dos Professores “não concordam/ nem discordam” com a afirmação. Paralelamente, 9,1% dos Pais e 3,4% dos Professores “Concorda” e 4,5% dos Pais “Concorda Totalmente”.

Tabela 23 – Distribuição das respostas à Questão “Quando uma criança quer ou gosta do contacto sexual com um adulto, este não é considerado abuso” (Pais25-Prof.20)

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	3,7%	0%
Concordo	0%	4,5%
Não Concordo / Nem Discordo	7,4%	0%
Discordo	29,6%	27,3%
Discordo Totalmente	59,3%	68,2%

No que diz respeito à questão, quando uma criança quer ou gosta do contacto sexual com um adulto, este não é considerado abuso, a maioria (68,2% dos pais e 59,3% dos Professores)

discordam totalmente, 27,3% dos pais e 29,6% dos Professores discordam. 7,4% dos Professores não possuem opinião formada. 4,5% dos Pais “concorda” e 3,7% dos Professores “Concorda totalmente”.

Tabela 24 – Distribuição das respostas à Questão “Os agressores normalmente padecem de uma doença mental” (Pais42-Prof.21)

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	24,1%	13,6%
Concordo	20,7%	27,3%
Não Concordo / Nem Discordo	3,4%	18,2%
Discordo	27,6%	36,4%
Discordo Totalmente	24,1%	4,5%

No que diz respeito à afirmação: “Os agressores normalmente padecem de uma doença mental”, apesar do índice de incidência de respostas se distribuir por todas as opções de respostas, há uma predominância – quer por parte dos professores, quer por parte dos pais – na opção “Discordo”. 36,4% dos Pais “discordam” e 4,5% “discordam totalmente” da afirmação. 27,6% dos Professores “Discordam” e 24,1% “discordam totalmente”. 18,2% dos sujeitos do Grupo dos Pais “não concordam, nem discordam da afirmação”, para apenas 3,4% dos Professores na mesma resposta. 24,1% dos professores e 13,6% dos Pais “concordam totalmente” que os agressores normalmente padecem de uma doença mental e 20,7% dos Professores e 27,3% dos Pais “concordam”.

QUEM PRECISA DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS - DADOS DEMOGRÁFICOS – GRUPO PAIS E PROFESSORES

Tabela 25 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças do 1º ciclo são demasiado novas para aprenderem acerca de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças” (Pais44-Prof.22).

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	3,4%	4,3%
Concordo	0%	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	0%	4,3%
Discordo	55,2%	65,2%
Discordo Totalmente	41,4%	21,7%

Como nos surge na Tabela 25, apesar do índice de incidência de respostas se distribuir por todas as opções de respostas, há uma predominância – quer por parte dos professores, quer por parte dos pais – na opção “Discordo” – 55,2% dos Professores e 65,2% dos Pais. 41,4% dos Professores e 21,7% dos Pais responderam “Discordo Totalmente”. Apenas 4,3% dos Pais afirmaram “não concordar / nem discordar” com a afirmação. 4,3% dos Pais Concordaram com a afirmação. 3,4% dos Professores e 4,3% dos Pais “concordam totalmente”.

Tabela 26 – Distribuição das respostas à Questão “Devido ao facto dos abusos sexuais de crianças ser tão raro, as crianças do 1º ciclo não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças” (Pais45-Prof.23)

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	3,4%	0%
Não Concordo / Nem Discordo	0%	4,5%
Discordo	37,9%	68,2%
Discordo Totalmente	58,6%	27,3%

Ainda no seguimento da afirmação anterior, a Tabela 26 revela que 58,6% dos Professores e 27,3% dos Pais “Discorda Totalmente” com a afirmação que reporta para o facto de devido aos abusos sexuais de crianças ser tão raro, as crianças do 1º ciclo não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças. 37,9% dos Professores e 68,2% dos Pais “Discorda”. 4,5% dos Pais “Não concorda / nem discorda”. E apenas 3,4% dos Professores Concorda Totalmente com a afirmação.

Tabela 27 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças que vivem em famílias católicas não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças” (Pais46-Prof.24).

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	3,4%	0%
Discordo	24,1%	59,1%
Discordo Totalmente	72,4%	40,9%

Na questão acima, verificamos que 72,4% dos Pais e 40,9% dos Professores “Discorda totalmente”. 24,1% dos Professores e 59,1% dos Pais “Discorda” e apenas 3,4% dos Professores “Concorda totalmente” de que as crianças que vivem em famílias católicas não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças.

Tabela 28 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças que vivem em famílias classe média/alta não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças” (Pais47—Prof.25).

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	3,4%	0%
Discordo	24,1%	59,1%
Discordo Totalmente	72,4%	40,9%

Na Tabela 28 poder-se-á observar que 72,4% dos Professores e 40,9% dos Pais “Discorda totalmente” com a afirmação de que “as crianças que vivem em famílias classe média/alta não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças”, 24,1% dos Professores e 59,1% dos Pais “Discorda” e apenas 3,4% dos Professores “Concorda totalmente”.

Tabela 29 – Distribuição das respostas à Questão “Apenas as raparigas precisam de aprender acerca dos abusos sexuais de crianças e do que fazer para se protegerem” (Pais48-Prof.26).

	Professores	Pais
Concordo Totalmente	3,4%	0%
Discordo	24,1%	54,5%
Discordo Totalmente	72,4%	45,5%

Na Tabela 29 e face à afirmação: “Apenas as raparigas precisam de aprender acerca dos abusos sexuais de crianças e do que fazer para se protegerem”, 72,4% dos Professores e 45,5% dos Pais “Discorda Totalmente”, 24,1% dos Professores e 54,5% dos Pais “Discorda”. Apenas 3,4% dos Professores revelou “Concordar Totalmente”.

ATTITUDES DOS PAIS

Tabela 30 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que se alguém tentar abusar sexualmente delas, estas podem dizer “Não” (2).

	Pais
Concordo	4,3%
Concordo Totalmente	95,7%

Nesta questão, podemos verificar que os pais estão de acordo com o facto de as crianças terem o direito de dizer “Não” quando alguém tentar abusar sexualmente delas. A maioria dos pais concordam totalmente 95,7% com a afirmação, sendo que 4,3% assinalaram a resposta “concordo”.

Tabela 31 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que quando uma pessoa mais velha tentar tocar nos seus órgãos genitais estas nunca devem guardar segredo” (3).

	Pais
Não Concordo / Nem Discordo	4,3%

Concordo	4,3%
Concordo Totalmente	91,3%

No que diz respeito à questão “de as crianças deverem ser ensinadas de que quando uma pessoa mais velha tentar tocar nos seus órgãos genitais estas nunca devem guardar segredo”, o Grupo dos Pais revelou em 91,3% concordar com a afirmação, enquanto que apenas 4,3% admitiu “Não concordar/ nem discordar”, e os restantes 4,3% assinalou apenas “concordo”.

Tabela 32 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que ninguém lhes pode tocar de formas que as façam sentir desconfortáveis” (4).

	Pais
Concordo	4,3%
Concordo Totalmente	95,7%

Na questão acima, sensivelmente todos os pais concordam integralmente com a afirmação que refere “que ninguém pode tocar nas crianças de formas que as façam sentir desconfortáveis”. Assim 95,7% dos pais concordam totalmente com a afirmação e apenas 4,3% assinala “concorda”.

Tabela 33 – Distribuição das respostas à Questão “Os programas de prevenção do abuso sexual de crianças devem ensinar às crianças de que se forem abusadas a culpa nunca é delas” (5).

	Pais
Não Concordo / Nem Discordo	4,3%
Concordo Totalmente	95,7%

Como evidencia a Tabela 33, os pais demonstraram estar de acordo com o facto dos programas de prevenção do abuso sexual de crianças deverem ensinar às crianças de que se forem abusadas a culpa nunca é delas. 95,7% dos pais “concorda totalmente” que é importante ensinar às crianças

que a culpa nunca é delas, apenas 4,3% manifesta não possuir uma opinião formada sobre o assunto, assinalando a opção de resposta “não concordo, nem discordo”.

Tabela 34 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a tentar fugir se alguém tentar abusar delas” (6).

	Pais
Concordo	8,7%
Concordo Totalmente	91,3%

Nesta questão, as respostas são unânimes, visto que todos os pais estão de acordo no que diz respeito à afirmação de que as crianças devem ser ensinadas a tentar fugir se alguém tentar abusar delas. 91,3% dos pais concordam totalmente com a afirmação, apenas 8,7%, afirmam que concordam que as crianças devem ser ensinadas a tentar fugir se alguém tentar abusar delas.

Tabela 35 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a gritar alto quando alguém tenta abusar delas” (8).

	Pais
Concordo	13%
Concordo Totalmente	87%

Como demonstra a Tabela 35, na afirmação “de que as crianças devem ser ensinadas a gritar alto quando alguém tenta abusar delas”, os pais estão plenamente de acordo. Com 87% a “Concordar totalmente” e apenas 13% a seleccionar a opção “concordo”.

Tabela 36 – “As crianças devem ser ensinadas de que as únicas pessoas que abusam as crianças são estranhas” (9).

	Pais
Concordo Totalmente	4,3%

Concordo	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	4,3%
Discordo	34,8%
Discordo Totalmente	52,2%

Na questão acima mencionada e como revela a Tabela 36, existem respostas bastante dispersas no que diz respeito “às crianças deverem ser ensinadas de que as únicas pessoas que abusam as crianças são estranhos”. No entanto e apesar desta diversidade, existe uma maioria de respostas discordantes da afirmação. 52,2% dos Pais “Discorda Totalmente”, 34,8% “Discorda”. 4,3% “Não concorda / Nem discorda”, 4,3% “Concorda” e 4,3% “Concorda Totalmente”.

Tabela 37 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de dizer “Não” a um adulto” (10).

	Pais
Concordo	34,8%
Concordo Totalmente	65,2%

Nesta questão, existe uma homogeneidade de concordância nas respostas dos Pais, assim, e no que diz respeito à afirmação “às crianças deverem ser ensinadas de que têm o direito de dizer *Não* a um adulto”, a maior parte dos Pais (65,2%) “Concordam totalmente” com a afirmação e 34,8% dos restantes pais seleccionaram a opção “Concordo”.

Tabela 38 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de quando é e não é normal uma pessoa mais velha tocar ou olhar os seus órgãos genitais” (11).

	Pais
Discordo	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	4,3%

Concordo	17,4%
Concordo Totalmente	73,9%

73,9% dos Pais “Concordam Totalmente” de que “as crianças devem ser ensinadas de quando é e não é normal uma pessoa mais velha tocar ou olhar os seus órgãos genitais” e 17,4% “Concordam”. Contrariamente, apenas 4,3% “Discordam”, e 4,3% não tem opinião formada.

Tabela 39 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de decidir sobre quem deve tocar nos seus órgãos genitais” (13).

	Pais
Discordo Totalmente	4,3%
Concordo	26,1%
Concordo Totalmente	65,2%
Não Responde	4,3%

A propósito da afirmação do questionário acima indicada de que: “as crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de decidir sobre quem deve tocar nos seus órgãos genitais”, 65,2% dos Pais “Concorda Totalmente”, 26,1% dos Pais “Concorda”, 4,3% “Discorda totalmente” e 4,3% não responde.

Tabela 40 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que por vezes crianças mais velhas e adolescentes tentam abusar sexualmente de crianças mais novas”(14).

	Pais
Discordo Totalmente	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	4,3%
Concordo	30,4%
Concordo Totalmente	60,9%

Como refere a Tabela 40, 60,9% dos Pais responde que “Concorda Totalmente” com a afirmação expressa, 30,4% “Concorda”, 4,3% “Discorda Totalmente” e 4,3% demonstra não possuir opinião formada sobre a temática, revelando “Não concordar / nem discordar” com a afirmação.

Tabela 41 – Distribuição das respostas à Questão - “As crianças devem ser ensinadas sobre os termos correctos para os seus órgãos genitais (p.e Pénis, vagina)” (15).

	Pais
Concordo	30,4%
Concordo Totalmente	69,6%

Existe nesta afirmação uma clara unanimidade, 69,6% dos pais revelam “Concordar totalmente” com o facto de “as crianças devem ser ensinadas sobre os termos correctos para os seus órgãos genitais (p.e Pénis, vagina)”, e 30,4% “concorda” com a afirmação.

Tabela 42 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a resistir lutando contra o agressor (p.e bater, dar pontapés) quando alguém tenta abusar sexualmente delas” (16).

	Pais
Discordo Totalmente	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	8,7%
Concordo	21,7%
Concordo Totalmente	60,9%
Não Responde	4,3%

Pela observação da Tabela 42, constata-se uma prevalência de respostas “Concordo e concordo totalmente”, sendo que 60,9% dos Pais “Concorda totalmente” e 21,7% “Concorda”. Paralelamente, 4,3% “Discorda Totalmente” e 8,7% “Não Concorda / Nem discorda”, 4,3% não assinala nenhuma opção da afirmação.

Tabela 43 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que alguém que elas amam e em quem confiam pode tentar abusar sexualmente delas, até mesmo a mãe, o pai, os tios, ou um/a vizinho/a” (17).

	Pais
Discordo Totalmente	4,3%
Discordo	8,7%
Concordo	30,4%
Concordo Totalmente	56,5%

A Tabela 43 expressa em cima, revela a percentagem de respostas dos pais à questão: “As crianças devem ser ensinadas de que alguém que elas amam e em quem confiam pode tentar abusar sexualmente delas, até mesmo a mãe, o pai, os tios, ou um/a vizinho/a”, pela observação da tabela constata-se uma prevalência de respostas “Concordo e concordo totalmente”, sendo que 56,5% dos Pais “Concorda totalmente” e 30,4% “Concorda”. Paralelamente, 4,3% “Discorda Totalmente” e 8,7% “Discorda”.

Tabela 44 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas a ouvir os seus próprios sentimentos e de como se sentem perante um determinado “toque”, se consideram normal ou não” (18).

	Pais
Discordo	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	8,7%
Concordo	30,4%
Concordo Totalmente	56,5%

Como refere a Tabela 44, 56,5% dos Pais “Concorda totalmente” e 30,4% “Concorda” com o facto “de as crianças deverem ser ensinadas a ouvir os seus próprios sentimentos e de como se sentem perante um determinado “toque”, se consideram normal ou não”, sobre a mesma afirmação 4,3% dos Pais “Discorda” e 8,7% “Não Concorda / Nem Discorda”.

Tabela 45 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas acerca do significado dos termos relacionados com o abuso sexual, tais como molestar, violar e incesto” (20).

	Pais
Discordo	4,3%
Não Concordo / Nem Discordo	13%
Concordo	39,1%
Concordo Totalmente	43,5%

Como refere a Tabela 45, 56,5% dos Pais “Concorda totalmente” e 30,4% “Concorda” com o facto “de as crianças deverem ser ensinadas a ouvir os seus próprios sentimentos e de como se sentem perante um determinado “toque”, se consideram normal ou não”, sobre a mesma afirmação 4,3% dos Pais “Discorda” e 8,7% “Não Concorda / Nem Discorda”.

Tabela 46 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que por vezes quando contam a um adulto que foram abusadas este poderá não acreditar nelas” (21).

	Pais
Discordo Totalmente	13%
Discordo	17,4%
Não Concordo / Nem Discordo	4,3%
Concordo	34,8%
Concordo Totalmente	30,4%

Como refere a Tabela 46, 30,4% dos Pais “Concorda totalmente” e 34,8% “Concorda” com o facto “as crianças deverem ser ensinadas de que por vezes quando contam a um adulto que foram

abusadas este poderá não acreditar nelas”, sobre a mesma afirmação 17,4% dos Pais “Discorda” e 13% “Discorda Totalmente”. Paralelamente, 4,3% “Não Concorda / Nem Discorda”.

Tabela 47 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças devem ser ensinadas de que, quando feito em privado, é normal estas tocarem nos seus próprios órgãos genitais” (22).

	Pais
Discordo Totalmente	8,7%
Discordo	13%
Não Concordo / Nem Discordo	17,4%
Concordo	30,4%
Concordo Totalmente	30,4%

Como refere a Tabela 47, 30,4% dos Pais “Concorda totalmente” e 30,4% “Concorda” com o facto “as crianças devem ser ensinadas de que, quando feito em privado, é normal estas tocarem nos seus próprios órgãos genitais”, sobre a mesma afirmação 13% dos Pais “Discorda” e 8,7% “Discorda Totalmente”. Paralelamente, 17,4% “Não Concorda / Nem Discorda”.

Tabela 48 – Distribuição das respostas à Questão “Deve-se explicar às crianças o que se entende por comportamentos sexuais (p.e relação sexual) para melhor as preparar para situações abusivas” (23).

	Pais
Não Concordo / Nem Discordo	13%
Concordo	43,5%
Concordo Totalmente	39,1%
Não Responde	4,3%

A Tabela 48 acima referida, demonstra uma concordância na opinião dos Pais, 39,1% “Concorda Totalmente” e 43,5% “Concorda” com a afirmação: “deve-se explicar às crianças o que se

entende por comportamentos sexuais (p.e relação sexual) para melhor as preparar para situações abusivas”. 4,3% dos Pais não responde e 13% dos Pais “Não Concorda / Nem Discorda”.

Tabela 49 – Distribuição das respostas à Questão “Se um contacto sexual entre um adulto e uma criança não envolver força, nem relação sexual, este não deixará sequelas psicológicas para a criança” (26).

	Pais
Discordo	30,4%
Discordo Totalmente	65,2%
Não Responde	4,3%

A Tabela 49 demonstra unanimidade na opinião dos Pais, 65,2% “Discorda Totalmente” e 30,4% “Discorda” com a afirmação: “se uma criança não denunciar o contacto sexual, o mais provável é ela querer que este continue”. 4,3% dos Pais não responde.

Tabela 50 – Distribuição das respostas à Questão “Se uma criança não denunciar o contacto sexual, o mais provável é ela querer que este continue” (27).

	Pais
Discordo	26,1%
Discordo Totalmente	69,6%
Não Responde	4,3%

Ocorre nesta afirmação uma concordância na opinião dos Pais, 69,6% “Discorda Totalmente” e 26,1% “Discorda” com a afirmação: “se uma criança não denunciar o contacto sexual, o mais provável é ela querer que este continue”. 4,3% dos Pais não responde.

QUEM PRECISA DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS – GRUPO DOS PAIS

Tabela 51 – Distribuição das respostas à Questão “O meu filho não está em risco de ser abusado sexualmente” (43).

	Pais
Concordo Totalmente	13%
Concordo	8,7%
Não Concordo / Nem Discordo	30,4%
Discordo	30,4%
Discordo Totalmente	13%
Não Responde	4,3%

30,4% dos Pais considera que o Filho está em risco de ser abusado sexualmente, em igual percentagem encontram-se os pais que não detêm qualquer opinião sobre o assunto – “não concordo / nem discordo”. 13% “Concorda totalmente” com a afirmação que “o meu filho não está em risco de ser abusado sexualmente”, 8,7% “Concorda”. 13% Discorda totalmente com a afirmação e 4,3% não fornece qualquer resposta.

Tabela 52 – Distribuição das respostas à Questão “As crianças que forem vítimas de abusos sexuais, quando crescem podem tornar-se elas próprias abusadoras” (49).

	Pais
Concordo Totalmente	4,5%
Concordo	30,4%
Não Concordo / Nem Discordo	39,1%
Discordo	21,7%
Não Responde	4,3%

Como demonstra a Tabela 52 acima, as atitudes estão distribuídas por todas as possibilidades de resposta, 39,1% dos Pais parece não deter qualquer opinião sobre “as crianças que forem vítimas

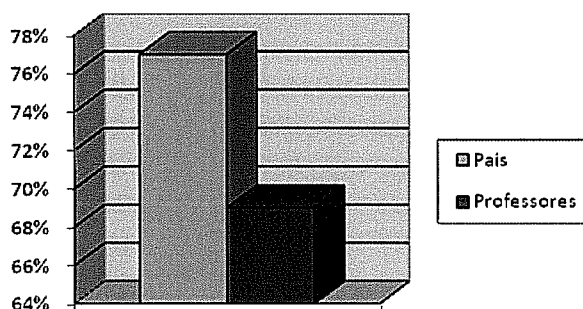
de abusos sexuais, quando crescem podem tornar-se elas próprias abusadoras”, 30,4% concorda com a afirmação, 21,7% discorda, 4,5% concorda totalmente e 4,3% não responde.

ATITUDES PREVENTIVAS / ATITUDES AGRESSORES / ATITUDES PROGRAMAS DE PREVENÇÃO

A TEMÁTICA DOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS – GRUPO DE PAIS E PROFESSORES

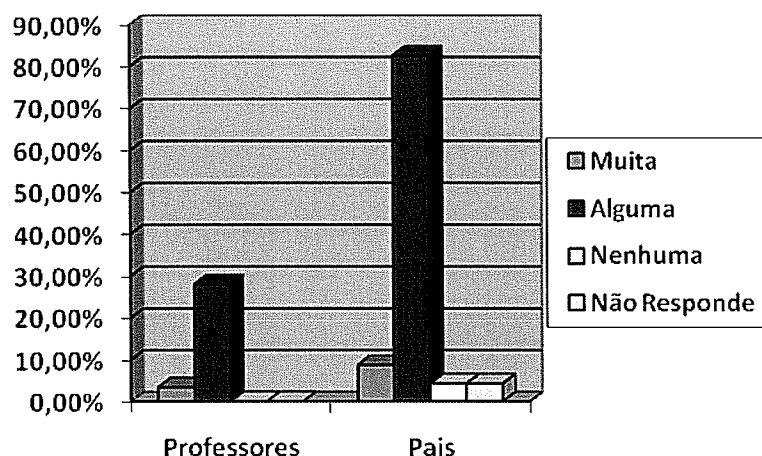
Esta Área do questionário – à semelhança do que se verificou anteriormente – detém questões idênticas para Pais e Professores, de entre as quais algumas de resposta aberta que vão ser apresentadas de seguida.

Figura 11 - Percentagem de adesão às perguntas abertas em ambos os Grupos – Pais e Professores



Através da Figura 11 podemos perceber que 77% dos Pais e 69% dos Professores respondeu às perguntas abertas do Questionário.

Figura 12 – Que nível de informação considera ter sobre os abusos sexuais de crianças (Pais.1-Prof.1)



Como se pode observar na Figura em cima mencionada, 82,6% dos Pais revelam possuir “Alguma Informação” sobre os Abusos Sexuais de Crianças, já 96,6% dos Professores considera ter também “Alguma Informação” sobre a mesma temática. 3,4% dos Professores e 8,7% dos Pais revela ter “Muita Informação”, 4,3% dos Pais revela “Não ter Nenhuma Informação” e 4,3% dos Pais não responde a esta questão.

Tabela 53 – Distribuição das respostas à Questão “Onde/ Como adquiriu essa informação?” (Pais.3-Prof2)

Categorias	Pais	Professores
Workshops/ Seminários/ Cursos	34,8%	51,7%
Meios de Comunicação Social	78,3%	69%
Noutros Locais Não Especificados	---	13,8%
Família e Amigos	43,5%	---
Área Profissional	21,7%	---

Através da Tabela 53 é possível observar que 78,3% dos Pais adquiriu a informação, que considera ter, através dos meios de comunicação social. 43,5% Através de familiares e amigos, 34,8% através de Workshops/ Seminários/ Cursos e 21,7% através da área profissional. 69% do Grupo dos Professores considera ter adquirido a informação que expressa deter através dos Meios

de Comunicação Social, 51,7% através de Workshops/ Seminários/ Cursos e 13,8% noutros locais não especificados.

Tabela 54 – Distribuição das respostas à Questão “Para si que tipo de actos são considerados Abuso Sexual de crianças? Dê exemplos” – Grupo de Pais – 2.)

Algumas Respostas Dadas:		
Forçar carinhos	Todo o tipo de contacto físico e psicológico que a criança n goste e a incomode.	
Pressão psicológica – segredos inadequados	Carícias	Beijos com intenção sexual,
toque nos seios	Relações sexuais genitais e anais	Masturbação
Violência	Toques não desejados	Chantagem
Violação	Linguagem obscena	Pornografia
Assédio	Visualização de situações sexuais	Beijos Não desejados

Na Tabela 54 os Pais descrevem algumas respostas do que consideram “Actos considerados Abuso Sexual de Crianças”.

Tabela 55 – Distribuição das respostas afirmativas à Questão “Algumas Questões sobre a Temática dos Abusos Sexuais de Crianças” (Pais4-Prof.3)

	Professores	Pais
Alguma vez falou com os seus alunos/os seus filhos sobre a questão dos abusos sexuais de crianças?	20,7%	30,4%
Saberia actuar perante um possível abuso sexual?	65,5%	60,9%
Considera ter responsabilidade de denunciar casos de abusos sexuais?	100%	87%
Até ao momento, enquanto exerceu profissão nesta escola, alguma vez discutiu com outros colegas os procedimentos	17,2%	----

para denunciar situações de abusos sexuais de crianças?		
Alguma vez falou com os seus filhos sobre sexualidade?	----	65,2%
Tem problemas em falar com as crianças sobre os abusos sexuais?	10,3%	8,7%
Tem conhecimento dos recursos (p.e instituições, profissionais) onde denunciar situações de abusos sexuais de crianças?	69%	73,9%
A sua escola/a escola do seu filho aplica ou já aplicou programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças?	34,5%	56,5%
A sua escola aplica ou já aplicou alguma estratégia para prevenir a violência sexual?	34,5%	----
Tem conhecimento de alguma escola que aborde estas questões?	6,9%	8,7%
Costuma falar com os pais/familiares das crianças sobre as formas de fortalecer as crianças e reduzir os riscos de violência?	34,5%	----
Considera importante os professores falarem com os pais e familiares sobre como fortalecer as crianças e reduzir os riscos da violência?	----	91,3%

Foram colocadas algumas questões relacionadas com a temática dos Abusos Sexuais de Crianças ao Grupo de Professores e de Pais. Apenas 20,7% dos Professores e 30,4% dos Pais já falou com os seus alunos e filhos, respectivamente, sobre a questão dos abusos sexuais de crianças. Ambos os Grupos – Pais e Professores – admitem em 60,9% e 65,5% , respectivamente, que saberiam actuar perante uma possível situação de abuso sexual. Os Professores consideram ter 100% de responsabilidade de denunciar casos de abusos sexuais de crianças, responsabilidade que os Pais assumem em 87%. 17,2% dos Professores admite ter discutido alguma vez com outros colegas os procedimentos para denunciar situações de abusos sexuais de crianças. 65,2% dos Pais já falou em alguma altura com os seus filhos sobre sexualidade. Apenas 8,7% dos Pais e 10,3% dos Professores admite ter problemas em falar com as crianças sobre os abusos.

69% dos Professores e 73,9% dos Pais tem conhecimento dos recursos (p.e instituições, profissionais) onde denunciar situações de abusos sexuais de crianças. Foi manifesto por ambas os Grupos (6,9% Professores e 8,7% Pais) que as escolas ainda não falam sobre estes assuntos, ainda que 91,3% dos Pais considera importante os professores falarem com os pais e familiares sobre como fortalecer as crianças e reduzir os riscos da violência. Paralelamente, apenas 34,5% dos Professores assumem costumar falar com os pais e familiares das crianças sobre as formas de fortalecer as crianças e reduzir os riscos de violência

Tabela 56 – Distribuição das respostas que ambos os grupos assinalaram à Questão “Como identificaria uma criança alvo de abusos sexuais?” (Pais5 – Prof.7)

Categorias	% Pais	% Prof.
A criança é retraída, isolada e sossegada	73,9%	72,4%
A criança relaciona-se com os pares	13%	0%
A criança é agressiva	56,5%	48,3%
A criança tem medo, está assustada	87%	86,2%
A criança participa em todas as actividades físicas escolares	13%	0%
A criança fala-me acerca do problema	30,4%	51,7%
A criança é tímida	39,1%	34,5%
A criança está triste	73,9%	58,6%
A criança é comunicativa	13%	3,4%
A criança está indiferente	56,5%	37,9%
A criança é desconfiada	73,9%	55,2%
A criança anda furiosa	52,2%	37,9%
A criança é passiva	60,9%	17,2%
A criança tem comportamentos regressivos	78,3%	69%
A criança tem uma boa auto-estima	8,7%	0%
A criança tem comportamentos sexualizados	54,5%	58,6%
A criança tem dificuldades de aprendizagem	60,9%	48,3%
A criança não revela nenhuns problemas na escola	8,7%	0%

A criança tem alterações de comportamento	13%	0%
---	-----	----

Tabela 57 – Distribuição das respostas à Questão “Tem conhecimento de algum incidente de Abuso Sexual de Crianças que tenha ocorrido perto de si?” (Pais6 – Prof.8)

	Pais	Professores
Sim	10%	10,3%
Não	90%	89,7%

Nesta questão podemos verificar que a maioria dos pais (90%) e professores (89,7%) afirma que Não tem conhecimento de nenhum incidente de Abuso Sexual de Crianças que tenha ocorrido perto de si. Apenas 10% e 10,3% dos pais e professores respectivamente revela que Sim.

Questões aos Professores:

Tabela 58 – Distribuição das respostas à Questão “Suponha que denunciou uma situação de abuso sexual de crianças. Quais considera que terão sido as razões mais significativas para ter procedido à denúncia?” (Grupo de Professores – 9)

	Nada Importante	Importante	Muito Importante	Não Respondeu
Proteger a criança	----	3,4%	89,7%	6,9%
Para que as lesões da criança possam ser tratadas	----	24,1%	65,5%	10,3%
Para que possa ser dado apoio à criança	----	----	93,1%	6,9%
Para que o abusador seja apanhado	----	34,5%	55,2%	10,3%
Para que se possa dar terapia ao abusador	10,3%	48,3%	27,6%	13,8%

Porque é meu dever e responsabilidade relatar a situação	----	13,8%	79,3%	6,9%
--	------	-------	-------	------

Com demonstram os resultados apresentados na Tabela 58 o motivo que levaria os Professores a denunciar uma situação de abuso sexual de crianças (tendo como máxima ser um factor “muito importante” e “importante respectivamente) prendem-se com: proteger a criança (89,7% e 3,4%); para que as lesões da criança possam ser tratadas (65,5% e 24,1%); para que possa ser dado apoio à criança (93,1%); para que o agressor seja apanhado (55,2% e 34,5%); por ser dever e responsabilidade relatar a situação (79,3% e 13,8%). 10,3% dos Professores considera “nada importante” o facto de denunciar “para se poder dar terapia ao agressor”, 48,3% dos professores considera importante e 27,6% consideram muito importante.

Tabela 59 – Distribuição das respostas à Questão “Suponha que não denunciou uma situação de abuso sexual de crianças. Quais considera que terão sido as razões mais significativas para não ter procedido à denúncia?” (Grupo de Professores – 10)

	Nada Importante	Importante	Muito Importante	Não Respondeu
Pode ter-se tratado de um mal entendido	10,3%	48,3%	10,3%	31%
Não tenho provas suficientes para alegar que de facto de tratou de um abuso	13,8%	37,9%	31%	17,2%
É um problema familiar, os outros não devem interferir	55,2%	10,3%	6,9%	27,6%
A situação não é séria	51,7%	6,9%	6,9%	34,5%
Se denunciar posso meter-me em sarilhos	58,6%	6,9%	3,4%	31%
A família torna-se	24,1%	34,5%	10,3%	31%

mais disposta a receber ajuda se não relatar a situação				
---	--	--	--	--

A tabela 59 apresenta alguns motivos de “não se denunciar” o abuso sexual de crianças no caso dos professores se defrontarem com essa situação. Perante o motivo de “a família torna-se mais disposta a receber ajuda se não relatar a situação”, 24,1% dos Professores consideraram “nada importante”, 34,5% “importante”; 10,3% Muito importante e 31% não respondeu. 58,6% dos Professores consideraram “nada importante”, 6,9% importante, 3,4% “muito importante” e 31% não respondeu ao facto de “se denunciassessem poderiam meter-se em sarilhos”. Perante a resposta “A situação não é séria” 51,7% dos professores respondeu tratar-se de uma razão “nada importante”, 6,9% importante, 6,9% muito importante e 31% não respondeu. Face à resposta “é um problema familiar, os outros não devem interferir” 55,2% dos professores respondeu tratar-se de uma razão “nada importante”, 10,3% importante, 6,9% muito importante e 27,6% não respondeu. No que se refere ao facto de se tratar de “não terem provas suficientes para alegar que de facto de tratou de um abuso”, 13,8% dos professores respondeu tratar-se de uma razão “nada importante”, 48,3% importante, 10,3% muito importante e 31% não respondeu. 10,3% dos Professores consideraram “nada importante”, 48,3% “importante”, 10,3% muito importante e 31% não respondeu, à justificação de não denunciarem “por se tratar de um mal entendido”.

Que procedimentos são utilizados, na sua escola, para informar os educadores acerca da lei e da responsabilidade que têm para identificar e lidar com situações de abusos sexuais de crianças? (Grupo dos Professores – 4)

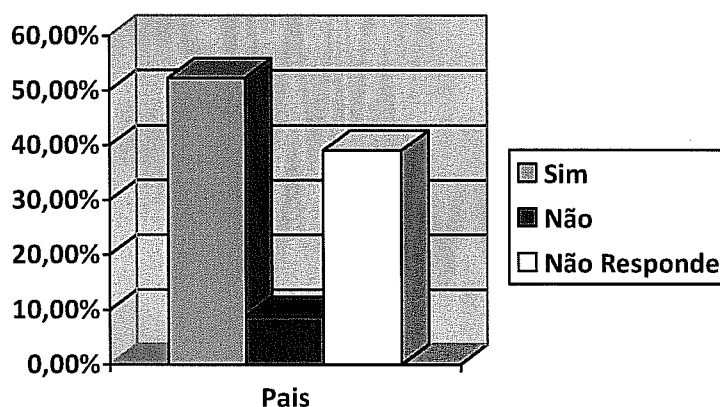
A esta questão de **resposta aberta** os professores respondem que a sua escola costuma ter conversas informais, acções de formação e *workshops*.

OS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS NO FUTURO NAS ESCOLAS

De que forma considera que a sua escola poderá contribuir para o aumento da prevenção dos abusos sexuais de crianças? Dê sugestões e ideias (Grupo de Professores – 1)

Os Professores descrevem – após questão aberta – algumas respostas de como “consideram que a sua escola poderá contribuir para o aumento da prevenção dos abusos sexuais de crianças”:
Dando formações / Acções / Workshops; Mostrando imagens; Estarmos todos mais atentos e sensibilizados para estas questões; Fornecer mais informação sobre como identificar as vítimas e quais as estratégias que educadores e professores podem utilizar; Formação continua; Alertar as crianças.

Figura 13 – Representação Gráfica das Respostas feitas apenas aos Pais à Questão “Gostaria de ter formação para poder detectar e lidar com o abuso sexual com mais segurança?” (Grupo dos Pais – 7)



Como apresentado na Figura 13, 52,2% dos pais gostaria de ter formação sobre abuso sexual de crianças, 8,7% responde que não e 39,1% não responde à questão.

Dos pais que responderam que “Não” as respostas que deram passaram por:

“Não. Não podemos ter formação para tudo o que de mau pode acontecer na vida...”

“Não. O conteúdo que detenho é suficiente.”

Tabela 60 – Resposta – Distribuição das respostas conjunta dos Pais e Professores à Questão “O que o/a levaria a querer participar num programa de formação sobre os abusos sexuais de crianças?” (Pais7-Prof- 3)

PROFESSORES	PAIS
-------------	------

Interesse sobre o assunto	Melhorar as competências parentais e profissionais sobre a problemática
Saber agir em situações de abuso	Receber informação para poder agir correctamente e estar preparada para formas de prevenir
Saber denunciar, identificar, prevenir	Saber actuar e prevenir
Poder estar preparada para intervir atempada e adequadamente	Ocorrência de casos na família
Aprofundar conhecimentos	prevenção
Ajudar as crianças que são vítimas de abusos sexuais	Necessidade de protecção do meu filho, insegurança, aprofundar conhecimentos
Sentir segurança em situações em que seja necessário intervir	O conhecimento sobre estas matérias são fundamentais.
	Poder ajudar melhor a minha filha
	Mais informação
	Obter mais informação sobre o tema e aplica-lo na minha vida profissional
	Medos que alguém perto de mim sofra um abuso
	Desmistificar crenças e estereótipos

Na Tabela 60 os Pais e Professores descrevem – após questão aberta – algumas razões que os levariam a querer participar num programa de formação sobre os abusos sexuais de crianças. Podemos observar que o que os levaria a ter mais formação seria obter mais conhecimento, informação, formação sobre os abusos de forma a saberem melhor actuar com mais segurança e eficácia, desmistificando crenças e ajudar as crianças a sentirem-se melhores.

ESTATÍSTICA DESCRITIVA

Considerou-se importante agregar a informação dos questionários em 3 e 4 categorias, conforme se tratavam do Grupo de Professores ou de Pais.

Por volta a tornar mais clara a apresentação dos resultados obtidos quanto às categorias criadas apresenta-se de seguida uma tabela estatística descritiva das mesmas.

Tabela 61 – Apresentação dos Resultados da Média e do Desvio Padrão para o Grupo dos Professores, face às 4 categorias criadas: a) Atitudes Preventivas; B) Agressores; C) Mitos; D) Atitudes Programas de Prevenção.

	PROFESSORES
ATITUDES PREVENTIVAS Mín. = 4 ; Máx. = 20	<u>M</u> = 17,62 <u>Dp</u> = 3,72
AGRESSORES Mín. = 4 ; Máx. = 20	<u>M</u> = 13,97 <u>Dp</u> = 2,21
MITOS Mín. = 13 ; Máx. = 65	<u>M</u> = 49,31 <u>Dp</u> = 4,12
PROGRAMAS DE PREVENÇÃO Mín. = 4 ; Máx. = 25	<u>M</u> = 22,66 <u>Dp</u> = 3,92

É possível constatar que os Professores demonstram conhecimentos solidificados nas Categorias: “Atitudes Preventivas” e “Programas de Prevenção”, mas demonstram ainda muitas dúvidas na Categoria “Mitos” e “Agressores”.

Tabela 62 – Apresentação dos Resultados da Média e do Desvio Padrão para o Grupo dos Pais, face às 3 categorias criadas: a) Atitudes Preventivas; B) Agressores; C) Mitos.

	PAIS
ATITUDES PREVENTIVAS Mín. = 23 ; Máx. = 118	<u>M</u> = 103,13 <u>Dp</u> = 8,28
AGRESSORES Mín. = 4 ; Máx. = 20	<u>M</u> = 13,43 <u>Dp</u> = 2,33
MITOS	<u>M</u> = 58,09

Mín. = 22 ; Máx. = 110

Dp = 8,46

Os Pais demonstram conhecimentos solidificados nas Categorias: “Atitudes Preventivas”, mas demonstram ainda muitas dúvidas na Categoria “Mitos” e “Agressores”.

Terminada a Apresentação dos resultados dos Pais e Professores irá agora apresentar-se os resultados do Grupo das Crianças, também estudado neste capítulo. Primeiramente, para efeitos de caracterização estatística da amostra, apresentar-se-ão os dados da população referentes ao género e à idade. Posteriormente, irão ser apresentadas as respostas dos indivíduos de acordo com as pontuações obtidas em cada item de cada Sub-escala: em primeiro lugar, apresentar-se-ão os resultados da Sub-escala I (Toques Inapropriados) e, em segundo lugar, os da Sub-escala A (Toques Apropriados). Os resultados irão ser apresentados em função da questão de investigação deste trabalho:

Quais as Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que as Crianças possuem face à prevenção do abuso sexual de crianças?

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DAS CRIANÇAS

Para a apresentação dos resultados obtidos procedeu-se à divisão dos mesmos pelas frequências de respostas dos sujeitos nas duas Subescalas do questionário. Primeiramente, apresentam-se as frequências relativas aos itens da Sub-escala I (Itens: 1; 3; 5; 6; 7; 8; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 19; 20; 22; 23; 24; 25; 27; 30; 31 e 32) e de seguida, as frequências relativas aos itens da Sub-escala A (Itens: 2; 4; 9; 18; 21; 26; 28; 29 e 33).

Observa-se o seguinte nas questões referentes à **Sub-escala dos Toques Inapropriados (I)**:

Item 1. Tens sempre de guardar todos os segredos?

Nesta questão, 100% das crianças respondeu correctamente, ou seja, respondeu “Falso”, concordando unanimemente que nem sempre têm que guardar todos os segredos. As

crianças nesta afirmação demonstraram ter o conhecimento de que não têm de guardar sempre todos os segredos, e que há segredos que não devem ser mantidos em segredo.

Item 3. Sabes quem são os estranhos porque se vê que são maus?

Neste item, a grande maioria das crianças respondeu de forma adequada à questão, discordando da ideia de que os estranhos são reconhecíveis pelo facto de serem maus, revelando existir um maior número de crianças que está consciente de que não é possível perceber se uma pessoa é boa ou má, apenas pelo seu aspecto físico. 82.6% das crianças respondeu “Falso” à questão, no entanto, 17.4% das crianças respondeu “Verdadeiro”, considerando que os estranhos são identificáveis pelo facto de parecerem maus pelo seu aspecto, estas crianças estão, por esta razão, à partida mais vulneráveis face ao abuso sexual, pois se ficam alerta apenas para as pessoas que têm aspecto “mau”, ficam vulneráveis em relação a todas as outras, inclusivamente em relação a pessoas em quem estas confiam e de quem gostam. Não existiram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao género.

Item 5. Às vezes é correcto dizeres “Não” a um adulto?

Nesta questão, a maioria das crianças respondeu de forma correcta, considerando que por vezes é correcto dizer “Não” a um adulto. 95.7% das crianças respondeu “Verdadeiro”, apenas 4.3% das crianças respondeu “Falso”. Tal como nas questões anteriores não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino.

Item 6. Está certo dizer que “Não” e prosseguires se alguém te tocar de uma forma que não gostas?

As crianças revelaram uma grande uniformidade nesta questão, sendo que 91.7% respondeu correctamente, ou seja, “Verdadeiro”, concordando com a ideia de que podem dizer “Não” se alguém lhes tocar de uma forma que não gostem. Uma pequena minoria das crianças (8.3%) considerou esta questão falsa. As diferenças relativas às respostas dos rapazes e das raparigas não foram estatisticamente significativas.

Item 7. Mesmo que alguém diga que te conhece, se tu não o/a conheces é um estranho?

Nesta questão, todas as crianças (100%) responderam correctamente (i.e., “Verdadeiro”). Assim, todas as crianças pensam que, mesmo que alguém que não conhecem diga que as conhece, esse alguém é um estranho.

Item 8. Até os abraços e as cócegas podem ser maus toques se durarem muito tempo?

Neste item, a grande maioria das crianças (87.5%) considera certo o facto de que até os abraços e cócegas, se durarem muito tempo, podem ser “maus” toques, o que vai ao encontro da resposta correcta (i.e., “Verdadeiro”). No entanto, algumas crianças (12.2%) consideraram esta questão falsa. As diferenças entre as respostas dos rapazes e das raparigas não se mostraram estatisticamente significativas.

Item 10. Se alguém te tocar de uma forma que tu não gostas, deves dizer a alguém em quem tu confies?

Nesta questão, a totalidade das crianças (100%), considerou esta questão como verdadeira, indo ao encontro da resposta correcta para este item. Assim, todas as crianças demonstraram concordar com a ideia de que se alguém lhes tocar de uma forma desconfortável devem dizer a alguém em quem confiem, enaltecendo a ideia de que é importante as crianças falarem, e não permanecerem em silêncio.

Item 11. Se um amigo teu disser que nunca mais é teu amigo se não lhe deres o último pedaço de um doce, então deves dar-lhe?

Neste item, a maior parte das crianças (78.3%) considerou esta questão falsa, o que vai ao encontro da resposta correcta. Assim, a maioria das crianças pensa que não deve dar o último pedaço de doce a um amigo que diz que deixa de ser amigo se não o fizerem. Por outro lado, algumas crianças (21,7%) consideraram que a questão é verdadeira e que deveriam dar o último pedaço de doce a esse “amigo”. Nesta questão não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os géneros.

Item 12. Se alguém te tocar de uma forma que tu não gostas, a culpa é tua?

Nesta questão, as crianças foram quase unânimes nas respostas, indo ao encontro da resposta correcta. 95.8% da amostra considerou que a questão é falsa, ou seja, se alguém lhe tocar de uma forma desconfortável, a maioria das crianças considera que a culpa não é sua. No entanto,

4.2% das crianças respondeu “Verdadeiro” a esta questão, relevando que essas crianças consideram que a culpa é delas se alguém as tocar de forma que elas não gostam. Em termos de género, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas.

Item 13. Se não gostares da forma como alguém te toca, está certo dizeres “Não”?

Nesta questão, todas as crianças (100%) responderam correctamente, considerando esta questão verdadeira. Assim, todas pensam que está certo dizer “Não” quando alguém lhes toca de uma forma desconfortável.

Item 14. Os estranhos parecem-se com as outras pessoas?

Esta é a primeira das três únicas questões em que a tendência de resposta da amostra é errada. Aqui, a maioria das crianças (65.2%) considerou falsa a ideia de que os estranhos se parecem com as outras pessoas, admitindo a hipótese de que os estranhos, pelas suas características físicas, são diferentes das outras pessoas. De facto, apenas algumas crianças (34.8%) responderam correctamente (i.e., “Verdadeiro”) a esta questão, que os estranhos são iguais aos conhecidos, inerente à ideia de que não é possível perceber se uma pessoa é boa ou má, apenas pelo seu aspecto físico. As diferenças de género não se mostraram estatisticamente significativas.

Item 15. Se um adulto te manda fazer alguma coisa tens sempre de a fazer?

Neste item, as crianças foram quase unânimes nas suas respostas, indo ao encontro da resposta correcta. 95.8% das crianças pensa que nem sempre tem que fazer o que um adulto manda, considerando esta questão falsa. Contudo, uma pequena minoria (4.2%) considerou a questão verdadeira, concordando com o facto de terem sempre de fazer o que um adulto manda. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos rapazes e das raparigas.

Item 16. Alguns toques começam por saber bem, mas depois tornam-se confusos?

Nesta questão, quase todas as crianças (95.8%) foram ao encontro da resposta correcta, considerando verdadeiro o facto de que alguns toques começam por saber bem, mas depois tornam-se confusos. Por outro lado, algumas crianças (4.2%) não foram ao encontro da resposta

correcta, considerando a questão falsa. Não existiram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos rapazes e das raparigas.

Item 17. Podes confiar nos teus sentimentos para saberes se um toque é bom ou mau?

Nesta questão, as crianças foram na sua grande maioria ao encontro da resposta correcta, pelo que 91.3% da amostra considerou ser verdadeira a ideia de que podem confiar nos seus sentimentos para saber se um toque é bom ou não. Contudo, 8.7% dos participantes respondeu “Falso”. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do sexo masculino e do sexo feminino.

Item 19. Se um menino mau da tua escola te mandar fazer alguma coisa, o melhor é fazeres?

Nesta questão, as crianças foram quase unânimes nas suas respostas, indo ao encontro da resposta correcta (i.e., “Falso”). 95.8% das crianças pensa que face a uma “ordem” de um menino mau, o melhor não é obedecer-lhe. Por outro lado, 4.2% da amostra respondeu “Verdadeiro”. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as respostas em relação ao género.

Item 20. Mesmo uma pessoa de quem tu gostas te pode tocar de uma forma que tu não gostas?

Neste item, a maioria das crianças (62.5%) respondeu correctamente à questão (i.e., “Verdadeiro”), considerando que mesmo uma pessoa de quem elas gostam lhes pode tocar de uma forma desconfortável. Contudo, 37.5% respondeu “Falso” a esta questão, admitindo que as pessoas de quem elas gostam as podem tocar de uma forma que as crianças não gostam. Não existiram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas referentes às raparigas e aos rapazes.

Item 22. Tens de deixar os adultos tocarem-te, quer gostes ou não?

Nesta questão, quase todas as crianças (95.8%) responderam de forma correcta (i.e., “Falso”), discordando da ideia de que têm de deixar os adultos tocarem-lhes, quer gostem ou não. Por outro lado, 4.2% da amostra respondeu “Verdadeiro”. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas no que se refere ao género.

Item 23. Se alguém te tocar de uma forma de que tu não gostas deves ir dizendo até que acreditem em ti?

Neste item, todas as crianças (100%) deram uma resposta correcta (i.e., “Verdadeiro”), considerando como certa a ideia de que se alguém lhes tocar de uma forma de que não gostem devem ir dizendo até que alguém acredite.

Item 24. Por vezes alguém da tua família pode tocar-te de uma forma que não gostas?

A maioria das crianças (75%) respondeu correctamente a esta questão, considerando como verdadeiro o facto de que por vezes alguém da sua família pode tocar-lhes de uma forma desconfortável. Por outro lado, 25% da amostra respondeu “Falso”. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das raparigas e dos rapazes.

Item 25. Os rapazes não têm que se preocupar com alguém tocar nas suas partes privadas?

Nesta questão, a maioria das crianças (75%) respondeu correctamente, considerando falsa a ideia de que os rapazes não têm que se preocupar com alguém tocar nas suas partes privadas. Contudo, algumas crianças (25%) responderam “Verdadeiro”. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do sexo feminino e do sexo masculino.

Item 27. Se um amigo do teu pai te pedir ajuda para procurar o seu gato que fugiu deves ir logo com ele ajudá-lo?

Neste item, a maior parte das crianças (79.2%) considerou falsa a ideia de que se um amigo do pai lhes pedisse ajuda para encontrar o seu gato que fugiu deveriam ir logo com ele ajudá-lo, o que foi ao encontro da resposta correcta. Por outro lado, algumas crianças (20.8%) responderam “Verdadeiro”. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das raparigas e dos rapazes.

Item 30. Alguém que tu conheces, ou mesmo alguém da tua família pode querer tocar-te nas partes privadas de uma forma que te deixa confuso?

Nesta questão, a maioria das crianças (62.5%) respondeu correctamente, isto é, considerou verdadeira a ideia de que alguém conhecido, ou mesmo da sua família, poder querer

tocá-las nas partes privadas de uma forma que as deixa confusas. Contudo, alguns participantes (34.8%) responderam “Falso”. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do sexo feminino e do sexo masculino.

Item 31. Se a tua ama/ babysitter (a pessoa que está a tomar conta de ti) te mandar tirar a roupa e ainda não é hora de ir para a cama, tens de o fazer?

Neste item, as crianças revelaram uniformidade nas suas respostas, indo ao encontro da resposta correcta (i.e., “Falso”). A esmagadora maioria das crianças (91.7%) considera que, se a pessoa que está responsável pelas crianças as mandar tirar a roupa numa altura não apropriada, não terão de o fazer. Contudo, uma minoria de 8.3% da amostra respondeu “Verdadeiro”. Em relação às diferenças de respostas no que toca ao género, estas não se mostraram estatisticamente significativas.

Item 32. Se alguém entrar enquanto estás a tomar banho, e te sentires desconfortável, debes ficar calado/a?

Nesta questão, a maioria das crianças (73.3%) respondeu correctamente (i.e., “Falso”), ou seja, grande parte das crianças considerou que se alguém entrar enquanto estão a tomar banho e isso for desconfortável, não devem ficar caladas. Por outro lado, algumas crianças (22.7%) responderam “Verdadeiro”. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas relativamente ao género.

TABELA 63 – Percentagem de respostas das crianças: Sub-escala I

a) Respostas correctas a cor azul.

Itens Sub-escala I (Toques Inapropriados)	Verdadeiro (%)	Falso (%)
1. “Tens sempre de guardar todos os segredos?”	0	100

3. "Sabes quem são os estranhos porque se vê que são maus?"	17.4	82.6
5. "Às vezes é correcto dizeres "Não" a um adulto?"	95.7	4.3
6. "Está certo dizer que "Não" e prosseguires se alguém te tocar de uma forma que não gostas?"	91.7	8.3
7. "Mesmo que alguém diga que te conhece, se tu não o/a conheces é um estranho?"	100	0
8. "Até os abraços e as cócegas podem ser maus toques se durarem muito tempo?"	87.5	12.2
10. "Se alguém te tocar de uma forma que tu não gostas, deves dizer a alguém em quem tu confies?"	100	0
11. "Se um amigo teu disser que nunca mais é teu amigo se não lhe deres o último pedaço de um doce, então deves dar-lhe?"	21,7	78.3
12. "Se alguém te tocar de uma forma que tu não gostas, a culpa é tua?"	4.2	95.8
13. "Se não gostares da forma como alguém te toca, está certo dizeres	100	0

“Não”?”		
14. “Os estranhos parecem-se com as outras pessoas?”	34.8	65.2
15. “Se um adulto te manda fazer alguma coisa tens sempre de a fazer?”	4.2	95.8
16. “Alguns toques começam por saber bem, mas depois tornam-se confusos?”	95.8	4.2
17. “Podes confiar nos teus sentimentos para saberes se um toque é bom ou mau?”	91.3	8.7
19 . “Se um menino mau da tua escola te mandar fazer alguma coisa, o melhor é fazeres?”	4.2	95.8
20. “Mesmo uma pessoa de quem tu gostas de pode tocar de uma forma que tu não gostas?”	62.5	37.5
22. “Tens de deixar os adultos tocarem-te, quer gostes ou não?”	4.2	95.8
23. “Se alguém te tocar de uma forma de que tu não gostas deves ir dizendo até que acreditem em ti?”	100	0
24. “Por vezes alguém da tua família pode tocar-te de uma forma que não	75	25

gostas?”		
25. “Os rapazes não têm que se preocupar com alguém tocar nas suas partes privadas?”	25	75
27. “Se um amigo do teu pai te pedir ajuda para procurar o seu gato que fugiu deves ir logo com ele ajudá-lo?”	20.8	79.2
30. “Alguém que tu conheces, ou mesmo alguém da tua família pode querer tocar-te nas partes privadas de uma forma que te deixa confuso?”	65.2	34.8
31. “Se a tua ama/ <i>baby sitter</i> (a pessoa que está a tomar conta de ti) te mandar tirar a roupa e ainda não é hora de ir para a cama, tens de o fazer?”	8.3	91.7
32. “Se alguém entrar enquanto estás a tomar banho, e te sentires desconfortável, deves ficar calado/a?”	22.7	77.3

Observa-se o seguinte nas questões referentes à Sub-escala dos Toques Apropriados

(A):

Item 2. Está certo que as pessoas de quem gostas te abracem?

Nesta questão, as respostas das crianças foram bastante uniformes, pelo que quase todas as crianças (95.8%) foram ao encontro da resposta correcta (i.e., “Verdadeiro”). Assim, as crianças que está certo que as pessoas de quem elas gostam as abracem. Por outro lado, uma

minoria de 4.2% da amostra respondeu “Falso”. Não houve diferenças estatisticamente significativas nas respostas no que toca ao género.

Item 4. Muitas crianças gostam de receber um beijinho dos seus pais antes de irem para a cama à noite, para essas crianças, este é um bom toque?

Neste item, todas as crianças (100%) responderam correctamente à questão (i.e., “Verdadeiro”), considerando que muitas crianças gostam de receber um beijinho dos seus pais antes de irem para a cama à noite e que este é um bom toque.

Item 9. Se caíres da bicicleta e te magoares nas partes do corpo mais privadas, está certo que um médico ou uma enfermeira te vejam sem roupas?

Nesta questão, a maioria das crianças (79.2%) respondeu correctamente, ou seja, considerou como verdadeira a ideia de que se elas se magoarem nas partes privadas está certo o médico e a enfermeira as vejam sem roupa. Por outro lado, algumas crianças (20.8%) responderam “Falso”. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das raparigas e dos rapazes.

Item 18. Está certo receberes abraços dos adultos de quem gostas?

A totalidade das crianças (100%) considerou esta questão verdadeira, o que vai ao encontro da resposta correcta. Todas as crianças pensam que está certo receber abraços dos adultos de quem gostam.

Item 21. Se um professor de quem tu gostas te der uma palmadinha nas costas, depois de teres feito alguma coisa da escola bem feita, é um bom toque?

Nesta questão, a grande maioria das crianças (81.8%) respondeu correctamente, considerando ser verdadeiro o facto de uma palmadinha nas costas de um professor de quem a criança gosta ser um bom toque. Contudo, algumas crianças (18.2%) responderam “Falso”. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas no que se refere ao género.

Item 26. Se fores a passear na rua com a tua mãe ou o teu pai e ela ou ele começarem a falar com um vizinho que ainda não conheces, é certo falares com ele também?

Nesta questão, a maioria das crianças (54,2%) respondeu “Falso”, ou seja, a maior parte das crianças pensa que não é certo falar com um vizinho que não conhecem mesmo que os pais comecem a falar com ele. No entanto, a resposta correcta é “Verdadeiro”, resposta dada apenas por 45.8% das crianças. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos rapazes e das raparigas. Esta é a segunda questão com “tendência de resposta incorrecta” da amostra.

Item 28. Se ganhares o concurso de melhor desenho na tua escola e um vizinho que tu gostas te der um abraço de parabéns, isso é um bom toque?

Neste item, todas as crianças (100%) responderam “Verdadeiro”, o que corresponde à resposta correcta para esta questão. As crianças revelaram uma forte unanimidade nas suas respostas, considerando que um abraço de um vizinho no seguimento da vitória do concurso de desenho na escola é um bom toque. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas respostas no que diz respeito ao género.

Item 29. A maioria das pessoas são estranhos e muitos dos estranhos são bons?

Nesta questão, grande parte das crianças (65%) respondeu de forma incorrecta, considerando falsa a ideia de que a maioria das pessoas são estranhos e muitos dos estranhos são bons. No entanto, a resposta correcta é “Verdadeiro”, resposta dada apenas por 35% da amostra. Em termos de género não houve diferenças estatisticamente significativas.

Esta é a última das 3 questões em que a maior parte das crianças respondeu errado.

33. Se te perderes dos teus pais no Centro Comercial, está certo pedires ajuda a uma vendedora ou a um segurança, mesmo que sejam estranhos?

Neste item, a grande maioria das crianças (87.5%) considerou que está certo pedir ajuda a uma vendedora ou a um segurança, mesmo que sejam estranhos, caso se percam dos seus pais no centro comercial, o que vai ao encontro da resposta correcta a esta questão (i.e., “Verdadeiro”). No entanto, algumas crianças (12.5%) responderam “Falso”. Não existiram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das raparigas e dos rapazes.

TABELA 64 – Percentagens de respostas das Crianças: Sub-escala A

a) Respostas correctas a cor azul.

Itens Sub-escala A (Toques Apropriados)	Verdadeiro (%)	Falso (%)
2. “Está certo que as pessoas de quem gostas te abracem?”	95.8	4.2
4. “ Muitas crianças gostam de receber um beijinho dos seus pais antes de irem para a cama à noite, para essas crianças, este é um bom toque?”	100	0
9. “Se caíres da bicicleta e te magoares nas partes do corpo mais privadas, está certo que um médico ou uma enfermeira te vejam sem roupas?”	79.2	20.8
18. “Está certo receberes abraços dos adultos de quem gostas?”	100	0
21. “Se um professor de quem tu gostas te der uma palmadinha nas costas, depois de teres feito alguma coisa da escola bem feita, é um bom toque?”	81.8	18.2
26. “Se fores a passear na rua com a tua mãe ou o teu pai e ela ou ele começarem a falar com um vizinho que ainda não conheces, é certo falares com ele também?”	45.8	54.2

<p>28. “Se ganhares o concurso de melhor desenho na tua escola e um vizinho que tu gostas te der um abraço de parabéns, isso é um bom toque?”</p>	<p>100</p>	<p>0</p>
<p>29. “A maioria das pessoas é estranha e muitos dos estranhos são bons?”</p>	<p>35</p>	<p>65</p>
<p>33. “Se te perderes dos teus pais no Centro Comercial, está certo pedires ajuda a uma vendedora ou a um segurança, mesmo que sejam estranhos?”</p>	<p>87.5</p>	<p>12.5</p>

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho de Mestrado pretendeu estudar as **Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais, Professores e Crianças do 1º Ciclo** detêm sobre a **Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças**, após terem participado num Programa de Prevenção sobre a temática da Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças - **Programa de Prevenção CAP (*Child Assault Prevention*)**.

Verifica-se que 100% de professores representam o sexo feminino, 73,9% são mães, 26,1% pais. As crianças são maioritariamente meninos – 58% do total da amostra, para 42% de meninas, 54% das crianças tem 8 anos de idade, 42% tem 7 anos e apenas 4% das crianças encontra-se na faixa etária dos 9 anos.

No que se refere à análise dos **Grupos de Pais e Professores**, e numa perspectiva de enriquecimento do estudo procedemos à análise das respostas de ambos os grupos, posteriormente comparamos algumas questões, passíveis de serem comparadas, entre pais e professores, e criamos 3 novas categorias para grupos de Professores, e 4 novas categorias para grupos de pais, agrupando algumas questões relacionadas com a temática de cada categoria, que nos pareceu fazer sentido para a análise descritiva dos resultados. Através desta análise chegamos a resultados muito interessantes no que se refere às Atitudes, Crenças, Conhecimentos e Competências que os Pais, Professores e Crianças do 1º Ciclo detêm sobre a Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças, após terem participado num Programa de Prevenção sobre a temática.

Em relação ao Grupo das Crianças considerou-se importante a análise das respostas de ambos os géneros, já que a ideia de que é mais importante para as raparigas do que para os rapazes terem conhecimentos sobre abusos sexuais está muito presente na generalidade do senso comum. De facto, esta ideia errónea de que apenas as raparigas precisam de aprender sobre a prevenção dos abusos sexuais constitui-se como um mito inerente à temática dos abusos sexuais de crianças e um obstáculo à sua prevenção. Como tal, torna-se bastante relevante a análise das

respostas no que toca ao género dos sujeitos, no sentido de reforçar a ideia de que este mito necessita de ser eliminado.

Na observação dos resultados dos pais e professores, podemos verificar de uma forma geral respostas bastante interessantes, que quanto a nós, nos surgem como reveladoras do panorama que se está a viver em Portugal. Os pais e os professores demonstraram possuir bastantes conhecimentos no que se refere aos conteúdos programáticos do que se deve ensinar às crianças no âmbito dos programas de prevenção do abuso sexual. No entanto há ainda questões importantes a serem trabalhadas e nas quais os pais e professores, mesmo após o programa de prevenção, demonstraram alguma diversidade ao nível das respostas dadas, inclusive, na possibilidade de resposta que remete para uma opinião não formada sobre o assunto.

Nos últimos 15 anos um vasto número de Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças começaram a ser implementados nas escolas dos EUA, no entanto inicialmente o foco de acção eram apenas as crianças, passando mais tarde a ser focalizados também nas famílias e nos professores.

Como refere Finkelhor e Dziuba-Leatherman (1995) cit in Hébert, Piché, Fecteau e Poitras (1996), devido a uma elevada prevalência de abuso sexual de crianças e as subseqüentes consequências para as vítimas, foram implementadas nos últimos anos nas escolas, programas de prevenção. Estes tinham como objectivo promover o *empowerment* das crianças, bem como fornecer-lhes conhecimentos e competências para que estas, pudessem prevenir a ocorrência do abuso. Os pais e os professores eram, como já foi referido, incluídos nos programas. Para estes existiam workshops específicos que partiam do mesmo principio de *empowerment* e formação em relação aos riscos do abuso sexual e tudo o que o constituiu, de forma a que estes pudessem estar informados caso se vissem confrontados com alguma situação de abuso, mas também com o objectivo de os fazer sentirem-se mais à vontade para discutir sobre estes assuntos com as crianças.

Perante uma análise das respostas facultadas pelos pais e professores apraz-nos dizer que há questões que se destacam fazendo realçar as áreas essenciais da prevenção.

No geral este estudo revelou-se em conformidade com o estudo original de onde este questionário provém – Sexual Abuse Prevention for Preschoolers: A Survey of Parents' Behaviors, Attitudes, and Beliefs (Wuntele, Kvaternick & Franklin, 1992), o que nos leva a pensar que, apesar da distância que nos separa do caminho percorrido já por estes autores, podemos estar no caminho certo no que se refere à prevenção dos abusos sexuais de crianças em Portugal.

Em relação às atitudes que os pais e professores possuem face à prevenção do abuso sexual de crianças, os pais e professores demonstraram ter sido relevante o programa de prevenção pois possuem conhecimentos no que se refere às temáticas incluídas no Programa de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças no qual estiveram envolvidos, nomeadamente **que as crianças devem ser ensinadas:**

- De que têm o direito de se sentirem seguras, fortes e livres;
- De que devem contar a alguém se forem abusadas sexualmente;

Os pais e os professores são discordantes com a afirmação “Se uma criança revela que sofreu abusos sexuais e em seguida o nega, provavelmente, o abuso não ocorreu”, o que nos leva a crer que parecem estar consciencializados para o facto da confissão do abuso ser algo para o qual a criança necessita de ter muita coragem, e que por inúmeras razões (p.e o medo, a vergonha, etc) pode mudar de ideias de contar após o ter feito, e que é importante ouvir todas as alegações das crianças.

O Grupo dos **Pais** também revelaram respostas bastante positivas sobre o que se deve ensinar às crianças, nomeadamente **que as crianças devem ser ensinadas:**

- De que quando uma pessoa mais velha tentar tocar nos seus órgãos genitais estas nunca devem guardar segredo;
- De que se alguém tentar abusar sexualmente delas, estas podem dizer “não”;
- De que ninguém lhes pode tocar de formas que as façam sentir desconfortáveis;
- Os programas de prevenção do abuso sexual de crianças deve ensinar às crianças de que se forem abusadas a culpa nunca é delas;

- A tentar fugir se alguém tentar abusar delas;
- A gritar alto quando alguém tenta abusar delas;
- De que têm o direito de dizer “não” a um adulto;
- De quando é e não é normal uma pessoa mais velha tocar ou olhar os seus órgãos genitais;
- Que têm o direito a decidir sobre quem deve tocar nos seus órgãos genitais;
- Sobre os termos correctos para os seus órgãos genitais (por ex. pénis, vagina);
- De que por vezes crianças mais velhas e adolescentes tentam abusar sexualmente de crianças mais novas;
- Sobre os termos correctos para os seus órgãos genitais;
- A resistir lutando contra o agressor quando este tenta abusar sexualmente delas;
- Do significado dos termos relacionados com o abuso sexual, tais como molestar, violar e incesto;
- O que se entende por comportamentos sexuais para melhor as preparar para situações abusivas;

Os **Pais discordam** com o facto de:

- Que se um contacto sexual entre um adulto e uma criança não envolver força, nem relação sexual, este não deixará sequelas psicológicas para a criança;
- Se uma criança não denunciar o contacto sexual o mais provável é ela querer que este continue;

Estas afirmações revelam, e dentro das categorias que criamos no ultimo procedimento apresentado, que os resultados da categoria “Atitudes Preventivas” e “Programas de Prevenção”, revelam-se muito positivos.

Estas respostas foram exactamente ao encontro do que os autores Wuntele, Kvaternick e Franklin (1992) encontram no estudo que serviu de base a este questionário (“Sexual abuse prevention for preschoolers: A survey of parents’ behaviours, attitudes, and beliefs”). Tendo sido concordante de que de facto era importante ensinar-se estas competências às crianças de forma a melhor as prevenir para o risco do abuso, para que se possa evita-lo e reduzir assim a sua vulnerabilidade.

Da mesma forma que os autores Hébert, Piché, Fecteau e Poitras (1996) no seu estudo sobre a participação parental num programa de prevenção do abuso sexual de crianças, revelaram concordar fortemente com o facto das crianças deverem ser ensinadas a dizer “não” a alguém que tentar abusar sexualmente delas, não manter segredo sobre esse facto, contar a alguém o sucedido e não apenas aos pais. Os pais concordaram também com o facto das crianças terem o direito de não ser tocadas de formas que as façam sentir desconfortáveis, da mesma forma que têm o direito a dizer “não” a um adulto.

No nosso estudo os pais e professores revelaram algumas dúvidas no que se refere a algumas afirmações – mesmo após terem participado num Programa de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças – o que nos leva a crer que a Prevenção nunca é demais e que é difícil desmontarem-se certos mitos. Nomeadamente no que se refere à credibilidade do testemunho das crianças aos olhos do adulto, de que devem contar apenas aos pais se tiverem a ser vítimas de abuso – deixando antever aqui alguma vergonha por contar a terceiros, o abuso sexual ainda visto como algo vergonhoso – o facto dos abusos ocorrerem apenas em famílias com problemas, ou existirem neste momento mais abusos do que no passado, revelando aqui o poder dos mitos e o difícil que são estes serem destronados. Observando concretamente os resultados, eis as afirmações que suscitaram mais dúvidas entre os pais e professores:

- As crianças devem ser ensinadas de que devem contar apenas aos seus pais se estiverem a ser vítimas de abuso.

Apesar de ser “discordo” a maioria das respostas apresentadas, verifica-se ainda muitas possibilidades de resposta assinaladas, o que nos leva a pensar, entre outros, de que poderá existir alguma vergonha em falar-se sobre estas questões, em admitir-se, perante outros membros da família, que a criança foi abusada, quebrando-se assim um silêncio atroz.

- A maioria dos abusos acontece em famílias com problemas

- Hoje em dia ocorrem mais abusos do que no passado;

Apesar de ser “discordo” a maioria das respostas apresentadas, verifica-se ainda muitas possibilidades de resposta assinaladas, levando a crer que são mitos ainda muito enraizados. Se só nos formos preocupar com o facto do abuso ocorrer em famílias problemáticas, e não considerarmos ter uma família problemática, vamos de imediato colocar de parte qualquer possibilidade da nossa criança estar, ou vir a ser abusada, e ao colocarmos essa possibilidade de parte estamos a por a criança em risco e a ficar desatento aos sinais de abuso.

- Numa família onde os pais se dedicam aos filhos, é muito difícil ocorrer o abuso;

Os pais e os professores dividem-se nesta afirmação entre o “concordo” e o “discordo”, colocando de parte que os pais que se dedicam aos filhos não abusam, o que como sabemos não corresponde à verdade e se constitui um mito.

Alguns **pais e professores** demonstraram deter algumas dúvidas, e outros há ainda que não souberam o que responder, nas respostas a algumas afirmações, nomeadamente:

“Os efeitos dos abusos sexuais serem sempre muito graves; a maioria dos agressores serem desconhecidos; as crianças que provocam os adultos são responsáveis pelos abusos; se um aluno (ou filho) meu fosse abusado sexualmente, eu seguramente me aperceberia; os familiares denunciam sempre os abusos sexuais; uma grande percentagem de abusos sexuais implica violência física contra a criança; a maioria das crianças que sofre abusos conta aos adultos; os abusos sexuais de crianças são perpetrados tanto por homens como por mulheres; muitas crianças inventam histórias de abusos para se vingarem dos adultos; a maioria dos agressores só se sente sexualmente atraído por crianças; quando uma criança quer ou gosta do contacto sexual este não é considerado abuso; os agressores padecem normalmente de uma doença mental; as crianças do 1º ciclo são muito novas para aprenderem sobre as questões dos abusos sexuais de crianças; devido ao abuso de crianças ser tão raro as crianças do 1º ciclo não precisam de programas de prevenção; as crianças que vivem em famílias católicas não precisam de programas de prevenção; as crianças que vivem em famílias de classe média/alta não precisam de programas de prevenção; apenas as raparigas precisam de aprender acerca dos abusos sexuais de crianças e do que fazerem para se protegerem”.

Apesar das evidentes consequências e efeitos nefastos que os abusos sexuais têm sobre as crianças, parece existir ainda alguma incompreensão sobre este problema por parte do público em geral, esta ideia é defendida por Kenny, M. & Wurtele, S. (In Press), que encontraram alguns destes mitos no seu estudo recente sobre avaliação de Programas de Prevenção, estas autoras referem que os pais e professores ainda detêm o mito por exemplo do “estranho perigoso”, como se as crianças só se devessem preocupar com os estranhos, quando sabemos e já foi referenciado que grande parte dos abusos sexuais ocorre dentro do seio familiar, e por parte de pessoas que a criança conhece e em quem confia.

As autoras Kenny, M. & Wurtele, S. (In Press), referem ainda, e sobre este assunto dos mitos, que **todas** as crianças, especialmente as mais novas, são vulneráveis à exploração sexual devido à total confiança e dependência dos adultos, e da sua falta de conhecimento sobre este crime, pelo que é errado pensar que apenas as crianças mais velhas devem receber informação sobre os abusos sexuais de crianças.

Tal como no estudo original deste questionário, também os pais e professores responderam divergentemente no que se refere à primeira afirmação, sobre se “O meu filho/aluno não está em risco de ser abusado sexualmente”. Esta é uma das questões mais interessantes do presente questionário, pois pretende avaliar até que ponto os pais estão conscientes do risco que existe do seu próprio filho/aluno ser abusado sexualmente.

Uma outra análise que se pode fazer é que de facto tanto os pais como os professores de ambos os grupos não consideram que os seus filhos em idade pré-escolar sejam demasiado novos para aprenderem acerca de programas de prevenção do abuso sexual de crianças, situação que se verificou igualmente no estudo original.

Verificou-se a existência de alguns mitos relacionados com os abusos sexuais de crianças, ainda que em algumas destas afirmações, os pais e os professores possam ter respondido na sua maioria acertadamente, o facto de ainda existirem alguns – por muito poucos que sejam – que tenham dúvidas, respondam de forma errada ou até não saibam como responder, constitui-se como uma grande fonte de preocupação, porque significa que não sabem, e não sabendo, as

peçoas que lidam directamente com as crianças, estão a aumentar a sua vulnerabilidade e a aumentar o risco de serem abusadas.

Se pensarmos e assumirmos como verdade que os abusos só acontecem em algumas famílias, que os agressores têm sempre aquele perfil, e que as crianças mentem sobre os abusos, vamos estar a colocar a criança em perigo, pois vamos estar a olhar na direcção errada, e quando menos esperarmos **o abuso acontece**.

Estas afirmações revelam, e dentro das categorias que criamos no ultimo procedimento apresentado, que os resultados da categoria “Agressores” e “Mitos”, revelam-se algo decepcionantes, deixando antever que há ainda em Portugal junto das escolas Portuguesas e dos professores e famílias Portuguesas, muitos mitos sobre o abuso sexual de crianças, mitos esses que aumentam a vulnerabilidade das crianças, e a probabilidade de estarem em risco perante situações abusivas.

Mais uma vez os resultados revelam-se em conformidade com o estudo de onde proveio este questionário: Sexual Abuse Prevention for Preschoolers: A Survey of Parents’s Behaviors, Attitudes, and Beliefs (Wuntele, Kvaternick & Franklin, 1992). De facto estes autores observaram que os pais possuem conhecimentos sobre o que se deve ensinar às crianças, mas que possuem algumas dúvidas no que se refere a algumas questões do curriculum a ser fornecido.

Do questionário dos **pais** há 5 afirmações cujas respostas – pela divergência e pelo facto de ainda não estar assente unanimemente as respostas correctas – nos preocupa:

- As crianças mentem acerca de terem sido abusadas sexualmente quando na verdade não o foram;
- As crianças devem ser ensinadas de que as únicas pessoas que abusam das crianças são estranhos;
- As crianças devem ser ensinadas de que alguém que elas amam e em quem confiam pode tentar abusar sexualmente delas, até mesmo a mãe, o pai, os tios ou mesmo um vizinho;
- As crianças devem ser ensinadas de que quando contam a um adulto que foram abusadas este poderá não acreditar nelas;

- As crianças que foram vítimas de abusos sexuais, quando crescerem, podem tornar-se elas próprias abusadoras;

O facto destas afirmações não apresentarem respostas claras e detentoras de uma certa clarividência e certeza por parte dos pais e professores, preocupa-nos, no sentido em que muitos mitos há ainda para desmontar, nomeadamente “As crianças que foram vítimas de abusos sexuais, quando crescerem, podem tornar-se elas próprias abusadoras”, tocando aqui num dos pontos mais frágeis de se ser abusado, ter que lidar com o estigma de mais tardar virem a ser abusadores.

Os autores Hall & Lloyd (1993), descrevem que os abusadores foram abusados na sua infância, ou seja, as pessoas sobreviventes de abuso, podem ser vistas como potenciais abusadores – trata-se de um mito. Este mito tende a justificar que as pessoas não podem mudar devido ao seu passado. Verifica-se que a experiência de ser-se abusado pode afectar as capacidades de se ser pai/mãe no entanto a maioria das mulheres e homens sobreviventes de abuso, não abusa as suas crianças.

Da Análise dos questionários das crianças, é importante salientar que se procedeu-se a uma análise, em separado, das duas Sub-escalas: (I) Toques Inapropriados e (A) Toques Apropriados; à semelhança do que foi feito no estudo de Tutty (1997), já que as duas Sub-escalas foram desenvolvidas por motivos distintos – a primeira para identificar melhorias e a segunda para despistar possíveis efeitos negativos. No geral, as crianças demonstraram possuir bastantes conhecimentos e competências de prevenção dos abusos, no entanto, há ainda algumas questões importantes que necessitam de ser trabalhadas com as crianças, nomeadamente, os mitos relacionados com os “estranhos”. De facto, nas questões onde este tema é abordado, as crianças revelaram possuir conhecimentos menos adequados.

O questionário utilizado neste estudo foi desenvolvido com o intuito de aferir conceitos-chave presentes em diferentes programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças. No geral, o presente estudo revelou-se em concordância com o estudo de Tutty (1997) “Child Sexual Abuse Prevention Programs: Evaluating *Who do You Tell*”, no que diz respeito à aferição dos conhecimentos e competências das crianças. Apesar de no estudo presente não ter sido utilizado

pré-teste em relação à análise dos conhecimentos e competências que as crianças possuem, os resultados foram bastante interessantes, tendo-se verificado pontuações elevadas em quase todas as questões.

Em relação aos conhecimentos e competências preventivas que as crianças possuem face aos abusos sexuais, após a participação no Programa CAP, as crianças demonstraram possuir bastantes conhecimentos no que se refere aos conceitos-chave incluídos no Programa, bem como, no que diz respeito às competências de prevenção face a uma potencial situação de abuso. A maioria das crianças, em resposta aos itens da Sub-escala (I), considera que:

- Os estranhos não são reconhecíveis pelo facto de serem maus;
- Por vezes é correcto dizer “Não” a um adulto;
- Até os abraços e cócegas, se durarem muito tempo, podem ser maus toques;
- Não deve dar o último pedaço de doce a um amigo que diz que deixa de ser amigo se não o fizer;
- Se alguém lhe tocar de uma forma incómoda, a culpa não é sua;
- Nem sempre tem que fazer o que um adulto manda;
- Alguns toques começam por saber bem, mas depois tornam-se confusos;
- Pode confiar nos seus sentimentos para saber se um toque é bom ou não;
- Face a uma “ordem” de um menino mau, o melhor não é obedecer-lhe;
- Mesmo uma pessoa de quem gosta lhe pode tocar de uma forma desconfortável;
- Não tem de deixar os adultos tocar-lhe, quer goste ou não;
- Por vezes alguém da sua família pode tocar-lhe de uma forma desconfortável;
- Os rapazes também têm que se preocupar com alguém tocar nas suas parte privadas;
- Se um amigo do pai lhe pedisse ajuda para encontrar o seu gato que fugiu não deveriam ir logo com ele ajudá-lo;
- Alguém conhecido, ou mesmo da sua família, pode querer tocá-la nas partes privadas de uma forma que a deixa confusa;
- Se a pessoa que está responsável pela criança a mandar tirar a roupa numa altura não apropriada, esta não terá de o fazer;
- Se alguém entrar enquanto está a tomar banho e isso for desconfortável, não deve ficar calada.

Contudo, no item 14 – “Os estranhos parecem-se com as outras pessoas?” – as crianças revelaram alguma fragilidade nos conhecimentos acerca do tema do “estranho”. Esta questão foi a questão da Sub-escala (I) onde houve menos sucesso, mais de metade das crianças não deu uma resposta correcta. Muitas das crianças contempladas neste estudo consideraram que os estranhos não se parecem com as outras pessoas.

Destacam-se, agora, os itens nos quais as crianças foram unânimes, ou seja, as questões nas quais todas as crianças obtiveram a pontuação máxima. Assim, todas as crianças consideraram que:

- Nem sempre têm de guardar os segredos.
- Mesmo que alguém que não conhecem diga que as conhece, esse alguém é um estranho;
- Se alguém lhes tocar de uma forma desconfortável devem dizer a alguém em quem confiem;
- Está certo dizer “Não” quando alguém lhes toca de uma forma desconfortável;
- Se alguém lhes tocar de uma forma que não gostem devem ir dizendo até que alguém acredite.

Estes resultados encontram-se em conformidade com os resultados do estudo de Wurtele e Miller (1987) – “Children’s conceptions of sexual abuse” – que teve como principal objectivo a aferição das concepções que as crianças têm acerca dos abusos. Estes autores concluíram, tal como no estudo presente, que a maior parte das crianças considera que a vítima não tem responsabilidade pelo sucedido; grande parte das crianças deu sugestões sobre como se poderia proteger do agressor como, por exemplo, dizer “não”, fugir e pedir ajuda a alguém; finalmente, a maioria das crianças mais novas considerou o abusador como um estranho. As crianças contempladas no presente estudo parecem saber identificar toque “maus” ou “confusos” (inapropriados) e saber quais são as estratégias que podem pôr em marcha face a uma potencial situação de abuso, como dizer “Não”; gritar; contar a alguém em quem confiem; entre outras.

Da mesma forma que os autores Hébert, Lavoie, Piché e Poitras (2001), no seu estudo sobre os efeitos do programa ESPACE (uma adaptação do Programa CAP) em relação aos

conhecimentos e competências preventivas das crianças, revelaram que houve uma melhoria dos mesmos nas crianças que participaram no programa de prevenção, quando comparadas com as crianças que não o fizeram. No presente estudo, embora não se possa afirmar que o programa tenha sido um factor de mudança significativo, pode dizer-se que as crianças possuem bastantes conhecimentos e competências de prevenção no que diz respeito aos abusos sexuais. Como já foi referido, os programas de prevenção permitem que as crianças aprendam os conceitos relacionados com esta temática, como: o que são os abusos sexuais, a diferença entre um “bom” e um “mau” toque; demonstram que todas as crianças têm o direito a dizer “não”; a decidir sobre quem deve tocar no seu corpo e informam sobre os sistemas de suporte disponíveis, em suma, promovem o desenvolvimento de empowerment e permitem que as crianças se sintam “seguras, fortes e livres”.

Seguidamente, analisam-se os resultados obtidos na Sub-escala (A) dos Toques Apropriados, tendo como objectivo verificar se a compreensão das crianças no que diz respeito aos toques apropriados (de familiares ou professores) não se deteriorou. Assim, a maioria das crianças, em resposta aos itens da Sub-escala (A), considera que:

- Está certo que as pessoas de quem ela gosta a abracem;
- Muitas crianças gostam de receber um beijinho dos seus pais antes de irem para a cama à noite e que este é um bom toque;
- Se magoar as partes privadas está certo o médico e a enfermeira a veja sem roupa;
- Está certo receber abraços dos adultos de quem gosta;
- Uma palmadinha nas costas de um professor de quem a criança gosta é um bom toque;
- Um abraço de um vizinho no seguimento da vitória do concurso de desenho na escola é um bom toque;
- Está certo pedir ajuda a uma vendedora ou a um segurança, mesmo que sejam estranhos, caso se perca dos seus pais no centro comercial.

Assim, aparentemente, a capacidade das crianças compreenderem o que são toques apropriados não se deteriorou. Através da análise das respostas das crianças aos itens da Sub-escala (A) pode dizer-se que apenas nas questões que envolviam o tema “estranho” houve menos sucesso nas respostas. De facto, esta situação verificou-se nos itens:

- 26. “Se fores a passear na rua com a tua mãe ou o teu pai e ela ou ele começarem a falar com um vizinho que ainda não conheces, é certo falares com ele também?” – Aqui, muitas crianças consideraram que não é certo falar com um vizinho que não conhecem mesmo que os pais comecem a falar com ele. Poderá estar inerente a esta resposta o mito do “stranger-danger”, ou seja, que os estranhos são “maus”.

- 29. “A maioria das pessoas são estranhos e muitos dos estranhos são bons?” – Aqui as crianças consideraram esta questão falsa, considerando falsa a ideia de que a maioria das pessoas são estranhos e muitos dos estranhos são bons. Aparentemente surge, mais uma vez, a questão do mito do “estranho é perigoso”.

O facto de muitas crianças revelarem alguma “confusão” no que toca às questões do “estranho” (as três questões em que houve menos sucesso relacionam-se com este tema) pode estar associado a factores culturais, nomeadamente no que se refere a uma “cultura do medo” direccionada para o estranho e não para o conhecido. Ou seja, a ideia de que as pessoas que a criança não conhece são mais facilmente potenciais abusadores do que as pessoas que a criança conhece. Ideia que se relaciona com um dos mitos inerentes aos abusos sexuais, referidos anteriormente, de que os abusadores são pessoas estranhas à criança. Na realidade sabe-se que a maioria dos casos de abusos sexuais são perpetrados por pessoas conhecidas das crianças (ver Tabela 1 – Mitos, p. 27).

No que toca ao género, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas duas Sub-escalas. Estes resultados encontram-se em conformidade com os resultados do estudo de Tutty (1997), no qual se concluiu que o género não constituía um factor significativo. No presente estudo, as respostas das raparigas e dos rapazes revelaram-se bastante uniformes, o que mostra que ambos possuem conhecimentos e competências de prevenção. De facto, os resultados revelam que a grande maioria das crianças considera que os rapazes também poderão ser potenciais vítimas de abusos, o que vem reforçar a ideia de que, actualmente, começa-se a aceitar o facto de que tanto as raparigas como os rapazes devem aprender sobre prevenção dos abusos sexuais.

Como foi referido anteriormente, o workshop destinado às crianças tem várias fases. Começa por possibilitar uma discussão sobre os direitos das crianças, nomeadamente, os direitos

a estarem Seguras, a serem Fortes e a serem Livres, explicitando às crianças que quando alguém as magoa ou assusta lhes tira estes três direitos fundamentais, sendo este o ponto de partida para dar início aos role-plays. Assim, temos, primeiramente, os role-plays do “Bullying”, seguidamente os role-plays do “Estranho”, depois os role-plays do “Adulto Conhecido” e, por fim, os role-plays do “Adulto de Confiança” (Professora). Analisar-se-ão, agora, as respostas das crianças no que diz respeito aos conhecimentos e competências abordados nas questões da Sub-escala (I), consoante as várias fases do workshop do programa CAP que os promovem.

Relativamente aos conhecimentos e competências de prevenção promovidos na situação do “Bullying”, em resposta às questões dos itens 11 e 19 (ver questionário - Anexo C, p.96) a maior parte das crianças considera que: não deve dar o último pedaço de doce a um amigo que diz que deixa de ser seu amigo se não o fizer; nem deve obedecer a uma “ordem” de um menino “mau”. Aqui, aparentemente as crianças sabem que podem dizer “Não” para se protegerem de uma outra criança que tente intimidá-las, o que significa que elas são conhecedoras desta estratégia de prevenção. Na situação do “Estranho”, como já foi referido, são salientados os conceitos relacionados com a abordagem da criança por parte de um estranho e os truques que este pode utilizar para persuadi-la a acompanhá-lo. Os resultados revelaram que as crianças ainda estão “confusas” no que toca a esta questão. Contudo, dos três itens da Sub-escala I, referentes a este conceito (3, 7 e 14), as crianças responderam adequadamente a dois, ou seja, no item 3 e 7 respectivamente, as crianças consideraram que: os estranhos não são reconhecíveis pelo facto de serem maus e mesmo que alguém que não conhecem diga que as conhece, esse alguém é um estranho. O que mostra que embora ainda exista alguma “confusão” em relação ao conceito do “estranho” (detectada no item 14 e noutros itens da Sub-escala (A)), as crianças parecem possuir alguns conhecimentos que contrariam o estereótipo do “estranho” associado ao “perigo”.

A situação do “Adulto Conhecido” relaciona-se directamente com os abusos sexuais de crianças e explora a questão dos segredos, explicitando a diferença entre os segredos “bons” e os “maus”; o conceito de “body ownership” que consiste na ideia de que a criança é dona do seu corpo e que ninguém tem o direito de lhe tocar sem a sua permissão; a ideia de que a criança nunca é responsável pelo abuso; e as estratégias de prevenção mais eficazes nesta situação – dizer “Não” e afastar-se do agressor, contar a alguém de confiança e ir contando até que alguém acredite. As crianças revelaram possuir bastantes conhecimentos em relação aos conceitos de

prevenção. A grande maioria pensa que: não tem que guardar todos os segredos; não tem responsabilidade se alguém lhe tocar de uma forma desconfortável; pode confiar nos seus sentimentos para saber se um toque é bom, mau ou confuso; mesmo uma pessoa de quem ela goste ou da sua família pode tocar-lhe de uma forma desconfortável; e não tem que deixar os adultos tocarem-lhe quer goste ou não. As crianças mostraram possuir igualmente competências de prevenção, nomeadamente: dizer “Não” se alguém lhes tocar de uma forma desconfortável e ir contando o sucedido até que alguém acredite. A situação do “Adulto de Confiança”, neste caso, a professora, incorpora uma das estratégias de prevenção essenciais que as crianças podem utilizar face a uma situação abusiva: contar a alguém de confiança. Neste role-play as crianças têm a possibilidade de visualizar o que poderia acontecer se contassem a uma pessoa de confiança um problema.

Em suma, os pais e professores revelaram, na sua maioria, possuir uma consciencialização sobre as temáticas a transmitir nos programas de prevenção do abuso sexual de crianças, e apesar de se ter verificado em algumas questões alguma ambiguidade, divergências de respostas entre pais e mães e sentimento de desconhecimento em relação ao que deve ser ensinado às crianças no âmbito dos programas de prevenção, pensamos que este facto se relacione com o factor: inexistência de programas de prevenção do abuso sexual de crianças em Portugal. Revelando desta forma e uma vez mais a importância da implementação destes programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças em Portugal.

Em relação ao Grupo das crianças, estas revelaram, na sua grande maioria, possuir conhecimentos e competências de prevenção adequados após a participação no Programa CAP. Apesar de existirem desajustamentos nalguns conhecimentos, no geral, as crianças são conhecedoras dos conceitos de prevenção essenciais e mostraram conhecer inúmeras estratégias de prevenção dos abusos sexuais. A fragilidade associada ao conceito do “estranho” poderá dever-se ao facto de, até aqui, estar largamente disseminada a educação para o perigo direccionado para o estranho e não para o conhecido. Esta situação poderá ser facilmente colmatada com a proliferação dos programas de prevenção destinados a crianças, pais e professores que possibilitam, por um lado, a desmistificação de certas crenças e ideias erróneas e, por outro, a facilitação da comunicação sobre o tema entre adultos e crianças.

Perante todos estes factores é imperativo que as crianças participem em Programas de Prevenção dos Abusos Sexuais, e aprendam sobre os abusos sexuais de crianças. Estes programas fornecem às crianças vocabulário e competências para identificar, resistir e denunciar o Abuso Sexual. Face aos elevados índices de abusos sexuais de crianças um pouco por todo o mundo, a **prevenção primária** constitui-se como uma parte necessária e indispensável da educação das crianças.

7. CONCLUSÕES

“Dear Dad,

*You’re not really “dear” and you only got to be
my dad because you shot your sperm into Mom one night.
I hate you and I pity you. How dare you violate your own little girl?
Where’s my apology, Dad?
Where’s my virginity?
Where’s my self-respect?*

*I didn’t do anything to make you hate me. I didn’t try to turn you on.
Are little girls tighter, is that it? Do small breasts make you hard, you bastard? I should
have pit on you. I hate myself for not having the courage to fight you. How dare you use your
power as my daddy to rape me? How dare you make me hurt?
How dare you not talk to me?*

*When I was really little you’d take me in the ocean and hold my hand and we would go
through the waves, remember? I had your blue eyes, I trusted you. I wanted you to respect me
so bad. I wanted you to be proud of me. You were more to me than just a child molester, but
you didn’t care, did you?
I won’t stand pretending it didn’t happen any more.
It did happen, Dad, and it’s still alive in me.”*

Janine

(Forward, & Buck, 1989)

Esta carta foi escrita por uma sobrevivente de abuso sexual. Esta foi abusada pelo pai entre os 7 e aos 11 anos de idade, e esta foi uma das primeiras formas que encontrou para expressar e partilhar a experiência pela qual passou.

A razão pela qual escolhemos terminar o presente trabalho desta forma deveu-se ao facto de termos compreendido através desta carta o verdadeiro significado do que é o Abuso Sexual de Crianças.

Nela vimos transparecer, num momento, em todas as palavras a mágoa, a desolação e o desespero do que é ser-se vítima, e no momento a seguir toda a sobriedade do que é tornar-se sobrevivente.

Consideramos esta carta um símbolo de clareza do que é, e do que significa o Abuso Sexual de Crianças, o símbolo de que se trata de algo muito superior a dor física, trata-se de poder e dor interior, de uma confiança traída e de uma vida despedaçada pela desordem. Pois é essa a essência do Abuso Sexual na sua maioria: não uma violação brusca e rápida de que se possa sair com raiva e ódio, mas sim uma sedução que se vai perpetuando infinitamente ao longo do tempo através da ameaça e coerção.

Tal como referem Bagley e King (1990) as crianças vítimas de abuso sexual são facilmente levadas a um estado de silêncio, através de uma combinação de culpa, vergonha, e ameaças a vários níveis. O abuso sexual de crianças destrói a espontaneidade e liberdade da infância e impõe sobre a vítima um estado de solidão e terror.

Da mesma forma que há 40 anos se começou a falar dos abusos sexuais de crianças nos Estados Unidos da América, hoje essa realidade começa a ser tornada consciente em Portugal. Desta forma com a sua flagrante existência um pouco por todo o lado, parece ter chegado o tempo de se afirmar o papel da Psicologia na área de estudo sobre o Abuso Sexual de Crianças. E é precisamente neste ponto que se encontra o contributo deste estudo para a Psicologia.

Durante a execução do presente trabalho tivemos como objectivo criar uma verdadeira **PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS EM PORTUGAL!** Prevenção essa levada a cabo através da implementação de uma reflexão e discussão social sobre o abuso sexual de crianças, e da melhor forma de o prevenir. Durante alguns meses e talvez intemporalmente permitimos que pais e mães Portugueses pudessem reflectir, em alguns casos talvez pela primeira vez, sobre a temática dos abusos e sobre o que gostariam de ver alterado no panorama português. Questões como a credibilidade do testemunho das crianças, o seu direito a sentirem-se seguras, fortes e livres, e a deterem total poder sobre o seu próprio corpo, foram

algumas das questões levantadas neste trabalho e que permitiu aos pais uma maior reflexão sobre a problemática.

Neste sentido consideramos que este trabalho de investigação contribuiu em grande medida para o levantamento de informações sobre os conhecimentos que os pais possuem face aos programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças. Esta temática não só é inovadora como permite a própria construção de programas de prevenção do abuso sexual de crianças em Portugal.

Desta reflexão acreditamos que advirá uma verdadeira discussão pública sobre o tema, que conseqüentemente levará a uma maior compreensão do abuso sexual e a um aumento de competências que permitirá que sejamos todos, enquanto cidadãos, muito mais competentes e conscientes no que se refere a esta realidade.

Este estudo permitiu-nos concluir que foi importantíssimo dotarmos os pais, professores e crianças sobre os temas cruciais da forma mais eficaz de se prevenir os abusos sexuais de crianças, sendo que demonstraram possuir bastantes conhecimentos relativamente aos conteúdos programáticos no que se refere ao que se deve ensinar às crianças no âmbito dos programas de prevenção do abuso sexual, tendo ido inclusivamente ao encontro do estudo de onde se baseou o questionário do nosso trabalho (“Sexual abuse prevention for preschoolers: A survey of parents’ behaviours, attitudes, and beliefs” Wuntele, Kvaternick e Franklin, 1992), e paralelamente serviu-nos para concluir que há mitos muito difíceis de serem destronados, e que ainda que num espaço em que foram contestados e eliminados, a dúvida da sua veracidade ainda permaneceu.

Estas respostas revelaram que estamos num ponto de viragem no que se refere ao conhecimento sobre os abusos sexuais de crianças em Portugal.

Algumas das competências que os pais consideraram importantes serem ensinadas às crianças são: De que se alguém tentar abusar sexualmente delas, estas podem dizer “não”, de que têm o direito de dizer “não” a um adulto, de como denunciar se forem abusadas sexualmente, entre outras.

No entanto há ainda questões importantes a serem trabalhadas e nas quais os pais demonstraram alguma diversidade ao nível das respostas dadas, e inclusive, um desconhecimento sobre as mesmas. Foi o caso por exemplo de se dever ensinar às crianças de que as únicas pessoas que abusam das crianças são estranhos, e de que por vezes alguém que as crianças amam e em quem confiam pode tentar abusar sexualmente dela.

Assim os pais e professores demonstraram possuir conhecimentos sobre as estratégias a ser usadas nos programas de prevenção, no entanto atribuímos uma explicação para o facto de estes terem demonstrado algumas dúvidas em relação a certas competências a serem ensinadas às crianças. Esta explicação relaciona-se com o facto de os pais não estarem familiarizados com os programas de prevenção do abuso sexual de crianças em Portugal, este é no entanto, um panorama que esperamos ver alterado num futuro breve.

Acreditamos que só na prática e quando esses programas existirem de facto em Portugal com mais frequência é que os pais poderão tomar contacto com o seu funcionamento, compreender os conteúdos teóricos que os constituem e perceber a razão de estes serem tão importantes.

Os resultados deste trabalho conduzem assim à ideia de que se pode e deve intervir a este nível em Portugal. Sob esta ideia está um dos contributos do nosso estudo para a Psicologia e sociedade em geral: a criação de Programas de Prevenção em Portugal que sejam direccionados especificamente para as escolas, pais e comunidade.

Consideramos que este estudo é de elevada importância para o início de uma verdadeira tentativa de Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças pois revela a predisposição em que todos nos encontramos para se abordar este assunto, desde o pré-teste à análise dos resultados, fomos-nos deparando com um elevado interesse pelo tema, as respostas que os pais deram conduzem-nos ao caminho certo, pois por um lado revelam-nos uma expectativa já existente daquilo que gostariam de ver ensinados aos seus filhos, e por outro lado, uma dúvida constante no que se refere a outras competências que não estão certos sobre se são adequadas ou não. E o que acontece é que essas competências sobre as quais recaem essas dúvidas são imprescindíveis

para um total conhecimento do abuso sexual por parte das crianças, pais e professores, e sem as quais se pode dar uma “grotesca” diferença entre o acontecer e não acontecer um abuso sexual.

Estamos a entrar num momento em Portugal em que todos parecem estar à procura de uma solução para reduzir os casos de abuso sexual e de denúncias que se sabe ficam por fazer, urge o tempo e estamos no ponto certo de darmos início à Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças em Portugal. Como?

Através dos Programas de Prevenção do Abuso Sexual nas escolas espalhadas por todo o país. Através da partilha de conhecimento e da implementação de debates nas escolas e nas casas de cada um. Debates sobre o Abuso Sexual entre pais e filhos, professores e pais, e professores e crianças. É nesse sentido que estes Programas são tão importantes.

Essa importância é confirmada por vários estudos realizados, que confirmam o sucesso dos programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças. Gibson, L., & Leitenberg, H. (2000) são alguns dos autores que demonstraram que as crianças que participam num programa de prevenção do abuso sexual nas escolas são menos susceptíveis de serem abusadas sexualmente do que as que não participaram. Os programas de prevenção do abuso sexual de crianças implementados nas escolas contribuem para a redução do abuso sexual de crianças. Estes têm como objectivos: transmitir às crianças, pais e educadores conhecimentos sobre o abuso sexual numa perspectiva de reforço positivo das suas competências e *empowerment*, desta forma ao permitir que as crianças conheçam a realidade do abuso estão a fornecer-lhes estratégias de forma a que estas possam evitar situações de potencial abuso e a protegerem-se através de inúmeras estratégias de defesa pessoal como gritar, dizer “não”, e resistir lutando contra o agressor. Estes programas consciencializam e alertam também os pais, professores, crianças e comunidade em geral para a problemática do abuso. Permitem uma abordagem em relação aos abusos sexuais servindo para desmistificar falsos mitos.

É indispensável a criação de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças em Portugal. Nascerá desta forma um espaço onde será possível pensar, falar, desmistificar o conceito do abuso sexual de crianças. É urgente fornecer informação de modo a que possam mais facilmente identificar situações possivelmente perigosas; ensinar estratégias à criança de

como dizer “NÃO” ou gritar, encorajar a revelarem o abuso a um adulto de confiança, de que ninguém tem o direito de tocar o corpo das crianças de forma que as façam sentir desconfortáveis, reduzir a culpabilidade, alertá-la para o facto do abuso poder ser perpetrado por membros da família ou pessoas de quem as crianças gostam e em quem confiam, faze-la distinguir entre um “bom” e “mau” toque.

No que se refere especificamente às crianças em idade escolar revelaram possuir conhecimentos e competências preventivas adequadas após a participação no programa CAP. Concluiu-se, igualmente, que não existiram diferenças significativas relativamente ao género das crianças. Ou seja, tanto os rapazes, como as raparigas revelaram possuir conhecimentos e competências de prevenção, o que vem reforçar a ideia de que, actualmente, tanto as raparigas, como os rapazes, devem aprender sobre prevenção dos abusos sexuais. Estes resultados encontram-se em conformidade com o estudo de Tutty (1997), autora que construiu o instrumento utilizado neste trabalho (“Children’s Knowledge of Abuse Questionnaire Revised – III”, Tutty, 1996). Contudo, existem ainda algumas questões que precisam de ser trabalhadas com as crianças, nomeadamente, a questão do “estranho”. De facto, este tema é ainda confuso para as crianças, pois a associação “stranger-danger” está muito presente, existem ainda resquícios de uma cultura do medo direccionada para o desconhecido e não para o que é conhecido, como se pode verificar igualmente no estudo de Wurtele e Miller (1987) onde se concluiu que a maioria das crianças, em particular as mais novas, consideraram o abusador como um estranho. Contudo, apesar desta ideia estar muito presente, a maioria das crianças considera que os estranhos não são reconhecíveis pelo facto de serem “maus”, o que pode revelar que o estereótipo acima explicitado tem, actualmente, uma menor expressão.

No presente estudo, as crianças revelaram uma forte unanimidade nas seguintes questões:

- Nem sempre têm de guardar os segredos;
- Mesmo alguém que não conhecem diga que as conhece, esse alguém é um estranho;
- Se alguém lhes tocar de uma forma desconfortável devem dizer a alguém em quem confiam;
- Está certo dizer “Não” quando alguém lhes toca de uma forma desconfortável;

- Se alguém lhes tocar de uma forma que não gostem devem ir dizendo até que alguém acredite.

O que, mais uma vez, vai ao encontro dos resultados do estudo de Wurtele e Miller (1987) – “Children’s conceptions of sexual abuse” – onde se aferiram as concepções que as crianças possuíam acerca dos abusos sexuais. Estes autores concluíram que a maior parte das crianças possui conhecimentos e competências preventivas como dizer “Não”, fugir e pedir ajuda a alguém. No presente trabalho, as crianças, na sua grande maioria, revelaram saber que não têm responsabilidade se alguém lhes tocar de uma forma desconfortável; mesmo uma pessoa de quem gostem ou da família pode tocar-lhes de uma forma desconfortável; não têm que deixar um adulto tocar-lhes se não quiserem; devem contar a alguém e ir contando até que acreditem se alguém lhes tocar de uma forma que não gostem. Conclui-se, no presente trabalho, que em relação aos toques inapropriados, as crianças sabem reconhecê-los, considerando que podem confiar nos seus sentimentos para distinguir os toques apropriados dos inapropriados. Relativamente à compreensão que as crianças têm acerca dos toques apropriados (de familiares ou professores), os resultados do presente estudo revelaram que não houve qualquer alteração após a participação no Programa CAP, o que reforça a ideia de que as crianças sabem distinguir entre os toques apropriados (“bons”) e os toques inapropriados (“maus” ou “confusos”) e que estão aptas para aprender os conceitos e competências de prevenção dos abusos.

Com este estudo de investigação pretendeu-se quebrar o silêncio associado aos abusos sexuais de crianças, procurou-se criar uma verdadeira prevenção dos abusos envolvendo crianças, pais e professores. Acredita-se que, com este trabalho, se tenha reforçado a importância do debate acerca dos abusos sexuais de crianças; espera-se que, através do Programa CAP, as crianças tenham ficado mais conhecedoras dos conceitos e estratégias de prevenção, assim como os pais e os professores. Segundo alguns autores (Chasan-Taber & Tabachnick, 1999), os programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças baseados em campanhas de saúde pública, tendo como principal alvo os adultos, podem ser significativamente eficazes. Pelo que se pretende fomentar, através dos programas de prevenção dos abusos, uma verdadeira consciencialização pública, no sentido de dotar a população em geral de conhecimentos e estratégias de prevenção, para que todos possamos contribuir para a protecção das crianças. Se as comunidades estiverem mais alerta, estão também menos vulneráveis e conseqüentemente os abusos irão diminuir.

Encontramo-nos num ponto de viragem para uma total modificação nas mentalidades e aquisição de novas aprendizagens. É assim que Portugal se encontra neste momento: ideal para fazer nascer e crescer algo excepcional como a Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças. Neste sentido deixamos algumas sugestões de Projectos de Investigação que nos parecem ser de extrema importância para desenvolver em Portugal e que pelo seu âmbito prático de intervenção, contribuirão também para a Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças:

- Aferir a nível nacional a Prevalência dos Abusos Sexuais de Crianças, perceber qual a prevalência estatística nacional de situações de abuso sexual de crianças;

- Aferir os conhecimentos, crenças e atitudes que os pais, professores, crianças e comunidade detêm sobre os Abusos Sexuais de Crianças, antes e após o seu envolvimento num Programa de Prevenção, percebendo, desta forma, se o Programa de Prevenção contribuiu para um aumento de conhecimentos, crenças e atitudes sobre a temática.

Indo ao encontro do que menciona Fluke, J. (2008), temos a convicção de que o envolvimento das crianças e das famílias em programas de prevenção, reduz eficazmente a ocorrência de abusos. É com base nesta ideia que incidem as linhas orientadoras que deixamos para o presente e futuro da PREVENÇÃO em Portugal: Envolver as crianças em programas de prevenção, fornecer-lhes informação sobre os abusos sexuais de crianças de forma a torna-las menos vulneráveis para lidar com situações de abuso, e envolver igualmente todas as pessoas que lidam directamente com as crianças: pais, professores, educadores, familiares, grupos de escuteiros, catequistas, responsáveis e colaboradores em associações recreativas e todas as pessoas e/ou grupos que lidam com as crianças – fornecendo-lhes informação e tornando a comunidade mais alerta para os abusos sexuais de crianças, e conseqüentemente menos vulnerável. Estando todos mais alertas sobre o que é o abuso sexual de crianças, os seus efeitos, as percentagens de ocorrência, os serviços de apoio e a forma como as crianças se podem proteger, estamos todos a reduzir a ocorrência dos abusos sexuais de crianças.

Apraz-nos ainda referir e ainda no âmbito das linhas orientadoras para a Prevenção em Portugal, que seria importante num futuro próximo “mapear” todos os serviços e recursos existentes na comunidade em cada localidade, para que as instituições existentes a trabalhar no

âmbito da prevenção, possam articular saberes entre instituições e desenvolver parcerias de colaboração, tornando mais eficaz e célere o trabalho de Prevenção.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alan, H (1997). Child Abuse Abuse Prevention Package, 48.
- Allen, C.V. (1980). Daddys's girl: a very personal memoir. In C. Bagley & K. King (Eds.), *Child Sexual Abuse - The Search for Healing*. New York, NY: Tavistock / Routeledge.
- Amado, A. (2008). VII Seminário – Estado, C.P.C.J.'S, Comunidade e Direitos da Criança: *O Papel do Estado, Enquadramento Legal*". Barreiro: Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco do Barreiro.
- Anderson, J. F., Mangels, N. J., & Langsam, A. (2004). Child sexual abuse: A public health issue. *Criminal Justice Studies*, 17, 107-126. Wurtele, S. & Kenny, M. (In Press). Primary Prevention of Child Sexual Abuse: Child- and Parent-Focused Approaches.
- Andresen, S. M. (2003). *No tempo dividido*. Lisboa: Caminho.
- Armstrong, L. (1978). Kiss daddy goodnight: a speak-out on incest. In C. Bagley, & K. King (Eds.), *Child Sexual Abuse - The Search for Healing*. New York, NY: Tavistock / Routeledge.
- Bagley, C., & King, K. (1990) *Child Sexual Abuse - The Search for Healing*. New York, NY: Tavistock / Routeledge.
- Bahney, A. (2006). Don't Talk with Invisible Strangers. *The New York Times*. New York: LexisNexis database.
- Baker, A. W. & Duncan, S. P. (1985). Child sexual abuse: a study of prevalence in Great Britain. In C. Bagley & K. King (Eds.), *Child sexual abuse – The search for healing*. New York, NY: Tavistock / Routeledge.

Barnett, D. (s.d). *The Effects of Early Intervention On Maltreating Parents and Their Children*. Seattle: Michael J. GuralNick, Ph.D.

Bass, E., & Thornton, R. (1983). I never told anyone: writings by women survivors of child sexual abuse. In Bagley, C., & King, K. (1990) *Child Sexual Abuse - The Search for Healing*. New York: Harper & Row.

Belli, R. F. & Loftus, E. F. recovered memories of childhood abuse: A source monitoring perspective, in press. In L. M. Williams (Ed.), Recall of childhood trauma: A perspective study of women's memories of child sexual abuse. *Journal of Consulting And Clinical Psychology* 62, 1167-1176.

Bentovim A. & Boston P. (1988). Sexual abuse – basic issues – characteristics of children and families. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Bloom, R. (1992). When Staff Members Sexually Abuse Children in Residential Care. *Child Welfare League of American, LXXXI, 2*.

Bloom, R. (2002). Institutional Child Sexual Abuse Prevention and Risk Management. *The Official Journal of The American Association of Children's Residential Centers, 12, 2*.

Bolen, R. (2003). Child sexual abuse: prevention or promotion. *Social Work, 48(2)*, 174-185.

Boney- McCoy, S., & Finkelhor, D. (1995). Prior victimization: A risk factor for child sexual abuse and for PTSD-related symptomatology among sexually abused youth. In L. S. Doll, L. J. Koenig, & D. W. Purcell, (Eds). *From child sexual abuse to adult sexual risk*. Washington, DC: American Psychological Association.

Briere, J. & Conte, J. (1993). Self reported amnesia for abuse in adults molested as children. In L. M. Williams (Ed.), *Recall of childhood trauma: A perspective study of women's memories of child sexual abuse*. *Journal of Consulting And Clinical Psychology* 62, 1167-1176.

Brisset, C. (2007). *The Convencional on The Rights of The Child: From a Document to na Instrument*. Lisbon: Ispan – acrescetar nome do congresso.

Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. In K. Renk (Eds), *Prevention of Child Sexual Abuse: Are We Doing Enough*. *Trauma, Violence & Abuse*, 3(1), 68-84.

Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology og the family as a context for human development. In J. Macleod, & G. Nelson (Eds.), *Programs for the promotion of family wellness and the prevention of child maltreatment: A meta-analytic review*. *Child Abuse & Neglect*, 24, 1127-1149.

Browne, A. (1986). Impact of Child Sexual Abuse: A review of the research. *Psychological Bulletin*, 99(1), 66-77.

Browne, A. & Finkelhor, D. (1986). Impact of Child Sexual Abuse: A Review of The Research. *Psychological Bulletin*, 99, 1, 66-77.

Burgessa, E., & Wurtele, S. (1998). Enhancing parent-child communication about sexual abuse: a pilot study. *Child Abuse & Neglect*, 22, 1167-1175.

Bunting, L. (2007). Dealing with a Problem That Doesn't Exist? Professional Responses to Female Perpetrated Child Sexual Abuse. *Child Abuse Review*, 16, 252-267.

Butler, S. (1985). *Conspiracy of silence: The trauma of incest*, (2nd ed.). In C. Bagley, & K. King (Eds.), *Child Sexual Abuse - The Search for Healing*. New York, NY: Tavistock / Routedledge.

Carroll, L. A. (1992). A Review and Critique of Research Evaluating Child Sexual Abuse Prevention Programs. *Education & Treatment of Children*, 15,4, 335-354.

Ceci, S. J., Loftus, E. F., Leichtman, M. D., & Bruck, M. (1994). The possible role of source misattributions in the creation of false beliefs among preschoolers. In I. Hershkowitz (Ed), A case study of child sexual false allegation. *Child Abuse & Neglect* (25, 1396-1411).

Chen, J., Dunne, M. & Han, P. (2007). Prevention of Child Abuse in China: Knowledge, attitudes, and communication practices of parents of elementary school children. *Institute of Child and Adolescent Health*.

Chop, S. M. (2003). Relationship Therapy with Child Victims of Sexual Abuse Placed in Residential Care. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 20, 4.

Cohen, A. J. (2000). Child sexual abuse. In G. Fink (Ed), *Encyclopedia of Stress*, 1, (450-453). California: Academic Press.

Collins, M. E. (1996). Parent's perceptions of the risk of CSA and their protective behaviour: Findings from qualitative study. In E. Burgessa, & S. Wurtele (Eds.), Enhancing parent-child communication about sexual abuse: a pilot study. *Child Abuse & Neglect*, 22, 1167-1175.

Collings, Steven, J. (1997). *Child Abuse Myth Scale*.

Colton, M., Vanstone, M. & Christine W. (2002). Victimization, Care and Justice: Reflections on the Experiences of Victims/Survivors Involved in Large-Scale Historical Investigations of Child Sexual Abuse in Residential Institutions. *British Journal of Social Work*, 32, 5, 541-551.

Conte, J. R. & Fogarty, L. A (1989). Attitudes on sexual abuse prevention programs : A national survey of parents. In E. Burgessa, & S. Wurtele, (Eds.), Enhancing parent-child communication about sexual abuse: a pilot study. *Child Abuse & Neglect*, 22, 1167-1175.

Conte, J. R., Rosen, C., Saperstein, L., & Shermack, R. (1985). An evaluation of a program to prevent the sexual victimization of young children. In K. Renk, L. Liljesquist, A. Steinberg, G. Bosco, & V. Phares (Eds.), *Prevention of Child Sexual Abuse: Are We Doing Enough*. In Kelly & Radford (Eds.), *Rethinking violence against women*. California: Sage Publications.

Cooper, S. J. (1991) New strategies for free children : Child abuse prevention for elementary school children. In M. Hébert, C. Piché, M-F. Fecteau, & M. Poitras (Eds.), *Parent's in a Child Sexual Abuse Prevention Program*. *Journal of Child Centred Practice*.

Cox, A. (1997). Preventing child abuse; A review of community-based projects I: Intervening on Processes and Outcome of Reviews. *Child Abuse Review*, 6, 243-256.

Cox, A. (1998). Preventing child abuse; A review of community-based projects II: Issues arising from reviews and future directions. *Child Abuse Review*, 7, 30-43.

Curran, D. (2003). How To Protect our Children from Sexual Abuse. *U.S Catholic*.

Dallam, S. J. (2001). The effects of child sexual abuse: Comment on Rind, Tromovitch, and Bauserman. *Psychological Bulletin* , 127, 715-733.

Daro, D. (1994). Prevention of child sexual abuse. In K. Renk (Eds), *Prevention of Child Sexual Abuse: Are We Doing Enough*. *Trauma, Violence & Abuse*, 3(1), 68-84.

Davis, T. B. (2005). Coping Strategies of African American Adult Survivors of Childhood Violence Professional Psychology: Research and Practice, *American Psychological Association*, 36, 4, 409-414.

De Young M. (1984). Sexual victimization of children. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Doll, L. S., Koenig, L. J., & Purcell, D. W. (2004). *From child sexual abuse to adult sexual risk*. Washington, DC: American Psychological Association.

Dorothy, S. (1994). Just Say No May not Be Enough to Prevent Child Sexual Abuse. *Psychology and Behavioral Collection*, 39, 5.

Faller, K. C. (1990). Understanding child sexual maltreatment. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Fergusson, D. M., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2008). Exposure to childhood sexual and physical abuse and adjustment in early adulthood. *Child Abuse & Neglect*, 32, 607–619.

Filosa, G. (2007). Online Profiles Attracting Sexual Predators, feds Warn – Teen Sites being Used as Victim Directories. *The Times-Picayune*. New York: LexisNexis database.

Finkelhor, D. (1984). Child sexual abuse: New theory and research. In K. Renk (Eds), *Prevention of Child Sexual Abuse: Are We Doing Enough. Trauma, Violence & Abuse*, 3(1), 68-84.

Finkelhor, D. (1986). *Prevention: A Review Of Programs and Research. A SourceBook of Child Sexual Abuse*. Beverly Hills: CA, Sage.

Finkelhor, D. (1990). Early and Long-Term effects of child sexual abuse: An update, *Professional Psychology: Research and practice*. 21(5), 3325-330.

Finkelhor, D. (1990). The ideas for sexual abuse prevention. In R. Bolen (Ed.), *Child sexual abuse: prevention or promotion. Social Work*, 48(2), 174-185.

Finkelhor, D., Ormrod, R. K., & Turner, H. A. (2007). Poly-victimization: A neglected component in child victimization. *Child Abuse & Neglect*, 31, 7–26.

Finkelhor, D. & Strapko, N. (In Press). Sexual Abuse Prevention Education: A Review of Evaluation Studies. *Child Abuse Prevention*. New York: Wiley.

Finkelhor, D. & Dziuba-Leatherman, J. (1995). Victimization prevention programmes: A national survey of children's exposure and reactions. In M., Hébert, F., Lavoie, C., Piche & M., Poitras (Eds.), Proximate effects of a child sexual abuse prevention program in elementary school children. *Child Abuse & Neglect*, 25, 505-522.

Finkelhor, D. & Hotaling, G. T. (1984). Sexual abuse in the national incidence study of child sexual abuse. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), Child Abuse. *Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Finkelhor, D., Hotaling, G., Lewis, I., & Smith, C. (1990). Sexual abuse in a national survey of adult men and women: Prevalence, characteristics, and risk factors. In L. S. Doll, L. J. Koenig, & D. W. Purcell, (Eds). *From child sexual abuse to adult sexual risk*. Washington, DC: American Psychological Association.

Finkelhor, D. & Korbin, (1988). In M., Smith, & A., Bentovim, (1994). Child Abuse. *Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Finkelhor, D. & Russell, D. (1984). Women as perpetrators. In M., Smith, & A., Bentovim, (1994). Child Abuse. *Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Finkelhor, D. & Strapko, N. (1992). Sexual abuse prevention education: A review of evaluation studies. In R. Bolen (Ed.), *Child sexual abuse: prevention or promotion. Social Work*, 48(2), 174-185.

Fluke, J. (2008). Child protective services rereporting and recurrence—Context and considerations regarding research. *Child Abuse & Neglect*, 32, 749-751.

Forward, S. & Buck, (1989). *Toxic Parents overcoming their hurtful legacy and reclaiming your life*. USA: Bantam Books.

Gallagher, B. (2001). Understanding child sexual abuse. *Child Abuse Review*, 10, 75-80.

Gibson, L., & Leitenberg, H. (2000). Child sexual abuse prevention programs: do they decrease the occurrence of child sexual abuse? *Child Abuse & Neglect*, 9, 1115-1125.

Glaser, D. (2007). The Effects of Maltreatment on The Developing Brain. *The Official Newsletter of The International Society for Prevention of Child Sexual Abuse and Neglect (ISPCAN)*, 16, 1-4.

Graven, S., Brown, S. & Gilchrist, E. (2007). Current Responses to Sexual Grooming: Implications for Prevention. *The Howard Journal*, 46, 1, 60-71.

Haugard, J. (2000). The challenge of defining child sexual abuse. *American Psychologist*, 55(9), 1036-1039.

Hall, L. & Lloyd, S. (1993). *Surviving Child Sexual Abuse: A Handbook for Helping Women Challenge Their Past*. (pp. 5-389). Published Routledge.

Halligan, S., Michael, T., Clark, D. & Ehlers, A. (2003). Posttraumatic Stress Disorder Following Assault: The Role of Cognitive Processing, Trauma Memory, and Appraisals. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 3, 419-431.

Hans, J., Marion, R., Cees, H., Willenswaard, V. & Elsa M. (2008). The Dutch Way to Prevention. *Primary Prevention of Psychopathology*, 14, 177-190.

Hébert, M., Lavoie, F., Piche C., & Poitras M. (2001). Proximate effects of a child sexual abuse prevention program in elementary school children. *Child Abuse & Neglect*, 25, 505-522.

Hébert, M.; Piché, C.; Fecteau, M-F. & Poitras M. (1996). Parent's in a Child Sexual Abuse Prevention Program. *Journal of Child Centred Practice*.

Helfen, R. & Kempe, R. (1987). *The Battered Child*, (286-300). Chicago: The University of Chicago Press.

Herman, J. L. & Schatzow, E. (1987). Recovery and verification of memories of childhood sexual trauma. In L. M. Williams (Ed.), *Recall of childhood trauma: A perspective study of women's memories of child sexual abuse*. *Journal of Consulting And Clinical Psychology* 62, 1167-1176.

Hershkowitz, I. (2001). A case study of child sexual false allegation. *Child Abuse & Neglect*, 25, 1396-1411.

Hetheron, J. (1999). The Idealization Of Women: its Role in the Minimization of Child Sexual Abuse in Females. *Child Abuse & Neglect*, 23, 161-174.

Hibbard, R. A., & Zollinger, T. W. (1990). *Child Abuse Knowledge Questionnaire*.

Hopkins, J. (s.d). False memory syndrome foundation (USA). In P. Jenkins (Ed.), False or recovered memories? Legal and Etical implications for therapists. *British Journal of Guidance & Counseling*. 25(2), 199-216.

James B., & Nasjheti, M. (1983). Treating sexually abused children and their families. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Jenkins, P. (1997). False or recovered memories? Legal and Etical implications for therapists. *British Journal of Guidance & Counseling*. 25(2), 199-216.

Kelly, L. & Radford, J. (1998). *Rethinking violence against women*. California: Sage Publications.

Kelly L., Regan L. & Burton S. (1991). An exploratory study of the prevalence of sexual abuse in a sample og 16-21 year olds. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Kenny, M. & Capri, V. (2008). *Child Sexual Abuse: From Prevention to Self-Protection. Child Abuse Review*, 17, 36-54.

Kenny, M. & Wurtele, S. (In Press). *Child Sexual Abuse Prevention: Choosing, Implementing, and Evaluating a Personal Safety Program for Young Children*.

Kohan M. J., Pothier P. & Norbeck J. S (1987). Hospitalized children with a history of sexual abuse: incidence and care issues. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Kohl, J. (1993). School-based child sexual abuse preventions programs. In R. Bolen (Ed.), *Child sexual abuse: prevention or promotion. Social Work*, 48(2), 174-185.

Krugman, R., & Jones, D. P. (1987). Incest and other forms of sexual abuse. In R. E. Helfen, & R. S. Kempe (Eds), *The Battered Child*, (286-300). Chicago: The University of Chigaco Press.

Kraizer, S. K. (1985). The safe child book. In S. Minard (Ed.), *The school counselor's role in confronting child abuse*. *School Conselor*, 41, 9-19.

Kunzman, K. (1990). *Healing Way. Adult Recovery From Childhood Sexual Abuse*. USA: Hazelden.

Lamb, M. E., Sternberg, K., J., Orbach, Y., Hershkowitz, I., & Esplin, P. W. (1999). Forensic interviews of Children. In I. Hershkowitz (Ed), *A case study of child sexual false allegation*. *Child Abuse & Neglect* (25, 1396-1411).

Leandro, A. (2008). VII Seminário – Estado, C.P.C.J.'S, Comunidade e Direitos da Criança: *O Papel do Estado, Enquadramento Legal*". Barreiro: Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco do Barreiro.

Leventhal, J. M. (2007). Children's experiences of violence: Some have much more than others. *Child Abuse & Neglect* 31, 3–6.

Lillywhite, R. & Skidmore, P. (2006). Boys Are Not Sexually Exploited? A Challenge to Practitioners. *Child Abuse Review*, 15, 351-161.

Lindsay, D. S. & Read, J. D. (1994). Incest resolutions psychotherapy and memories of childhood sexual abuse: A cognitive perspective. In L. M. Williams (Ed.), *Recall of childhood trauma: A perspective study of women's memories of child sexual abuse*. *Journal of Consulting And Clinical Psychology* 62, 1167-1176.

Loftus, E. F. (1993). The reality of repressed memories. In L. M. Williams (Ed.), *Recall of childhood trauma: A perspective study of women's memories of child sexual abuse*. *Journal of Consulting And Clinical Psychology* 62, 1167-1176.

Lumpur, K. (1994). Tenth International Congress on Child Abuse and Neglect – Creating a Caring Society for Children: A World Wide Challenge. *Child Abuse Review*, 4, 146-148.

MacIntyre, D., & Carr, A. (2000). Prevention of child sexual abuse: Implications of programme evaluation research. *Child Abuse Review*, 9, 183-199.

Macleod, J., & Nelson, G. (2000). Programs for the promotion of family wellness and the prevention of child maltreatment: A meta-analytic review. *Child Abuse & Neglect*, 24, 1127-1149.

Macmartin, C. (2004). Judicial constructions of the seriousness of child sexual abuse. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 36, 66-80.

Mahroos, F., Abdulla, F., Kamal, S., & Ansari, A. (2005). Child Abuse: Bahrain's experience. *Child Abuse & Neglect*, 29, 187-193.

Malesky, A. (2007). Online "Predators" and Their Victims. Myths, Realities, and Implications for Prevention and Treatment. *American Psychologist*, 63, 2, 111-128.

Malesky, A. (2007). Predatory Online Behavior: Modus Operandi of Convicted Sex Offenders in Identifying Potential Victims and Contacting Minors over the Internet. *Journal of Child Abuse*, 16, 2.

Manolatos, T. (2007). Hunting Down Child Predators. Social Networking sites Make it Hard for agencies to Keep Up. *The San Diego Union Tribune*. New York: LexisNexis database.

McMahon, P. M. (2000). The public health approach to the prevention of sexual violence. In K. Renk (Eds), Prevention of Child Sexual Abuse: Are We Doing Enough. *Trauma, Violence & Abuse*, 3(1), 68-84. Wurtele e Collegues, 1992 (cit in Renk et al. 2002)

Minard, S. (1993). The school counselor's role in confronting child abuse. *School Counselor*, 41, 9-19.

Mitchell K. J., Wolak J., & Finkelhor, D. (2008). Are blogs putting youth at risk for online sexual solicitation or harassment? *Child Abuse & Neglect* 32, 277–294.

Molnar, B. E., Buka, S. L., & Kessler, R. C. (2001). Child sexual abuse and subsequent psychopathology: Results from the National Comorbidity Survey. In L. S. Doll, L. J. Koenig, & D. W. Purcell, (Eds). *From child sexual abuse to adult sexual risk*. Washington, DC: American Psychological Association.

Monck E., Bentovim A., Goodall G., Hyde C., Lwin R., & Sharland E. (1993). Child sexual abuse: A descriptive and treatment study. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Mrazek, P. (1980). Sexual abuse of children. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Mrazek P., Lynch M. A., & Bentovim A. (1983). Sexual abuse of children in the United Kindom. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Nelson S. (1998). Time to Break Professional Silences. *Child Abuse Review*, 7, 1744-153.

Nibert, D., Cooper S., & Ford J. (1989). Parent's observations of the effect of a sexual-abuse prevention program on preschool children. *Child Welfare*, 5.

Noll, J. (2008). Sexual abuse of children – Unique in its effects on development? *Child Abuse & Neglect*, 32, 603–605.

Ondersma S. (2001). Sex with children is abuse: Comment on Rind, Tromovitch, and Bauserman (1998). *Psychological Bulletin*, 127, 707-714.

Palm, K., & Gibson, P. (1998). Recovered memories of childhood sexual abuse: clinicians' practices and beliefs. *Professional Psychology: Research and Practice*, 29, 257-261.

Parton, N. (1996). Child protection, family support and social work: a critical appraisal on the Department of Health research studies in child protection. In B. Gallagher (Ed.), *Understanding child sexual abuse. Child Abuse Review*, 10, 75-80.

Peters, S. D., Wyatt, G. E., & Finkelhor, D. (1986). Prevalence. In D. Meyer, (1995). *Incest: The most personal violence* (ed.), (pp. 85-99). London: Praeger.

Peters S. D., Wyatt G. E. & Finkelhor D. (1986). Prevalence. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Philadelphia Inquires (1999). During robbery, girl recalls school lesson. *EUA: Philadelphia Inquires*.

Poole, D. A., & Lindsay, D. S. (1998). Assessing the accuracy of children's reports: lessons from the investigation of child sexual abuse. In I. Hershkowitz (Ed), *A case study of child sexual false allegation. Child Abuse & Neglect* (25, 1396-1411).

Prior, S. (1996). *Object Relations in Severe Trauma. Psychotherapy of The Sexually Abused Child*. Northvale, N.J: Jason Aronson, Inc.

Rappaport, J. (1987). Terms of empowerment/ exemplars of prevention: Toward a theory for community psychology. In J. Macleod, & G. Nelson (Eds.), *Programs for the promotion of family wellness and the prevention of child maltreatment: A meta-analytic review. Child Abuse & Neglect*, 24, 1127-1149.

Rispens, J., Aleman A., & Goudena P. (1997). Prevention of child sexual abuse victimization : A meta-analytic of school programs. *Child Abuse & Neglect*, 10, 975-987.

Reener, K. E., Alksnis, c. & Park, L. (1997). The standard of social justice as a research process. In C. Macmartin (Ed.), *Judicial constructions of the seriousness of child sexual abuse. Canadian Journal of Behavioural Science*, 36, 66-80.

Renk, K., Liljesquist, L., Steinberg, A., Bosco, G., & Phares, V. (2002). Prevention of Child Sexual Abuse: Are We Doing Enough. In Kelly & Radford (Eds.), *Rethinking violence against women*. California: Sage Publications.

Renk, K., Liljesquist, L., Steinberg, A., Bosco, G., & Phares, V. (2002). Prevention of Child Sexual Abuse: Are We Doing Enough. *Trauma, Violence & Abuse*, 3(1), 68-84.

Research Team, (1990). Child sexual abuse in Northern Ireland: A research study of incidence. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Rind, B. & Tromovitch, P. (1997). A meta-analytic review of findings from national samples on psychological correlates of child sexual abuse. In L. S. Doll, L. J. Koenig, & D. W. Purcell, (Eds). *From child sexual abuse to adult sexual risk*. Washington, DC: American Psychological Association.

Rind, B., Tromovitch. P., & Bauserman, R. (1998). A meta-analytic examination of assumed properties of child sexual abuse using college samples. In S. J. Dallam (Ed.), *The effects of child sexual abuse: Comment on Rind, Tromovitch, and Bauserman. Psychological Bulletin* (127, 715-733).

Russel, D. E. (1983). The incidence and prevalence of intrafamilial and extrafamilial sexual abuse. In R. M. Bolen, (Eds.), *Child Sexual Abuse: Prevention or Promotion. Social Work*, 48(2), 174-185.

Russell, D. E.(1984). The prevalence and seriousness of incestuous abuse: stepfathers vs. biological fathers. In M., Smith, & A., Bentovim, (1994). *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

Rutter, M. (2007). Resilience, competence, and coping. *Child Abuse & Neglect* 31, 205–209.

Sánchez, A. (2001). Conhecimentos e atitudes dos pais, menores e professores em relação ao abuso sexual. *Análise Psicológica*, 2 (XIX), 253-259.

Saywitz, K. J., & Goodman, G. S. (1996). Interviewing children in and out of court: current research and practice implications. In I. Hershkowitz (Ed), A case study of child sexual false allegation. *Child Abuse & Neglect* (25, 1396-1411).

Sidebotham (s.d). In B. Gallagher (Ed.), Understanding child sexual abuse. *Child Abuse Review*, 10, 75-80.

Smith, M., & Bentovim, A. (1994). Child Abuse. *Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

So-kum Tang, C. & Chi-wai Yan, E. (2004). Intention to participate in child sexual abuse prevention programs: A study of Chinese adults in Hong Kong. *Child Abuse & Neglect*, 28, 1187-1197.

Speizer, I. S., Goodwinb M., Whittleb, L., Maureen C. & Rogersc J. (2008). Dimensions of child sexual abuse before age 15 in three Central American countries: Honduras, El Salvador, and Guatemala. *Child Abuse & Neglect* 32, 455–462.

Stewart A., Livingston M. & Dennison S. (2008). Transitions and turning points: Examining the links between child maltreatment and juvenile offending. *Child Abuse & Neglect* 32, 51–66.

Terr, L. (1994). Unchained memories: True stories of traumatic memories, lost and found. In P. Jenkins (Ed.), False or recovered memories?: Legal and ethical implications for therapists. *British Journal of Guidance & Counselling* (25, 199).

Tutty, L. M. (1992). Parent's perceptions of their child's knowledge of sexual abuse prevention concepts. In E. Burgessa, & S. Wurtele, (Eds.), Enhancing parent-child communication about sexual abuse: a pilot study. *Child Abuse & Neglect*, 22, 1167-1175.

Tutty, L. M (1993). Parent's perceptions of their child's knowledge of sexual abuse prevention concepts. In K. Renk, L. Liljesquist, A. Steinberg, G. Bosco, & V. Phares (Eds.), Prevention of Child Sexual Abuse: Are We Doing Enough. In Kelly & Radford (Eds.), *Rethinking violence against women*. California: Sage Publications.

U.S Department of Health and Human Services. (2000). Child maltreatment 1998: Reports from the states to the national child abuse and neglect data system. In K. Renk, L. Liljequist, A. Steinberg, G. Bosco, & V. Phares (Eds.), Prevention of child sexual abuse are we doing enough? (vol. 3, pp. 68-84).

U. S. Department of Health & Human Services. (2007). *Child maltreatment 2005: Reports from the States to the National Child Abuse and Neglect Data System*. Washington, DC: U. S. Government Printing Office. In Wurtele, S. & Kenny, M. (In Press). Primary Prevention of Child Sexual Abuse: Child- and Parent-Focused Approaches.

Vernon, A. & Hay, J. (1988). A preventative approach to child sexual abuse. In S. Minard (Ed.), The school counselor's role in confronting child abuse. *School Conselor*, 41, 9-19.

Wakefield, H. & Underwager, R. (1992). Recovered memories of alleged sexual abuse: Lawsuits against parents. In L. M. Williams (Ed.), Recall of childhood trauma: A perspective study of women's memories of child sexual abuse. *Journal of Consulting And Clinical Psychology* 62, 1167-1176.

Ward, E. (1984). Father – daughter rape. In C. Bagley & K. King (Eds.), *Child sexual abuse – The search for healing*. New York, NY: Tavistock / Routeledge.

Whatley, M. H. & Trudell, B. (1988). The Role of The Family in Child Sexual Abuse Preventions Programs. *Journal of Education, 170*, 1.

Wilfrid, G. (2001). A review of programs to promote family wellness and prevent the maltreatment of children. *Canadian Journal of Behavioural Science, 33*, 1-13.

Williams, L. (1994). Recall of childhood trauma: A prospective study of women's memories of child sexual abuse. *Journal of Consulting And Clinical Psychology, 62*(6), 1167-1176

Wurtele, S.; Kvaternick, M., & Franklin, C. (1992). Sexual Abuse Prevention for Preschoolers: A Survey of Parents's Behaviors, Attitudes, and Beliefs. *Journal of Child Sexual Abuse, 1*(1), 113 – 128.

Wurtele, S. K., & Kast, L. C., & Melzer, A. M. (1992). Sexual abuse prevention education for young children: A comparison of teachers and parents as instructors. In K. Renk, L. Liljesquist, A. Steinberg, G. Bosco, & V. Phares (Eds.), *Prevention of Child Sexual Abuse: Are We Doing Enough*. In Kelly & Radford (Eds.), *Rethinking violence against women*. California: Sage Publications.

Wurtele, S. & Kenny, M. (In Press). Primary Prevention of Child Sexual Abuse: Child- and Parent-Focused Approaches.

Wurtele, S. K., Kvaternick, M., & Franklin, C. F. (1992). Sexual abuse prevention: A survey of parents's behaviours, attitudes, and beliefs. In C. So-kum Tang, & E. Chi-wai Yan (Eds.), *Intention to participate in child sexual abuse prevention programs: A study of Chinese adults in Hong Kong. Child Abuse & Neglect, 28*, 1187-1197.

Yates A. (1982). Children eroticized by incest. In M. Smith, & A. Bentovim (Eds.), *Child Abuse. Child and Adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

9. ANEXOS

ANEXO A – Questionário Pais

QUESTIONÁRIO

Este questionário destina-se à realização de um trabalho de investigação sobre a temática dos Abusos Sexuais de Crianças. Pretendemos conhecer a sua opinião sobre a Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças.

É um questionário **anónimo** que se divide em perguntas abertas; perguntas de verdadeiro ou falso; e de escolha múltipla onde apenas terá que colocar uma cruz nas respostas que mais se aproximam da sua opinião.

Não existem respostas certas, nem erradas, o que será tido em conta é apenas a sua opinião. É assim, indispensável que responda o mais sinceramente possível a todas as questões apresentadas.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração

INFORMAÇÕES GERAIS

1.

Género M F

2.

Estado Civil Solteiro Casado / União Divorciado / Separado Outro

3.

Grau de Parentesco à Criança: _____

4.

	Sexo Feminino	Sexo Masculino
Número de Filhos		

5. Habilitações literárias:

Até 4ª classe

5º ao 9º ano

10º ao 12º ano

Frequência Académica

Licenciatura

Superior

6. Idade:

15-25

26-35

36-45

46-60

61-70

ATTITUDES FACE AOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS

1. As crianças devem ser ensinadas a contar a alguém se forem abusadas sexualmente

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. As crianças devem ser ensinadas de que se alguém tentar abusar sexualmente delas, estas podem dizer “não”

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. As crianças devem ser ensinadas de que quando uma pessoa mais velha tentar tocar nos seus órgãos genitais estas nunca devem guardar segredo

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. As crianças devem ser ensinadas de que ninguém lhes pode tocar de formas que as façam sentir desconfortáveis

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. Os programas de prevenção do abuso sexual de crianças deve ensinar às crianças de que se forem abusadas a culpa nunca é delas

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. As crianças devem ser ensinadas a tentar fugir se alguém tentar abusar delas

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de se sentirem seguras, fortes e livres

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. As crianças devem ser ensinadas a gritar alto quando alguém tentar abusar delas

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. As crianças devem ser ensinadas de que as únicas pessoas que abusam das crianças são estranhos

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10. As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de dizer “não” a um adulto

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11. As crianças devem ser ensinadas de quando é e não é normal uma pessoa mais velha tocar ou olhar os seus órgãos genitais

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

12. As crianças devem ser ensinadas de como denunciar se forem abusadas sexualmente

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

13. As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de decidir sobre quem deve tocar nos seus órgãos genitais

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
----------	----------	---------------	----------	----------

Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. As crianças devem ser ensinadas de que por vezes crianças mais velhas e adolescentes tentam abusar sexualmente de crianças mais novas

Discordo	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo
Totalmente				Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

15. As crianças devem ser ensinadas sobre os termos correctos para os seus órgãos genitais (por ex. pénis, vagina)

Discordo	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo
Totalmente				Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. As crianças devem ser ensinadas a resistir lutando contra o agressor (por ex. bater, dar pontapés) quando alguém tentar abusar sexualmente delas

Discordo	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo
Totalmente				Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

17. As crianças devem ser ensinadas de que alguém que elas amam e em quem confiam pode tentar abusar sexualmente dela, até mesmo a mãe, o pai, o tio, a tia, ou o/a vizinho/a

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
----------	----------	---------------	----------	----------

Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

18. As crianças devem ser ensinadas a ouvir os seus próprios sentimentos e de como se sentem perante um determinado “toque”, se consideram normal ou não

Discordo	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo
Totalmente				Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

21. As crianças devem ser ensinadas de que devem contar apenas aos seus pais se estiverem a ser vítimas de abuso

Discordo	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo
Totalmente				Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

22. As crianças devem ser ensinadas acerca do significado dos termos relacionados com o abuso sexual, tais como violar, molestar, incesto.

Discordo	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo
Totalmente				Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

23. As crianças devem ser ensinadas de que por vezes quando contam a um adulto que foram abusadas este poderá não acreditar nelas

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

24. As crianças devem ser ensinadas de que, quando feito em privado, é normal estas tocarem nos seus próprios órgãos genitais

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

25. Deve-se explicar às crianças o que se entende por comportamentos sexuais (por ex: relação sexual) para melhor as preparar para situações abusivas

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

26. As crianças mentem frequentemente acerca de terem sido sexualmente abusadas quando na verdade não o foram

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

27. Quando uma criança quer ou gosta do contacto sexual com um adulto, este não é considerado abuso

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

28. Se um contacto sexual entre um adulto e uma criança não envolver força nem relação sexual, este não deixará sequelas psicológicas para a criança

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

29. Se uma criança não denunciar o contacto sexual, o mais provável é ela querer que este continue

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

30. A maioria dos abusos acontece em famílias com problemas

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

31. Hoje em dia ocorrem mais abusos do que no passado

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

32. Numa família onde os pais se dedicam aos filhos é muito difícil ocorrer os abusos sexuais

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

33. Se uma criança revela que sofreu os abusos sexuais e em seguida o nega, provavelmente, o abuso não ocorreu

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

34. Os efeitos dos abusos sexuais de crianças são sempre muito graves

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

35. A maioria dos agressores são desconhecidos

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

36. Algumas crianças que provocam os adultos são responsáveis pelos abusos

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

37. Se um/a filho/a meu fosse sexualmente abusado/a eu seguramente me aperceberia

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

38. Os familiares denunciam sempre os abusos sexuais

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

39. Uma grande percentagem dos abusos sexuais implica violência física contra a criança

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

40. A maioria das crianças que sofrem abusos contam aos adultos

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

41. Os abusos sexuais de crianças são perpetrados tanto por homens como por mulheres

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

42. Muitas crianças inventam histórias de abusos para se vingarem dos adultos

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

43. A maioria dos agressores só se sente sexualmente atraído por crianças

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

44. Os agressores normalmente padecem de alguma doença mental

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

QUEM PRECISA DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS

45. O meu filho não está em risco de ser abusado sexualmente

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

46. As crianças do 1º ciclo são demasiado novas para aprenderem acerca de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

47. Devido ao facto dos abusos sexuais de crianças ser tão raro, as crianças do 1º ciclo não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

48. As crianças que vivem em famílias católicas não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

49. As crianças que vivem em famílias de classe média/alta não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

50. Apenas as raparigas precisam de aprender acerca dos abusos sexuais de crianças e do que fazer para se protegerem

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

51. As crianças que foram vítimas de abusos sexuais quando crescem podem tornar-se elas próprias abusadoras

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A TEMÁTICA DOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS

1. Que nível de informação considera ter sobre os Abusos Sexuais de Crianças?

Muita	Alguma	Nenhuma
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. Para si que tipo de actos são considerados Abuso Sexual de Crianças? Dê Exemplos.

3. Onde / Como adquiriu essa informação?

Workshops / Seminários / Cursos	<input type="checkbox"/>
Meios de comunicação Social	<input type="checkbox"/>
Familiares/Amigos	<input type="checkbox"/>
Outros _____	<input type="checkbox"/>

4.

		Sim	Não
4.1.	Alguma vez falou com o/s seu/s filho/s sobre a questão dos abusos sexuais de crianças?		
4.2.	Tem conhecimento dos recursos (p.e instituições, profissionais) onde denunciar situações de abusos sexuais de crianças?		
4.3.	Saberia actuar perante um possível abuso sexual?		
4.4.	Considera ter responsabilidade de denunciar casos de abusos sexuais?		
4.5.	Tem problemas em falar com crianças sobre os abusos sexuais?		
4.6.	A escola do seu filho/a aplica ou já aplicou alguma estratégia para prevenir a violência sexual?		
4.7.	Tem conhecimento de alguma escola que aborde estas questões?		
4.8.	Considera importantes os professores falarem com os pais/familiares das crianças sobre as formas de fortalecer as crianças e reduzir os riscos de violência?		
4.9.	Alguma vez falou com o/s seu/s filho/s sobre sexualidade?		

5. Como identificaria uma criança alvo de abusos sexuais?

5.1.	A criança é retraída, isolada e sossegada	
5.2.	A criança relaciona-se com os pares	
5.3.	A criança é agressiva	
5.4.	A criança tem medo, está assustada	
5.5.	A criança participa em todas as actividades físicas escolares	
5.6.	A criança fala-me acerca do problema	
5.7.	A criança é tímida	
5.8.	A criança está triste	
5.9.	A criança é comunicativa	
5.10.	A criança está indiferente	
5.11.	A criança é desconfiada	
5.12.	A criança anda furiosa	

5.13.	A criança é passiva	
5.14.	A criança tem comportamentos regressivos	
5.15.	A criança tem uma boa auto-estima	
5.16.	A criança tem comportamentos sexualizados	
5.17.	A criança tem dificuldades de aprendizagem	
5.18.	A criança não revela nenhuns problemas na escola	
5.19.	Outros Sintomas: _____ _____	

6.

	Sim	Não
Tem conhecimento de algum incidente de Abuso Sexual de Crianças que tenha ocorrido perto de si? Descreva em que circunstâncias ocorreu. _____ _____		

7. Gostaria de ter formação para poder detectar e lidar com o abuso sexual com mais segurança?
Porquê?

8. O que o/a levaria a querer participar num programa de formação sobre os abusos sexuais de crianças?

Comentários / Sugestões:

Muito obrigada pela sua colaboração

APPEPASC

ANEXO B – Questionário Professores

QUESTIONÁRIO

Este questionário destina-se à realização de um trabalho de investigação sobre a temática dos Abusos Sexuais de Crianças. Pretendemos conhecer a sua opinião sobre a Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças.

É um questionário **anónimo** que se divide em perguntas abertas; perguntas de verdadeiro ou falso; e de escolha múltipla onde apenas terá que colocar uma cruz nas respostas que mais se aproximam da sua opinião.

Não existem respostas certas, nem erradas, o que será tido em conta é apenas a sua opinião. É assim, indispensável que responda o mais sinceramente possível a todas as questões apresentadas.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração

INFORMAÇÕES GERAIS

1.

Género M F

2.

Estado Civil Solteiro Casado / União Divorciado / Separado

3.

Idade:

15-25
26-35
36-45
46-60
61-70

4. Ano que lecciona: _____

5. N° de anos que exerce a profissão:

≤ a 4 anos
De 5 a 9 anos
De 10 a 14 anos
15 a 19 anos
≥ a 20 anos

ATTITUDES FACE AOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS

19. As crianças devem ser ensinadas de como denunciar se forem abusadas sexualmente

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

20. As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de se sentirem seguras, fortes e livres

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

21. As crianças devem ser ensinadas de que devem contar apenas aos seus pais se estiverem a ser vítimas de abuso

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

22. As crianças devem ser ensinadas a contar a alguém se forem abusadas sexualmente

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

23. As crianças mentem frequentemente acerca de terem sido sexualmente abusadas quando na verdade não o foram

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

24. A maioria dos abusos acontece em famílias com problemas

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

25. Hoje em dia ocorrem mais abusos do que no passado

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

26. Numa família onde os pais se dedicam aos filhos é muito difícil ocorrer os abusos sexuais

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

27. Se uma criança revela que sofreu os abusos sexuais e em seguida o nega, provavelmente, o abuso não ocorreu

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente

28. Os efeitos dos abusos sexuais de crianças são sempre muito graves

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

29. A maioria dos agressores são desconhecidos

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

30. Algumas crianças que provocam os adultos são responsáveis pelos abusos

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

31. Se um aluno meu fosse sexualmente abusado eu seguramente me aperceberia

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

32. Os familiares denunciam sempre os abusos sexuais

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

33. Uma grande percentagem dos abusos sexuais implica violência física contra a criança

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

34. A maioria das crianças que sofrem abusos contam aos adultos

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

35. Um número similar de homens e mulheres abusam sexualmente de crianças

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

36. Muitas crianças inventam histórias de abusos para se vingarem dos adultos

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

37. A maioria dos agressores só se sente sexualmente atraído por crianças

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

38. Quando uma criança quer ou gosta do contacto sexual com um adulto, este não é considerado abuso

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
----------	----------	---------------	----------	----------

Totalmente			Nem discordo			Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

39. Os agressores normalmente padecem de alguma doença mental

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

QUEM PRECISA DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS

40. As crianças do 1º ciclo são demasiado novas para aprenderem acerca de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

41. Devido ao facto dos abusos sexuais de crianças ser tão raro, as crianças do 1º ciclo não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

Discordo	Discordo	Não concordo/	Concordo	Concordo
Totalmente		Nem discordo		Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

42. As crianças que vivem em famílias católicas não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

43. As crianças que vivem em famílias de classe média/alta não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

44. Apenas as raparigas precisam de aprender acerca dos abusos sexuais de crianças e do que fazer para se protegerem

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/ Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A TEMÁTICA DOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS NA SUA ESCOLA

1. Que nível de informação considera ter sobre os abusos sexuais de crianças?

Muita	Alguma	Nenhuma	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. Onde / Como adquiriu essa informação?

Workshops / Seminários / Cursos

Meios de comunicação Social

Outros _____

3.

		Sim	Não
3.1.	Alguma vez falou com os seus alunos sobre a questão dos abusos sexuais de crianças?		
3.2.	Saberia actuar perante um possível abuso sexual?		
3.3.	Considera ter responsabilidade de denunciar casos de abusos sexuais?		
3.4.	Até ao momento, enquanto exerceu profissão nesta escola, alguma vez discutiu com outros colegas os procedimentos para denunciar situações de abusos sexuais de crianças?		
3.5.	Tem problemas em falar com as crianças sobre os abusos sexuais?		
3.6.	Tem conhecimento dos recursos (p.e instituições, profissionais) onde denunciar situações de abusos sexuais de crianças?		
3.7.	A sua escola aplica ou já aplicou programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças?		
3.8.	A sua escola aplica ou já aplicou alguma estratégia para prevenir a violência sexual?		
3.9.	Tem conhecimento de alguma escola que aborde estas questões?		
3.10.	Costuma falar com os pais/familiares das crianças sobre as formas de fortalecer as crianças e reduzir os riscos de violência?		

4. Que procedimentos são utilizados, na sua escola, para informar os educadores acerca da lei e da responsabilidade que têm para identificar e lidar com situações de abusos sexuais de crianças?

6. Que atitudes adoptaria quando confrontado/a com uma situação abusos sexuais de crianças?

6.1.	Dirigir-se directamente à Administração da Escola	
6.2.	Denunciar a situação à entidade competente	
6.3.	Procurar e falar com os pais e familiares	
6.4.	Falaria com a criança e procurava ajudá-la na escola	
6.5.	Dirigia-se ao Director da sua escola e chamava os encarregados de educação	
6.6.	Outros: _____	

7. Como identificaria uma criança alvo de abusos sexuais?

7.1.	A criança é retraída, isolada e sossegada	
7.2.	A criança relaciona-se com os pares	
7.3.	A criança é agressiva	
7.4.	A criança tem medo, está assustada	
7.5.	A criança participa em todas as actividades físicas escolares	
7.6.	A criança fala-me acerca do problema	
7.7.	A criança é tímida	
7.8.	A criança está triste	
7.9.	A criança é comunicativa	
7.10.	A criança está indiferente	
7.11.	A criança é desconfiada	
7.12.	A criança anda furiosa	
7.13.	A criança é passiva	
7.14.	A criança tem comportamentos regressivos	
7.15.	A criança tem uma boa auto-estima	
7.16.	A criança tem comportamentos sexualizados	

7.17.	A criança tem dificuldades de aprendizagem	
7.18.	A criança não revela nenhuns problemas na escola	
7.19.	Outros Sintomas: _____ _____	

8.

	Sim	Não
Já lidou com situações de abusos sexuais de crianças?		

	Sim	Não	
Se sim , denunciou a situação?			Se não , o que o/a levou a não realizar a denúncia? _____
Se sim, a quem se dirigiu: _____			
Encontrou problemas a efectuar a denúncia?			
Se sim , de que tipo: _____			

9. Suponha que **denunciou** uma situação de abuso sexual de crianças. Quais considera que terão sido as razões mais significativas para ter procedido à denúncia?

		Nada importante	Importante	Muito importante
9.1.	Proteger a criança			
9.2.	Para que as lesões da criança possam ser tratadas			
9.3.	Para que possa ser dado apoio à criança			

9.4.	Para que o abusador seja apanhado			
9.5.	Para que se possa dar terapia ao abusador			
9.6.	Porque é meu dever e responsabilidade relatar a situação			
9.7.	Outras razões, especifique: _____ _____			

10. Suponha que decidiu **não relatar** uma situação abuso sexual de crianças. Quais considera que terão sido as razões mais significativas para não ter procedido à denúncia?

		Nada importante	Importante	Muito importante
10.1.	Pode ter-se tratado de um mal-entendido			
10.2.	Não tenho provas suficientes para alegar que de facto se tratou de abuso			
10.3.	É um problema familiar, os outros não devem interferir			
10.4.	A situação não é séria			
10.5.	Se denunciar posso meter-me em sarilhos			
10.6.	A família torna-se mais disposta a receber ajuda se não relatar a situação			
10.7.	Outras razões, especifique: _____ _____			

OS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS NO FUTURO

1. De que forma considera que a sua escola poderá contribuir para o aumento da prevenção dos abusos sexuais de crianças? Dê sugestões e ideias.

3. O que o/a levaria a querer participar num programa de formação sobre os abusos sexuais de crianças?

Comentários / Sugestões:

Muito obrigada pela sua colaboração

APPEPASC

**ANEXO C – Questionário das Crianças – Tradução do Children’s Knowledge of Abuse
Questionnaire Revised – II (CKAQ –RII)**

CKAQ-Revision III¹

Número de identificação: _____ Idade: _____ M____ ou F____

Por favor, responde/a V para Verdadeiro e F para Falso ou NS para Não Sei, às seguintes questões:

- _____ 1. Tens sempre de guardar todos os segredos?
 - _____ 2. Está certo que as pessoas de quem gostas te abracem?
 - _____ 3. Sabes sempre quem são os estranhos, porque se vê que são maus?
 - _____ 4. Muitas crianças gostam de receber um beijinho dos seus pais antes de irem para a cama à noite, para essas crianças, este é um bom toque?
 - _____ 5. Às vezes é correcto dizeres que “Não” a um adulto?
 - _____ 6. Está certo dizer que “não” e prosseguires se alguém te tocar de uma forma que não gostas?
 - _____ 7. Mesmo que alguém diga que te conhece, se tu não o/a conheces é um estranho?
 - _____ 8. Até os abraços e as cócegas podem ser maus toques se durarem muito tempo?
 - _____ 9. Se caíres da bicicleta e te magoares nas partes do corpo mais privadas, está certo que um médico ou uma enfermeira te vejam sem roupas?
-

- ____ 10. Se alguém te tocar de uma forma que tu não gostas, deves dizer a alguém em quem tu confies.
- ____ 11. Se um amigo teu disser que nunca mais é teu amigo se não lhe deres o último pedaço de um doce, então deves dar-lhe?
- ____ 12. Se alguém te tocar de uma forma que tu não gostas, a culpa é tua?
- ____ 13. Se não gostares da forma como alguém te toca, está certo dizeres que “não”?
- ____ 14. Os estranhos parecem-se com as outras pessoas?
- ____ 15. Se um adulto te manda fazer alguma coisa tens sempre de a fazer?
- ____ 16. Alguns toques começam por saber bem mas depois tornam-se confusos?
- ____ 17. Podes confiar nos teus sentimentos para saberes se um toque é bom ou mau?
- ____ 18. Está certo receber abraços dos adultos de quem gostas?
- ____ 19. Se um menino mau da tua escola te mandar fazer alguma coisa, o melhor é fazeres?
- ____ 20. Mesmo uma pessoa de quem gostas te pode tocar de uma forma de que tu não gostas?
- ____ 21. Se um professor de quem tu gostas te der uma palmadinha nas costas, depois de teres feito alguma coisa da escola bem feita, é um bom toque?
- ____ 22. Tens de deixar os adultos tocarem-te, quer gostes ou não?
- ____ 23. Se alguém te tocar de uma forma de que não gostas deves ir dizendo até que alguém acredite em ti?

- ____ 24. Por vezes alguém da tua família pode tocar-te de uma forma que não gostas?
- ____ 25. Os rapazes não têm que se preocupar com alguém tocar as suas partes privadas?
- ____ 26. Se fores a passear na rua com a tua mãe ou o teu pai e ela ou ele começarem a falar com um vizinho que ainda não conheces, é certo falares com ele também?
- ____ 27. Se um amigo do teu pai te pedir ajuda para procurar o seu gato que fugiu, deves ir logo com ele e ajudá-lo?
- ____ 28. Se ganhares o concurso de melhor desenho na tua escola e um vizinho que tu gostas te der um abraço de parabéns, isso é um bom toque?
- ____ 29. A maioria das pessoas são estranhos e muitos dos estranhos são bons?
- ____ 30. Alguém que tu conheces, ou mesmo alguém da tua família pode querer tocar-te nas partes privadas de uma forma que te deixa confuso?
- ____ 31. Se a tua ama/*baby sitter* (a pessoa que está a tomar conta de ti) te mandar tirar a roupa e ainda não é hora de ir para a cama, tens de o fazer?
- ____ 32. Se alguém entrar enquanto estás a tomar banho, e te sentires desconfortável, deves ficar calado/a?
- ____ 33. Se te perderes dos teus pais no Centro Comercial, está certo pedires ajuda a uma vendedora ou a um segurança, mesmo que sejam estranhos?

ANEXO D: Análises Estatísticas

Frequencies

Frequency Table

Género

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Masculino	6	26,1	26,1	26,1
Feminino	17	73,9	73,9	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Est.Civil

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid solteiro	1	4,3	4,3	4,3
casado/união	20	87,0	87,0	91,3
divorciado/separado	2	8,7	8,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Parentesco

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pai	6	26,1	26,1	26,1
Mãe	17	73,9	73,9	100,0
Total	23	100,0	100,0	

NuFilhos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Um	8	34,8	34,8	34,8
Dois	13	56,5	56,5	91,3
Três	1	4,3	4,3	95,7
5	1	4,3	4,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

HabLit

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 5°-9°anos	1	4,3	4,3	4,3
10°-12°ano	4	17,4	17,4	21,7
Licenciatura	15	65,2	65,2	87,0
Superior	3	13,0	13,0	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Idade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 26-35	3	13,0	13,0	13,0
36-45	18	78,3	78,3	91,3
46-60	1	4,3	4,3	95,7
61-70	1	4,3	4,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas a contar a alguém se forem abusadas sexualmente

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo	2	8,7	8,7	8,7
Concordo Totalmente	21	91,3	91,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que se alguém tentar abusar sexualmente delas, estas podem dizer "não"

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo	1	4,3	4,3	4,3
Concordo Totalmente	22	95,7	95,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que quando uma pessoa mais velha tentar tocar nos seus órgãos genitais estas nunca devem guardar segredo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,3	4,3
Concordo	1	4,3	4,3	8,7
Concordo Totalmente	21	91,3	91,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que ninguém lhes pode tocar de formas que as façam sentir desconfortáveis

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo	1	4,3	4,3	4,3
Concordo Totalmente	22	95,7	95,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Os programas de prevenção do abuso sexual de crianças deve ensinar às crianças de que se forem abusadas a culpa nunca é delas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,3	4,3
Concordo Totalmente	22	95,7	95,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas a tentar fugir se alguém tentar abusar delas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo	2	8,7	8,7	8,7
Concordo Totalmente	21	91,3	91,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de se sentirem seguras, fortes e livres

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo	1	4,3	4,3	4,3
Concordo Totalmente	22	95,7	95,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas a gritar alto quando alguém tentar abusar delas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo	3	13,0	13,0	13,0
Concordo Totalmente	20	87,0	87,0	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que as únicas pessoas que abusam das crianças são estranhos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo Totalmente	1	4,3	4,3	4,3
Concordo	1	4,3	4,3	8,7
Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,3	13,0
Discordo	8	34,8	34,8	47,8
Discordo Totalmente	12	52,2	52,2	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de dizer "não" a um adulto

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo	8	34,8	34,8	34,8
Concordo Totalmente	15	65,2	65,2	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de quando é e não é normal uma pessoa mais velha tocar ou olhar os seus órgãos genitais

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Discordo	1	4,3	4,3	4,3
Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,3	8,7
Concordo	4	17,4	17,4	26,1
Concordo Totalmente	17	73,9	73,9	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de como denunciar se forem abusadas sexualmente

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,3	4,3
Concordo	4	17,4	17,4	21,7
Concordo Totalmente	18	78,3	78,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que têm o direito de decidir sobre quem deve tocar nos seus órgãos genitais

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Discordo Totalmente	1	4,3	4,5	4,5
Concordo	6	26,1	27,3	31,8
Concordo Totalmente	15	65,2	68,2	100,0
Total	22	95,7	100,0	
Missing 99	1	4,3		
Total	23	100,0		

As crianças devem ser ensinadas de que por vezes crianças mais velhas e adolescentes tentam abusar sexualmente de crianças mais novas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Discordo Totalmente	1	4,3	4,3	4,3
Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,3	8,7
Concordo	7	30,4	30,4	39,1
Concordo Totalmente	14	60,9	60,9	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas sobre os termos correctos para os seus órgãos genitais (por ex. pénis, vagina)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo	7	30,4	30,4	30,4
Concordo Totalmente	16	69,6	69,6	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas a resistir lutando contra o agressor (por ex. bater, dar pontapés) quando alguém tentar abusar sexualmente delas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Discordo Totalmente	1	4,3	4,5	4,5
Não Concordo, Nem Discordo	2	8,7	9,1	13,6
Concordo	5	21,7	22,7	36,4
Concordo Totalmente	14	60,9	63,6	100,0
Total	22	95,7	100,0	
Missing 99	1	4,3		
Total	23	100,0		

As crianças devem ser ensinadas de que alguém que elas amam e em quem confiam pode tentar abusar sexualmente dela, até mesmo a mãe, o pai, o tio, a tia, ou o/a vizinho/a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Discordo Totalmente	1	4,3	4,3	4,3
Discordo	2	8,7	8,7	13,0
Concordo	7	30,4	30,4	43,5
Concordo Totalmente	13	56,5	56,5	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas a ouvir os seus próprios sentimentos e de como se sentem perante um determinado "toque", se consideram normal ou não

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Discordo	1	4,3	4,3	4,3
Não Concordo, Nem Discordo	2	8,7	8,7	13,0
Concordo	7	30,4	30,4	43,5
Concordo Totalmente	13	56,5	56,5	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que devem contar apenas aos seus pais se estiverem a ser vítimas de abuso

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Concordo Totalmente	1	4,3	4,5	4,5
Concordo	1	4,3	4,5	9,1
Não Concordo, Nem Discordo	2	8,7	9,1	18,2
Discordo	13	56,5	59,1	77,3
Discordo Totalmente	5	21,7	22,7	100,0
Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	4,3		
Total	23	100,0		

As crianças devem ser ensinadas acerca do significado dos termos relacionados com o abuso sexual, tais como violar, molestar, incesto.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Discordo	1	4,3	4,3	4,3
Não Concordo, Nem Discordo	3	13,0	13,0	17,4
Concordo	9	39,1	39,1	56,5
Concordo Totalmente	10	43,5	43,5	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que por vezes quando contam a um adulto que foram abusadas este poderá não acreditar nelas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Discordo Totalmente	3	13,0	13,0	13,0
Discordo	4	17,4	17,4	30,4
Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,3	34,8
Concordo	8	34,8	34,8	69,6
Concordo Totalmente	7	30,4	30,4	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As crianças devem ser ensinadas de que, quando feito em privado, é normal estas tocarem nos seus próprios órgãos genitais

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Discordo Totalmente	2	8,7	8,7	8,7
Discordo	3	13,0	13,0	21,7
Não Concordo, Nem Discordo	4	17,4	17,4	39,1
Concordo	7	30,4	30,4	69,6
Concordo Totalmente	7	30,4	30,4	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Deve-se explicar às crianças o que se entende por comportamentos sexuais (por ex: relação sexual) para melhor as preparar para situações abusivas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Não Concordo, Nem Discordo	3	13,0	13,6	13,6
Concordo	10	43,5	45,5	59,1
Concordo Totalmente	9	39,1	40,9	100,0
Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3	
Total	23	100,0		

As crianças mentem frequentemente acerca de terem sido sexualmente abusadas quando na verdade não o foram

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Não Concordo, Nem Discordo	3	13,0	13,6	13,6
Discordo	13	56,5	59,1	72,7
Discordo Totalmente	6	26,1	27,3	100,0
Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3	
Total	23	100,0		

Quando uma criança quer ou gosta do contacto sexual com um adulto, este não é considerado abuso

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo	1	4,3	4,5	4,5
	Discordo	6	26,1	27,3	31,8
	Discordo Totalmente	15	65,2	68,2	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

Se um contacto sexual entre um adulto e uma criança não envolver força nem relação sexual, este não deixará sequelas psicológicas para a criança

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo	7	30,4	31,8	31,8
	Discordo Totalmente	15	65,2	68,2	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

Se uma criança não denunciar o contacto sexual, o mais provável é ela querer que este continue

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo	6	26,1	27,3	27,3
	Discordo Totalmente	16	69,6	72,7	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

A maioria dos abusos acontece em famílias com problemas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo	1	4,3	4,3	4,3
	Não Concordo, Nem Discordo	5	21,7	21,7	26,1
	Discordo	7	30,4	30,4	56,5
	Discordo Totalmente	10	43,5	43,5	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hoje em dia ocorrem mais abusos do que antigamente

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo Totalmente	2	8,7	9,1	9,1
	Concordo	1	4,3	4,5	13,6
	Não Concordo, Nem Discordo	7	30,4	31,8	45,5
	Discordo	8	34,8	36,4	81,8
	Discordo Totalmente	4	17,4	18,2	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

Numa família onde os pais se dedicam aos filhos é muito difícil ocorrer os abusos sexuais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo Totalmente	1	4,3	4,3	4,3
	Concordo	6	26,1	26,1	30,4
	Não Concordo, Nem Discordo	2	8,7	8,7	39,1
	Discordo	8	34,8	34,8	73,9
	Discordo Totalmente	6	26,1	26,1	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Se uma criança revela que sofreu os abusos sexuais e em seguida o nega, provavelmente, o abuso não ocorreu

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não Concordo, Nem Discordo	5	21,7	23,8	23,8
	Discordo	11	47,8	52,4	76,2
	Discordo Totalmente	5	21,7	23,8	100,0
	Total	21	91,3	100,0	
Missing	99	2	8,7		
Total		23	100,0		

Os efeitos dos abusos sexuais de crianças são sempre muito graves

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,3	4,3
	Concordo	8	34,8	34,8	39,1
	Concordo Totalmente	14	60,9	60,9	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

A maioria dos agressores são desconhecidos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo Totalmente	2	8,7	9,1	9,1
	Não Concordo, Nem Discordo	3	13,0	13,6	22,7
	Discordo	11	47,8	50,0	72,7
	Discordo Totalmente	6	26,1	27,3	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

Algumas crianças que provocam os adultos são responsáveis pelos abusos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não Concordo, Nem	1	4,3	4,5	4,5
	Discordo	9	39,1	40,9	45,5
	Discordo Totalmente	12	52,2	54,5	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

Se um/a filho/a meu fosse sexualmente abusado/a eu seguramente me aperceberia

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo	5	21,7	21,7	21,7
	Não Concordo, Nem	11	47,8	47,8	69,6
	Discordo	7	30,4	30,4	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Os familiares denunciam sempre os abusos sexuais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo Totalmente	1	4,3	4,3	4,3
	Concordo	1	4,3	4,3	8,7
	Não Concordo, Nem	4	17,4	17,4	26,1
	Discordo	16	69,6	69,6	95,7
	Discordo Totalmente	1	4,3	4,3	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Uma grande percentagem dos abusos sexuais implica violência física contra a criança

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo Totalmente	3	13,0	13,6	13,6
	Concordo	3	13,0	13,6	27,3
	Não Concordo, Nem	6	26,1	27,3	54,5
	Discordo	9	39,1	40,9	95,5
	Discordo Totalmente	1	4,3	4,5	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

A maioria das crianças que sofrem abusos contam aos adultos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não Concordo, Nem	7	30,4	30,4	30,4
Discordo	14	60,9	60,9	91,3
Discordo Totalmente	2	8,7	8,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Os abusos sexuais de crianças são perpetrados tanto por homens como por mulheres

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Discordo	1	4,3	4,3	4,3
Não Concordo, Nem	6	26,1	26,1	30,4
Discordo	13	56,5	56,5	87,0
Concordo	3	13,0	13,0	100,0
Concordo Totalmente	23	100,0	100,0	
Total				

Muitas crianças inventam histórias de abusos para se vingarem dos adultos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não Concordo, Nem	7	30,4	30,4	30,4
Discordo	15	65,2	65,2	95,7
Discordo Totalmente	1	4,3	4,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

A maioria dos agressores só se sente sexualmente atraído por crianças

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Concordo Totalmente	1	4,3	4,5	4,5
Concordo	2	8,7	9,1	13,6
Não Concordo, Nem	8	34,8	36,4	50,0
Discordo	11	47,8	50,0	100,0
Total	22	95,7	100,0	
Missing 99	1	4,3		
Total	23	100,0		

Os agressores normalmente padecem de alguma doença mental

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo Totalmente	3	13,0	13,6	13,6
	Concordo	6	26,1	27,3	40,9
	Não Concordo, Nem Discordo	4	17,4	18,2	59,1
	Discordo	8	34,8	36,4	95,5
	Discordo Totalmente	1	4,3	4,5	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

O meu filho não está em risco de ser abusado sexualmente

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo Totalmente	3	13,0	13,6	13,6
	Concordo	2	8,7	9,1	22,7
	Não Concordo, Nem Discordo	7	30,4	31,8	54,5
	Discordo	7	30,4	31,8	86,4
	Discordo Totalmente	3	13,0	13,6	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

As crianças do 1º ciclo são demasiado novas para aprenderem acerca de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo Totalmente	1	4,3	4,3	4,3
	Concordo	1	4,3	4,3	8,7
	Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,3	13,0
	Discordo	15	65,2	65,2	78,3
	Discordo Totalmente	5	21,7	21,7	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Devido ao facto dos abusos sexuais de crianças ser tão raro, as crianças do 1º ciclo não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não Concordo, Nem Discordo	1	4,3	4,5	4,5
	Discordo	15	65,2	68,2	72,7
	Discordo Totalmente	6	26,1	27,3	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

As crianças que vivem em famílias católicas não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo	13	56,5	59,1	59,1
	Discordo Totalmente	9	39,1	40,9	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

As crianças que vivem em famílias de classe média/alta não precisam de programas de prevenção dos abusos sexuais de crianças

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo	13	56,5	59,1	59,1
	Discordo Totalmente	9	39,1	40,9	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

Apenas as raparigas precisam de aprender acerca dos abusos sexuais de crianças e do que fazer para se protegerem

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo	12	52,2	54,5	54,5
	Discordo Totalmente	10	43,5	45,5	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

As crianças que foram vítimas de abusos sexuais quando crescem podem

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo Totalmente	1	4,3	4,5	4,5
	Concordo	7	30,4	31,8	36,4
	Não Concordo, Nem	9	39,1	40,9	77,3
	Discordo	5	21,7	22,7	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

Qual o nível de informação que considera ter sobre os abusos sexuais de crianças?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muita	2	8,7	9,1	9,1
	Alguma	19	82,6	86,4	95,5
	Nenhuma	1	4,3	4,5	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

Adquiri a informação em workshops/seminarios/cursos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid assinala	8	34,8	34,8	34,8
não assinala	15	65,2	65,2	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Adquiri a informação pelos media

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid assinala	18	78,3	78,3	78,3
não assinala	5	21,7	21,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Adquiri a informação por familiares /amigos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid assinala	10	43,5	43,5	43,5
não assinala	13	56,5	56,5	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Outras formas - área profissional

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid assinala	5	21,7	21,7	21,7
não assinala	18	78,3	78,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Alguma vez falou com os seus filhos sobre a questão dos abusos sexuais de crianças?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid sim	7	30,4	31,8	31,8
não	15	65,2	68,2	100,0
Total	22	95,7	100,0	
Missing 99	1	4,3		
Total	23	100,0		

Tem conhecimento dos recursos para denunciar?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid sim	17	73,9	85,0	85,0
não	3	13,0	15,0	100,0
Total	20	87,0	100,0	
Missing 99	3	13,0		
Total	23	100,0		

Saberia actuar perante um possível abuso sexual?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	14	60,9	77,8	77,8
	não	4	17,4	22,2	100,0
	Total	18	78,3	100,0	
Missing	99	5	21,7		
Total		23	100,0		

Considera ter responsabilidade de denunciar casos de abusos sexuais?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	20	87,0	90,9	90,9
	não	2	8,7	9,1	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

Tem problemas em falar com as crianças sobre os abusos sexuais?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	2	8,7	9,5	9,5
	não	19	82,6	90,5	100,0
	Total	21	91,3	100,0	
Missing	99	2	8,7		
Total		23	100,0		

A escola do seu filho aplica ou já aplicou alguma estratégia para prevenir a violencia sexual?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	13	56,5	65,0	65,0
	não	7	30,4	35,0	100,0
	Total	20	87,0	100,0	
Missing	99	3	13,0		
Total		23	100,0		

Tem conhecimento de alguma escola que aborde estas questões?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	2	8,7	10,0	10,0
	não	18	78,3	90,0	100,0
	Total	20	87,0	100,0	
Missing	99	3	13,0		
Total		23	100,0		

considera importantes os professores falarem com os pais e familiares sobre como fortalecer as crianças e reduzir os riscos da violência?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	21	91,3	95,5	95,5
	não	1	4,3	4,5	100,0
	Total	22	95,7	100,0	
Missing	99	1	4,3		
Total		23	100,0		

alguma vez falou com os seus filhos sobre sexualidade?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	15	65,2	75,0	75,0
	não	5	21,7	25,0	100,0
	Total	20	87,0	100,0	
Missing	99	3	13,0		
Total		23	100,0		

Identificaria uma criança alvo de abusos por ser retraída, sossegada e isolada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	assinala	17	73,9	73,9	73,9
	não assinala	6	26,1	26,1	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

A criança relaciona-se com os pares

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	assinala	3	13,0	13,0	13,0
	não assinala	20	87,0	87,0	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

A criança é agressiva

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	assinala	13	56,5	56,5	56,5
	não assinala	10	43,5	43,5	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

tem medo está assustada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	assinala	20	87,0	87,0	87,0
	não assinala	3	13,0	13,0	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

não revela problemas na escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid assinala	2	8,7	8,7	8,7
não assinala	21	91,3	91,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Outros sintomas:

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid assinala	3	13,0	13,0	13,0
não assinala	20	87,0	87,0	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Tem conhecimento de algum incidente de abuso que tenha ocorrido perto de si?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid sim	2	8,7	10,0	10,0
não	18	78,3	90,0	100,0
Total	20	87,0	100,0	
Missing 99	3	13,0		
Total	23	100,0		

Frequencies

Statistics

	A Preven	A Agressores	A Mitos
N Valid	23	23	23
Missing	0	0	0
Mean	103,13	13,43	58,09
Std. Deviation	8,281	2,332	8,458
Minimum	83	8	26
Maximum	112	17	67

Frequencies

Statistics

Progr_Prev

N Valid	23
Missing	0
Mean	26,48
Std. Deviation	5,938
Minimum	1
Maximum	32